

EURO S. R.

POEMAS DE ROTINA

1977 – 1984

Rio de Janeiro

2015

Enfrentemos a época tal qual ela se nos apresenta.

Shakespeare

*Quem aspira a uma vida tranquila cometeu um engano
ao nascer no século XX.*

Leon Trotsky

É, Euro, a puta da rotina encalhou...

Zérenato de Souza

Barretos, SP, 1969

LÉO, VERO E FERRO

LÉO - LEONARDO

ASCETA CIGANO

DE TERNO

GRAVATA

E GUARDA - PÓ

CANTANTE PROFETA

CONTENTE POETA

PARNASIANO

E SÓ

VERO - LEONARDO

VELHO PAISANO

DE GUERRA

VELHO GATURAMO

DA SERRA

DO MONTE

AZUL

VELHO CIVIL

DIFÍCIL

FERO - LEONARDO

POESIA SONORA

E DERRAMADA

MILIMETRADA, APRISIONADA

SEM PÉ QUEBRADO

SEM PÉ

NEM CABEÇA: POESIA

SONS E PALAVRAS

LÉO - LEONARDO

O BRAÇO ENGESSADO

DE UMA QUEDA

DE UMA FUGA

DE CACHORROS VADIOS

VAZIOS

O BRAÇO, O PÉ

O CORAÇÃO, A MENTE

SOMENTE, SEMENTE

A MENTE SÃ

A MENTE VÃ

DAR PÉ / PERDER O PÉ

INSANO MUNDO

IMUNDO CÁRCERE

DA ALEGRIA
DA FANTASIA

VERO - LEONARDO

POESIA ADJETIVA

E VIDA SUBSTANTIVA

POESIA - VIDA : FUGIDIA, FALIDA, CONSENTIDA

E COM SENTIDO

VIVER

PARNASIANAMENTE

EM PLENO (FIM DE) SÉCULO XX

DENTRO E FORA

DE SEU TEMPO

ARCAICO E MODERNO

FORMAL E LIBERTÁRIO

DOGMÁTICO E COMPLACENTE

CONTRADITÓRIO

COMO TODO POETA / COMO TODO HOMEM

FERO - LEONARDO

VISIONÁRIO CIGANO

PRAGMÁTICO

FLEUGMÁTICO

OLHANDO A VIDA DE FRENTE
QUE A VIDA NÃO SE OLHA DE BANDA
QUE A VIDA NÃO É QUITANDA
ACEITANDO OS NOVOS TEMPOS
E QUERENDO SER ACEITO POR ELES
CONTEMPORÂNEO, ENFIM
SUCEDÂNEO...
E A CONTEMPORANEIDADE
NESTE SÉCULO
É UMA DOENÇA
É UM ESTIGMA
É UM ENIGMA
NESTE PAÍS RICO - POBRE
NESTE PAÍS NOVO - VELHO
NESTE PAÍS NORTE - SUL
NESTE PAÍS AINDA PRESO À SUA PRÓPRIA SUBJETIVIDADE

LÉO - LEONARDO
CONSERVADOR NA FORMA
E PROGRESSISTA NA IDÉIA
CONDESCENDENTE NA VIDA
E INTRANSIGENTE NA POESIA
FELIZ
À SUA MANEIRA

QUE VIRAM SANTOS OU HERÓIS
APENAS DEPOIS DE MORTOS
SEM DEFEITOS
MOMENTANEAMENTE
(DURANTE AS HOMENAGENS)
E DEPOIS SÃO ESQUECIDOS
OU MUMIFICADOS
O QUE DÁ NO MESMO
O QUE NÃO É MAIS
QUE UMA FORMA DE OS TER DOMINADOS
ENQUADRADOS
DEFINITIVAMENTE MORTOS
DOMADOS NA MORTE
OS QUE O NÃO PUDERAM SER EM VIDA

EU NÃO
EU NÃO QUERO TE FAZER UM NECROLÓGIO
MAS UMA ODE À VIDA
ODE - VIDA, DOCE VIDA
IGUAL E DIFERENTE
BANAL E PERMANENTE
FATAL E DE REPENTE
FERA LEVEZA
VERA BELEZA

AU, AU, BRIJULEZA !

MALANDRO - AGULHA

NÃO PERDE A LINHA

LÉO, VERO E FERRO LEONARDO

OVO - VOVÔ

Copacabana, Rio de Janeiro, fevereiro de 1977

30 ANOS
OU
QUAL É, BALZAC ?

30 ANOS - ADOLESCÊNCIA

INSOLVÊNCIA / INSOLÊNCIA

30 ANOS - JUVENTUDE

PLENITUDE / ATITUDE

30 ANOS - AMADURECIMENTO

ENTORPECIMENTO / ESMORECIMENTO

30 ANOS - DESENGANOS

LHANOS / INSANOS

PROFANOS

30 ANOS DE MARRA

SEM GARRA

SEM GRANA

DE GARRA

APARADA

NO DENTE

NO ÔLHO

DA RUA

30 ANOS DE ESQUINA
DE BÊCO
SEM SAÍDA
DE DOBRADO
DE PALAVRA
FINA LAVRA

30 ANOS DE DANÇA
NA PONTA
DA LANÇA
NO TRANSE
NO LANCE

30 ANOS DE RISADA
HIENA
FALENA
MORENA
TEM PENA

30 ANOS DE DELÍRIOS

DE COLÍRIOS
DE DELÍCIAS
DE DELEITES
DE DESFEITAS
CONTRAFEITAS

30 ANOS
E NÃO TER FEITO NADA
ESPELHO QUEBRADO
FADADO
SAFADO
LEÃO FERIDO
LEÃO TANGIDO
CARNEIRO UNGIDO

30 ANOS
DE MINHA MÃE AS CARÍCIAS
E OS BEIJOS DE MINHA IRMÃ
PANOS QUENTES, SERPENTES
PRANTO, QUEBRANTO
POMBA ROLA, POMBA TOLA
E A SAUDADE
INGENTE

MATA A GENTE

MORENA

30 ANOS

DÚVIDAS E CERTEZAS

DESCOBERTAS E CICATRIZES

- POR MEDALHAS

DÍVIDAS E ESPERTEZAS

ALERTAS E DESLIZES

- POR MIGALHAS

30 ANOS

E AINDA SEDENTO

TORMENTO

DEMENTE

POTENTE

AUSENTE

FILHO PRÓDIGO

QUE NÃO VOLTA ATRÁS

FICAR VELHO

AINDA CRIANÇA

SENIL / INFANTIL

30 ANOS DE BRASIL

30 ANOS

E AINDA FAZENDO CARETA

E AINDA TOCANDO TROMBETA

E AINDA CHUPANDO CHUPETA

E AINDA OUVINDO RETRETA

E AINDA FAZENDO MUTRETA

E AINDA BATENDO PUNHETA

Copacabana, Rio de Janeiro, abril de 1977

BALADA PARA DOCA STREET

OS HOMENS / OS RICOS

TAMBÉM CHORAM

DE AMOR

E DE ÓDIO

DE TEMOR

E DE TÉDIO

FALSA BALADA

EMBALADA BALADA

AS MULHERES / OS POBRES

TAMBÉM RIEM

DE NERVOSO

DE LANGOR

DE TORPOR

E DE FOME

DORIDA BALADA

CONTIDA BALADA

OS HOMENS / OS ALGOZES

TAMBÉM SÃO VÍTIMAS

DA MORALIDADE

DA HIPOCRISIA

DA AFETAÇÃO

USADA BALADA

VAZADA BALADA

AS MULHERES / OS HOMENS

TAMBÉM SÃO VÍTIMAS

DOS VALORES

DOS MEIOS

DE COMUNICAÇÃO

AS MULHERES / OS HOMENS

TAMBÉM SÃO VEÍCULOS

DE DOMINAÇÃO

BALADA NOVELA

BALADA NOVELO

OS POBRES, POBRES
DIVAGANDO, SALIVANDO
OS RICOS
PROVANDO, DEGUSTANDO
DE SEU PRÓPRIO REMÉDIO
DE SEU PRÓPRIO VENENO

ENGRAÇADA BALADA
DESGRAÇADA BALADA

O AMOR TAMBÉM MENTE
TAMBÉM TRAPACEIA
TAMBÉM NEGACEIA

O AMOR TAMBÉM ODEIA
AMOR - HUMOR
AMOR - HORROR
AMOR - TERROR
AMOR - TUMOR

AMADA BALADA
ILHADA BALADA

A HONRA E O PRAZER
O ESCÁRNIO E A SALVAÇÃO

A MORAL E O DESEJO
O IDEOLÓGICO E O BIOLÓGICO
OS FINS E OS MEIOS
DE COMUNICAÇÃO

BADALADA BALADA
REGALADA BALADA

O MACHISMO
OPRESSOR / PROFESSOR
MORAL DOS VENCEDORES
E O VENCEDOR AMA MAL – IMORAL
E O VENCIDO AMA MAL – AMORAL

O MACHISMO
OPRIMINDO
A MULHER
E O HOMEM

FALO BALADA
BALADA FALAZ

O MACHISMO
DIVISOR / INCOLOR
CLASSISMO SEXUAL

CLASSISMO : DIVISÃO EM CLASSES

MACHISMO : DIVISÃO EM SEXOS

MACHISMO - DIVISÃO

... SOLIDÃO

BALADA SUTIL

BALADA FUNIL

A DIVISÃO / A SOLIDÃO

ARMADA

DIVISÃO, COLUNAS, VIGAS MESTRAS

SOLIDÃO E COLUNAS SOCIAIS

O CAFÉ COM LEITE

E O CAFÉ SOÇAITE

A QUESTÃO SOCIAL COMO CASO DE POLÍCIA

A QUESTÃO SOÇAITE COMO CASO DE POLÍCIA

A HONRA E A VERGONHA

O NOME E A ASCENDÊNCIA

NOME, NOME, SUBSERVIÊNCIA

O DINHEIRO, A DEGENERESCÊNCIA

E A POSTURA FALSA DOS VITORIOSOS

BALADA DIFUSA

BALADA CONFUSA

DON JUAN

DON DOCA

DONDOCA STREET

CAIM MATANDO ABEL

MALDIÇÃO, INJUNÇÃO, CONDIÇÃO

IRMÃOS DE CLASSE

IRMÃOS DE SANGUE

IRMÃOS NO SANGUE

A ABELHA E SEU ZANGÃO

ZANGADO

IRMÃO

BALADA PARA DOCA STREET

BALADA DE REVOLVER

Copacabana, Rio de Janeiro, abril de 1977

O SENSO COMUM

QUE É O SENSO COMUM
SENÃO O SENSO
 CONSENSO
DOS MAIS FORTES
DOS VENCEDORES
DOS DOMINANTES
O SENSO COMUM
REFLETE
O ENFEITIÇAMENTO DOS COMUNS
PELOS BRUXOS DOMINANTES
O SENSO COMUM
É A VOZ
GERAL
DE COMANDO
SUBLIMINAR
PENSO, LOGO INSISTO
SENSO INCOMUM

Copacabana, Rio de Janeiro, outubro de 1977

DOCE RAINHA

OS NEGÓCIOS, OS ÓCIOS

OS VALORES, AS DORES

AS EMOÇÕES, AS GERAÇÕES

EM CONFLITO

A VERDADE, A VONTADE

A COMPAIXÃO, A SOLIDÃO

O NOSSO AMOR

DOCE

ESTÁ EM CRISE

RAINHA

COMO TUDO O MAIS

À NOSSA VOLTA

PROBLEMAS PESSOAIS, NACIONAIS

TRABALHO, REBOTALHO

CONVIVÊNCIA, CONVENIÊNCIA

ROTINA, CORTINA

DE FUMAÇA

NEGAR, COMPACTUAR

A FARSA DENTRO DE SI

A FARSA DENTRO DE CASA

QUERER SER LIVRE

INDIVIDUALMENTE
EM MEIO À ESCRAVIDÃO
VENENO SUTIL
E ENDOVENOSO

COMO UMA PICADA

O PARTICULAR E O GERAL
A PRESENÇA E A AUSÊNCIA
O CONVEXO E O CÔNCAVO
O ROSTO E A MÁSCARA
CONVIVENDO
CONFLITANDO
AMORTECENDO

TECENDO AMOR

A MENTIRA
A SONEGAÇÃO DA VERDADE
QUALIDADES E DEFEITOS
DIFERENÇAS E IGUALDADES
O QUE NOS UNE
O QUE NOS SEPARA
UNIÃO - SEPARAÇÃO

DIALÉTICA DO AMOR

TODAS AS FORMAS DE RELACIONAMENTO

O EMOCIONAL, O RACIONAL

DIALOGAR, DELIRAR

HESITAR, DUVIDAR

AMAR É TAMBÉM FALAR, BABY

VIVER É CONVIVER

VIVER É TRANSAR O PECADO

O DELITO

O CONFLITO

VIVER É SUPERAR O PECADO

É ESTAR NO CAMINHO

IN VIA

CONVIVER

É VIVER COM

CONVIVER É VIVER

COM O CONFLITO

DOCE AMOR

DOCE TORPOR

DOCE CONFLITO

DOCE DELITO

DOCE RAINHA

DO LAR

Copacabana, Rio de Janeiro, 1977-1978

O HOMEM QUE GOSTAVA DE ESCREVER CARTAS AO “JORNAL DO BRASIL”

ESCREVIA CARTAS

DESAFORADAS

INFLAMADAS

ESCREVIA CARTAS

INCISIVAS

DISCURSIVAS

ESCREVIA CARTAS

E SE DELICIAVA

EM AS LER

PUBLICADAS

ESCREVIA CARTAS

RELATÓRIOS

MEMORANDOS

TRABALHAVA EM ESCRITÓRIO

OFÍCIO - OFÍDIO

MARTÍRIO

DELÍRIO

TRABALHAVA EM ESCRITÓRIO

LIVRO CAIXA E BALANCETE

QUE MACETE !

QUE CACETE !

TRABALHAVA EM ESCRITÓRIO
CIRCULANTE
DISPONÍVEL
PERMANENTEMENTE PENDENTE
TRABALHAVA EM ESCRITÓRIO
CONTABILISTA
FATALISTA
E OS MELHORES ALUNOS DA TURMA
ACABAM SEMPRE CONTABILISTAS
TRABALHAVA EM ESCRITÓRIO
APRUMADO
DELICADO
E A DELICADEZA
É UM SENTIMENTO ANTIGO
QUE NÃO SE ENCAIXA
NA ROTINA DE HOJE
QUE CONFUNDE
NERVOSISMO COM VITALIDADE
E AGITAÇÃO COM EFICIÊNCIA
TRABALHAVA EM ESCRITÓRIO
ILUSÓRIO
MERITÓRIO
E O MERECIMENTO
É UM COROLÁRIO

UM ROSÁRIO
UM CALVÁRIO
DE ROTINA E ATENÇÕES
ILUSÕES
TRABALHAVA EM ESCRITÓRIO
ESCREVIA, ESCRIVIA
TORNANDO O PRESENTE
(TREMENDAMENTE)
MAIS QUE NUNCA
AUSENTE
TRABALHAVA EM ESCRITÓRIO
ESCREVIA, ESCRIVIA
QUERIA SER ESCRITOR
MAS NÃO SE ACHAVA COM CULTURA
À ALTURA
NÃO SE ACHAVA COM CORAGEM
A IMAGEM
NÃO SE ACHAVA COM GABARITO
O AFLITO
TRABALHAVA EM ESCRITÓRIO
ESCREVIA, ESCRIVIA
NUNCA FIZERA O VESTIBULAR
VESTIBULAR - ABLUÇÃO
BATISMO - ABUSÃO

FRUSTRAÇÃO

TRABALHAVA EM ESCRITÓRIO

ESCREVIA, ESCRIVIA

MAS NÃO SE QUEIXAVA

(DEIXAVA)

DA SORTE

(DA MORTE)

CONSORTE

TRABALHAVA EM ESCRITÓRIO

ESCREVIA, ESCRIVIA

PARA A SEÇÃO DE CARTAS

DO “JORNAL DO BRASIL”

ESCULHAMBANDO

ESPINAFRANDO

TUDO

E

TODOS

LUDO

E

LODOS

MEDO

E

MODOS

MUDO

Copacabana, Rio de Janeiro, fevereiro de 1978

RAÍZES

RAÍZES

ORIGENS DO BEM

E DO MAL

CÚBICAS

OU QUADRADAS

ORIGEM

RADICAL

RAÍZES

NUTRIZES

SEGUNDA ETAPA DA SEMENTE

ANTENAS AO CONTRÁRIO

INVERTIDAS

ANTENAS ANCESTRAIS

NUTRIENTES

RAÍZES

SOL MAIOR

SOL NEGRO

SOL MEDUSA, SAL

SAL DA TERRA, MÓ

MÓ MAIOR
DO MOINHO NATUREZA

RAÍZES
MÓ VENTONHA
TRITURA E ESPALHA
O BEM E O MAL
O FOGO E O SAL
DA SOCIEDADE / DA HISTÓRIA
DA IDENTIDADE / DA VITÓRIA

RAÍZES
SEGUNDA ETAPA DA SEMENTE
SEMENTE POSSIBILIDADE
RAÍZ EFETIVAÇÃO
A RAÍZ É RADICAL
RAÍZ IMPLICA EM FRUTOS
A RAÍZ IMPLICA COM OS FRUTOS

RAÍZES
ORIGEM
RADICAL
AFIRMAÇÃO DA GERMINAÇÃO
VITÓRIA DA SEMENTE

HISTÓRIA DA SERPENTE

MEMÓRIA SEMOVENTE

RADICAL

É IR FUNDO

É IR AO FUNDO

ÀS RAÍZES, ÀS ORIGENS

AO PRINCÍPIO, À ESSÊNCIA

SER RADICAL

É SER ESSENCIAL

RADICAL

É CORTAR O MAL

PELA RAÍZ

É IR À RAÍZ, AOS FUNDAMENTOS

À RAZÃO MESMA DAS COISAS

SER RADICAL

É SER VITAL

NÃO HÁ VIDA

SEM RAÍZES

SEM ORIGENS

UMA PLANTA

SEM RAÍZES

SÓ PODE PRODUZIR
FLOR DE PLÁSTICO

Copacabana, Rio de Janeiro, 1978

O QUE É QUE HÁ, GATINHA ?

O QUE É QUE HÁ, GATINHA ?
A BASE REAL DO CASAMENTO
É UM PRECONCEITO DE AMOR
MEDO, ARENA, CAMPO DE BATALHA
DESPESAS E INCERTEZAS
AS GARRAS DO INIMIGO, AS PRESAS
SOFRIMENTO QUE SE ACEITA E SE INFLIGE
A BASE REAL DO CASAMENTO
É A PROPRIEDADE, A POSSE
REJEIÇÃO E EXCLUSIVIDADE
CONFRARIA, CLUBE FECHADO
PEQUENAS ESPERTEZAS, SEDUÇÕES
PRECEITOS E DIREITOS
A BASE REAL DO CASAMENTO
É A CAMA, A TRAMA
GUERRA FRIA, CRUZADA
HIPOCRISIA DE INSTINTOS, TERRA SANTA
FINGIMENTO DE LINGUAGEM, SACRAMENTO
E CHAMPANHE DE MÁ QUALIDADE
A BASE REAL DO CASAMENTO
É O INTERESSE, A NECESSIDADE

ARA, ALTAR DE SACRIFÍCIO
PAIXÃO E PROFISSÃO, DRAMA
AS VÍTIMAS COMO CARRASCOS
OS CARRASCOS COMO REFÊNS

A BASE REAL DO CASAMENTO
É A DOMINAÇÃO, O PODER
JOGO SUJO, DE CARTAS MARCADAS
SOBREVIVÊNCIA E LOTERIA, DEVER
FILTROS, DESEJOS E POÇÕES, HAVER
E UMA INCOMPREENSÃO MÚTUA

A BASE REAL DO CASAMENTO
É A SEGURANÇA, A SOLIDÃO
O PRAZER DOMADO, SAZONADO
PRUDÊNCIAS E AVAREZAS, CONTENÇÃO
ABSTINÊNCIAS E SEPARAÇÕES, LASSIDÃO
APRENDIZADO DO ENVELHECIMENTO

A BASE REAL DO CASAMENTO
É A SUBMISSÃO, O DESTEMPERO
AUTO - AFIRMAÇÃO E RESPEITABILIDADE, CÓDIGO
CONTRATO SOCIAL DO ACASALAMENTO, PALCO
DAS REPRESENTAÇÕES HOMEM
E DAS REPRESENTAÇÕES MULHER
A BASE REAL DO CASAMENTO

É O ENCANTO, O ESCARMENTO
VERGONHA DO CORPO E SOLICITUDES, PARAÍSO
O ANIMAL, RACIONAL, BANIDO
RESSENTIMENTOS REPARTINDO A MESA
E COMPLEXOS DE CULPA REPARTINDO A CAMA

CASAR POR AMOR

LIÇÃO MONÓTONA E DIÁFANA

AZÁFAMA DE LENDAS E CONFORTOS

O AMOR ECONÔMICO DOS RICOS, SEGURO

O AMOR MORAL DA CLASSE MÉDIA, IMPURO

O AMOR RELIGIOSO DOS POBRES, OBSCURO

A MAIORIA NÃO SE CASA POR AMOR

MAS POR AFLIÇÃO / AFEIÇÃO

POR SER O QUE ESTÁ MAIS À MÃO

ESTUPOR OU IMAGINAÇÃO

POR SER, ÀS VEZES, A ÚNICA COISA A FAZER

A PARTIR DE UM CERTO MOMENTO DA VIDA

O QUE É QUE HÁ, GATINHA ?

Copacabana, Rio de Janeiro, 1979

CONCRETO ARMADO

ELEVAÇÕES, ESCAVAÇÕES, EVOLUÇÕES

SUBTERRÂNEOS, PONTES, DIQUES

ELEVATÓRIAS, SILOS, TORRES

VIADUTOS RESOLUTOS, REPRESAS

TÚNEIS FÚTEIS, REPRESÁLIAS

CONSTRUÇÕES, ILUSÕES

EDIFÍCIOS, SACRIFÍCIOS

TENSÕES AXIAIS, DISTENÇÕES TANGENCIAIS

OPRESSÕES, REPRESSÕES

ESTRUTURAS, RUPTURAS

CONJECTURAS, FISSURAS

ESTRUTURAS FUTURAS

CONCRETO ARMADO, CONCRETO AMADO

ABSTRATO, SUBSTRATO

DESEJOS, SEDUÇÕES

LAMPEJOS, CONVULSÕES

MOMENTO FLETOR, MOMENTO DE INÉRCIA

MOMENTO DE DOR, MOMENTO DE INÉPCIA

SERÕES, LAMPIÕES

OS SONHOS, AS ILUSÕES
A SORTE, A MORTE
A BESTA FERA
A SOLIDÃO, ESTA PANTERA

OS DADOS, OS FADOS
SORTILÉGIOS, SACRILÉGIOS
OS MESMOS ESPINHOS
OS MESMOS CARINHOS
OS MESMOS CAMINHOS
VAMPIROS, SUSPIROS
SIRENES SERENAS, DELÍRIOS
SEREIAS, ARENAS, AREIAS
OS GUIZOS, OS GRITOS
OS ATOS, OS FATOS
O GRÃO DE AREIA NA ENGRENAGEM
O FIO DE SANGUE NA GRAVATA
O FIO DE PUS NO NARIZ

APRENDIZ

O AMOR, A VIDA
OS ANOS, OS DANOS
DISPOSTOS, IMPOSTOS
ATOS SACRÍLEGOS, EMPÍRICOS

O AMOR É SEMPRE EMPÍRICO
O AMOR É SEMPRE SACRÍLEGO
A NAVALHA, A TOALHA, MORTALHA
O PANO DE PRATO, BARATO
OS MORCEGOS, OS PIRILAMPOS
OS SEGREDOS, OS DEGREDOS
O SAGRADO, O PROFANO
A VIDA É SEMPRE SAGRADA
A VIDA PROFANA
A VIDA É SEMPRE IMPOSTA
A VIDA INFLAMA

A FERIDA, EXPOSTA
A MORDIDA, RESPOSTA
A SEMENTE, O DENTE
A ARGILA, A FLAMA
O FIO, O PIO
ASSOBIO, CALAFRIO
ACIDEZ, TIMIDEZ
AVIDEZ INGENTE
CUPIDEZ PUNGENTE
SENSATEZ DOENTE
DORMENTE
DEMENTE

CONCRETO ARMADO

ABSTRATO DESARMADO

Copacabana, Rio de Janeiro, 1979

VIVER

VIVER, ATO HUMANO

SOLIDÁRIO

TOLOS

VIVER, ATO ANIMAL

SOLITÁRIO

SÁBIOS

VIVER É TER RAZÃO

EGOÍSTAS

AQUECENDO O ESTÔMAGO

E ESFRIANDO A CABEÇA

A SOBREVIVÊNCIA NOS FAZ CRÁPULAS

MALANDROS

VIVER, FLUIR E CONTER

RIO

MENTIROSOS

VIVER, NÓ GÓRDIO

LIMITE

OTÁRIOS

VIVER É SOBREVIVER

HIPÓCRITAS

A RAZÃO COMO REFLEXO DO REAL

O PENSAMENTO COMO AÇÃO

A AÇÃO DETERMINANDO A VIDA

TOLOS

VIVER, LIÇÃO - EQUAÇÃO

ÓCIO

SÁBIOS

VIVER, FOME E FRIO

CIO

EGOÍSTAS

VIVER É RESISTIR

MALANDROS

TRAZENDO A CABEÇA (E O CORAÇÃO)

DE VOLTA À TERRA

A SOBREVIVÊNCIA É A RAZÃO DA EMOÇÃO

MENTIROSOS

VIVER, VIRTUDE E VÍCIO

TORRENTE

OTÁRIOS

VIVER, NÓ SÓRDIDO

LIMITE

HIPÓCRITAS

VIVER É PERTENCER

TOLOS

O ESTÔMAGO – INTERESSEIRO

INSPIRANDO A CABEÇA

E PIRANDO O CORAÇÃO

SÁBIOS

VIVER, SORVER O AR

EMOÇÃO

EGOÍSTAS

VIVER, DESATAR O NÓ

TRANSGRESSÃO

MALANDROS

VIVER É SOBREPUJAR

MENTIROSOS

FECUNDANDO A SABEDORIA

E CONDICIONANDO A ESPERTEZA

A SOBREVIVÊNCIA NOS FAZ CRÁPULAS

OTÁRIOS

VIVER, ATO HUMANO

INSANO

HIPÓCRITAS

VIVER, ATO ANIMAL

SOCIAL

TOLOS

VIVER É COMPREENDER

SÁBIOS

VIVER PORQUE SE AGE

SOBREVIVER PORQUE SE PENSA

O SABER LIMITADO PELA SOBREVIVÊNCIA

EGOISTAS

VIVER, ELES COMO NÓS

ELES SÃO NÓS

MALANDROS

VIVER, NÓS COMO ELES

NÓS SOMOS ELES

MENTIROSOS

VIVER É SABER

OTÁRIOS

DO ANIMAL

DE PÉS DE BARRO

E CABEÇA E ESTÔMAGO CONFLITADOS

HIPÓCRITAS

VIVER, ELOS COMO NÓS

NÓS SÃO ELOS

TOLOS

VIVER, LAÇOS E CORRENTES

REMANDIOLA

SÁBIOS

VIVER É TER RAZÃO

EGOÍSTAS

E A RAZÃO É O INSTINTO DO PENSAR

MALANDROS

VIVER É DESENVOLVER

MENTIROSOS

O HUMANO

OTÁRIOS

EM DIREÇÃO À VERDADEIRA HUMANIDADE

HIPÓCRITAS

Copacabana, Rio de Janeiro, 1979

O SALTO

O GATO PASSOU
SILENCIOSAMENTE
COMO TODOS OS GATOS SABEM FAZER
SABEM PASSAR

O GATO PASSOU
COMO SÓ OS GATOS SABEM PASSAR
SILENCIOSAMENTE
COMO OS DIAS
COMO AS NOITES
COMO O TEMPO
COMO O TEMPO DA MENINA
NO QUINTAL
ENTRE FOLHAS E INSETOS
PASSARINHOS E VENTOS
FRUTAS E MADEIRAS
QUINTAL
TERRITÓRIO
CAMPO MINADO
SILÊNCIOS E SUSSURROS
SÓIS E SOMBRAS
CALMAS E FUGIDIAS

COMO SOEM SER

AS SOMBRAS E OS SÓIS NOS QUINTAIS

O GATO

O TEMPO

A MENINA

ELÁSTICOS, PREGUIÇOSOS, SENSUAIS

A MENINA E O GATO

DESACATO

A MENINA É DO GATO

MAIS QUE O GATO É DA MENINA

O ROM - ROM SUAVE

O PELO MACIO

O ANDAR

O OLHAR

OS BIGODES BONITOS

FÁCIL DE DESENHAR

NA AREIA DO CHÃO

COMICHÃO

A LINGUINHA DO GATO

E A BALA DE MORANGO

AZEDINHA, VERMELHA

TRANSPARÊNCIA E OPACIDADE

INFÂNCIA, DISTÂNCIA

E A VIDA A PULSAR
A CORRER
ESCORRER
ENTRE O GATO E A MENINA

A MENINA PASSOU
SILENCIOSAMENTE
COMO TODAS AS MENINAS SABEM FAZER
SABEM PASSAR

A MENINA PASSOU
COMO SÓ AS MENINAS SABEM PASSAR
SILENCIOSAMENTE
LICENCIOSAMENTE
COM O GATO
COMO O GATO
NO QUINTAL
O FALAR É PRATA
E O CALAR É OURO
O SILÊNCIO DO GATO
E O SILÊNCIO DA MENINA
CÚMPLICE, ANIMAL, INFANTIL
O BORRALHO, O VASO DE FLORES
A CRISTALEIRA E A CASINHA DE BONECAS
O GATO ANDANDO ENTRE OS CRISTAIS

SEM QUEBRÁ - LOS

A MENINA ANDANDO ENTRE OS ADULTOS

OS ADULTOS SÃO CRISTAIS

BRILHANTES

LIMPOS

POLIDOS

E FRÁGEIS

SÉRIOS. OS ADULTOS SÃO SÉRIOS

A SOLIDÃO

SOLIDÁRIA, CONIVENTE

A FELINIDADE

E A FEMINILIDADE

A LIBERDADE DO GATO

E A PRISÃO DA MENINA

A CASA TEM PORTAS

TRANCAS E JANELAS

O QUINTAL TEM MUROS

ALTOS

COM CACOS DE VIDRO NO TÔPO

O MUNDO NÃO TEM PORTEIRAS

PARA AS CRIANÇAS, O QUINTAL

PARA OS ADULTOS, O MUNDO

PARA O GATO, O MUNDO

O GATO
SEU MIADO
SEU SALTO
SEU ANDAR
O GATO E O PULO
O PULO DO GATO
QUE A MENINA QUER APRENDER
O PULO DO GATO
DA INFÂNCIA À JUVENTUDE
AS COISAS DO MUNDO APRENDER
CORRER O RISCO
DO SALTO DO MURO
DO PULO DO GATO

MACIEZ
LANGUIDEZ
SILÊNCIO
MORMAÇO
PENUMBRA
O GATO RESSONA, COCHILA
SATISFEITO
A MENINA SONHA
ÁVIDA

Urca, Rio de Janeiro, abril de 1980

VAGA TRISTEZA

O QUE ME ENTRISTECE
É ESSE SENTIMENTO SOLTEIRO
INDIVIDUALISTA

É ESSE CONCEITO AFEITO
SOEZ

É ESSA IDEIA MÉDIA
INEPTA

O QUE ME ENTRISTECE
É ESSA CLASSE RÉGIA
MÉDIA

O QUE ME ENTRISTECE
É ESSA NECESSIDADE DE FUGA
DIFUSA

É ESSA MANIA DE CORREÇÃO
VORAZ

É ESSE VÍCIO IDEALISTA
ELITISTA

O QUE ME ENTRISTECE
É ESSA VONTADE DE CALAR
MAIOR DO QUE O QUE SE TEM A DIZER

O QUE ME ENTRISTECE

É ESSE VELHO SONHO
BIZONHO
É ESSA ESTREITA NOSTALGIA
VADIA
É ESSA VILEZA MOLHADA
DISFARÇADA
O QUE ME ENTRISTECE
É ESSA TRISTEZA ESNOBE
DAS CAUSAS NOBRES
O QUE ME ENTRISTECE
É ESSA FALTA DE GRANDEZA
SOFISTICADA
É ESSA PRÁTICA SATISFEITA
DIDÁTICA
É ESSA CHUVA
RECLUSA
O QUE ME ENTRISTECE
É ESSE SONHO MODELO
ESSE PESADELO
O QUE ME ENTRISTECE
É ESSE DIREITO AVESSE
CANHOTO
É ESSE ESQUERDO DESTRO
ACANHADO

É ESSA INFECCÃO MESTRA
DOMINANTE
O QUE ME ENTRISTECE
É ESSA VISÃO CANHESTRA
DISCÍPULA
O QUE ME ENTRISTECE
NÃO É O TER - ME SUJADO
MAS O TER - ME SUJADO
NÃO POR UMA GRANDE CAUSA
MAS PELA SOBREVIVÊNCIA
NA VIDA PRÁTICA
NA PRÁTICA DA VIDA
O QUE ME ENTRISTECE
É ESSE SENTIMENTO INFLADO
BURGUÊS
O QUE ME ENTRISTECE
É ESSA VAGA TRISTEZA
CERTEZA DO NÃO SABER
QUE O SUJAR - SE É DA VIDA
É ESSA TRISTEZA MEDIANA
LEVIANA
É ESSA MÉDIA BELEZA
O QUE ME ENTRISTECE
SÃO ESSES SONHOS MORAIS

SEMPRE IGUAIS
DA CLASSE MÉDIA

Urca, Rio de Janeiro, agosto de 1980

BUGRINHA

INDINHA ESPANHOLA

(ME IMOLA)

BRASILEIRA BREJEIRA

(ME CHEIRA)

CUIABANA DE COPACABANA

(ME ENGANA)

COMO VEIO VOCÊ SE FOI

INDINHA PEGA A LAÇO

BUGRINHA DO MATO

MATO - GROSSENSE NONSENSE

COMO VEIO VOCÊ SE FOI

ESTILETE, NAVALHA, ESTILHAÇO

SEM CULPA E SEM VERGONHA

BUGRINHA CENTRO - OESTE, CABRINHA DA PESTE

COMO VEIO VOCÊ SE FOI

CURIOSA, COMO TODA MULHER

ASSUMIDA, COMO UM ANIMAL

MEDROSA - AVANTE, SEMPRE EM FRENTE

(DE FRENTE, DE COSTAS, DE BANDA)

CONSEQUENTE - INCONSEQUENTE

FRUTA DO MATO, FLOR DO ASFALTO

CACO DE VIDRO ENTRE OS DEDOS

ENTRE OS MEDOS

COMO VEIO VOCÊ SE FOI

POR ENCANTO

(POR ENQUANTO)

MISTERIOSAMENTE

NUM ANÚNCIO DE JORNAL

SE SATISFEZ E PARTIU

GRÁVIDA DE SOL

PLENA DE LUZ

CURARE NO CORPO, SEM ADEUS

FAZENDO BEICINHO

E ME CHAMANDO DE TARZAN

(TCHAN !)

SE SATISFEZ E PARTIU

ABRINDO A PORTA DE SEUS MARES

COLOMBO - VIOLADA

VIOLENTA E VIOLETA

SAFADINHA, GOSTANDO MESMO

É DE BEIJINHOS NA BUNDINHA

(ZINHA !)

SE SATISFEZ E PARTIU

MANEIRA, LAMPEIRA

DELICIOSA EM SEU VESTIDO
VISLUMBRANDO O NOVO
QUEBRANDO O OVO
DA SERPENTE

(DEMENTE !)

DE TI NÃO SENTIREI SAUDADES
SERIA MUITO LÓGICO
PRO NOSSO AMOR ILÓGICO
GUARDAREI APENAS A LEMBRANÇA
E AQUELE LEVE DESEJO
BREVE
QUENTE E SECO, FINO ESTILETE
DAQUELA GUARÂNIA
DAQUELE RASQUEADO
E DO FILHO QUE NÃO TIVEMOS
GUARDAREI APENAS A LEMBRANÇA
DAQUELE MOMENTO
DA DESCOBERTA
E DO CONHECIMENTO
PROCURADO, ADVENTÍCIO E EXATO
COMO UM RELÓGIO
MAIO QUE NÓIS MAIÔ
JUNHO QUE NÓIS JUNHÔ
AGOSTO QUE NÓIS GOSTÔ

ROSE, ROSE, ROSELY

QUEM FALOU NÃO ESTÁ MAIS AQUI

Urca, Rio de Janeiro, agosto de 1980

QUARTO DE HOTEL

O MEU CORAÇÃO
É UM QUARTO DE HOTEL
QUE RECEBE
TEMPORARIAMENTE
TODOS OS AFETOS
DISCRETO
TODOS OS INSETOS
TODOS OS DESEJOS
SOBEJO
TODOS OS DESPEJOS
TODOS OS AMORES
EXTINTOR
TODOS OS ARDORES
E DEMOCRATICAMENTE
MÁTA - LHES O CANSAÇO
E DÁ - LHES O SEDENTO ABRIGO
CEDENTE, AMIGO
ARDENTE, ANTIGO
DORMENTE, UBÍQUO

Urca, Rio de Janeiro, agosto de 1980

FARINHA

MEU BEM

NÃO DOU

NEM QUERO

EXPLICAÇÕES

O QUE OS OLHOS NÃO VÊEM

O CORAÇÃO NÃO SENTE

PRESENTE

AUSENTE

MEU BEM

NÃO DOU

NEM QUERO

EXPLICAÇÕES

OLHOS TURVOS

OBLÍQUOS

CORAÇÃO CURVO

AMBÍGUO

SEM SAL

SEM MAL

IGUAL

NATURAL

NATURAL E PLENO

COMO O MÊNSTRUO
NÃO QUERO
NEM DOU
EXPLICAÇÕES
SEM QUEIXUMES
SEM CIÚMES
SEM RESSENTIMENTOS
SEM REMÉDIO
QUE TÉDIO !
NUNCA ME ENGANE
NUNCA SE ENGANE
SÓ PODEMOS POSSUIR COISAS
NÃO PESSOAS
PRA QUE FALAR
PRA QUE CHORAR
NÃO IREMOS NUNCA CONCORDAR
SOMOS FARINHA
DO MESMO SACO
QUE SACO !
SEM ESSA
SEM PRESSA
SEM LIÇÕES
SEM ILUSÕES
SOMOS ANIMAIS

DO MESMO BANDO
SANGRANDO
PRA QUE TIRAR FARINHA
MINHA RAINHA
LEVIANA
MINHA SÚDITA
TIRANA
SOMOS ANIMAIS HUMANOS
INSANOS
SEM APOSTAS
SEM RESPOSTAS
SEM DESVELO
SEM APELO
NÃO QUERO
NEM DOU
EXPLICAÇÕES
CADA QUAL
TEMOS AS NOSSAS NECESSIDADES
O CORAÇÃO TEM RAZÕES
E A RAZÃO TEM PAIXÕES
AOS MILHÕES
AOS TRILHÕES
PRA QUE NEGAR
PRA QUE CHORAR

PRA QUE SONHAR
COM FACA
SEM CONFETE
SEM GILETE
SEM ASPIRINA
SEM VASELINA
SOMOS APENAS FARINHA
RAINHA
COM PERGUNTAS MESQUINHAS
E RESPOSTAS DANINHAS

Urca, Rio de Janeiro, agosto de 1980

VELHO PAPO

DA SOLIDÃO
QUE NÃO É A NOSSA
VELHO BARATO
ANTIGO PAPO
DE UMA IDÉIA MASOQUISTA
E DO PASSADO
QUE FAZEM DA VITÓRIA E DA PAZ
ESTES SENHORES E SENHORAS
QUE ABOMINAM A VIDA
E CONDICIONAM A PERSONALIDADE
POR ACREDITAR QUE SÃO SÚDITOS
DA DESCONFIANÇA
E ESSES OUTROS, DOUTOS
SÚBITOS
DA BONANÇA

DA ESPONTANEIDADE
OLHAR DE COBRA
DE UM HOMEM SER REI
POR OUTROS SE COMPORTAREM
COMO SÚDITOS

RECEIO

VELHA URUCUBACA

EM SER UMA PESSOA MAIS COMUNICATIVA

E BABACA

ACERTO E ERRO

DA INSEGURANÇA

DESGOSTO E DOR

NA LUTA PELA VIDA

FORÇA DE VONTADE

ENDURAÇÃO DO CÉREBRO E MORTE DAS ILUSÕES

DO MEDO

BEZERRO DE OURO

VERDADE, MENTIRA, DEUSES ATEUS

QUEBRADEIRAS SENTIMENTAIS

E FANTASIA PERMITIDA

DESTES SENHORES E SENHORAS

FORMIGAS

QUE FAZEM DA VITÓRIA E DA PAZ

UMA VELHA ÉTICA

MASOQUISTA E MALPASSADA

INGENUIDADE - CIGARRA

DA MENTIRA

COBRA CRIADA

E DA VERDADE

VELHA CRIADA

DA MORTE

VELHA IRMÃ GÊMEA

INGÊNUA

QUE JAMAIS FEZ O MUNDO PARAR

A SOLITARIEDADE

QUE TODOS TEREMOS UM DIA

CIGARRAS, FORMIGAS

DEUSES ATEUS, REIS PLEBEUS

FURACÕES E CALMARIAS

PACIÊNCIAS E PRESSAS

SOLIDÕES, MEDOS E ESPONTANEIDADES

O INDIVIDUAL E O INDIVISÍVEL

ENTRE RUÍNAS E SEUS BALDIOS

INFÂMIA E RÉDEAS SOLTAS

SÓ

Urca, Rio de Janeiro, agosto de 1980

MAL IRREMEDIÁVEL

DESAFIO E DESATINO
INDEFINIDO E CERTEIRO
SENDO O MESMO E SENDO OUTRO
FLUXO INGOVERNÁVEL
ESCÓRIA E CONLUIO
UM CHORAR LIGEIRO
AFOITO E TRÔPEGO
MEIO MORTO E MEIO VIVO
UM SENTIR SÔFREGO
DIFUSO E ESPARSO
MEIO QUENTE E MEIO FRIO
UM SOFRER ESGARÇO
ABSORTO E ALTIVO
MEIO LASCIVO E MEIO CATIVO
O POVO FAZENDO O NOVO
CHOCOLATE, CAFÉ, BERIMBAU
E A CORREIA NA PONTA DO PAU
A LUCIDEZ FAZENDO A LOUCURA
CÁLICE SUPREMO, FRÁGIL REMO
NUM MAR DE SARGAÇOS
O CHORO FAZENDO O RISO

NAU INSENSATA, CHIBATA
AFRONTANDO A DESGRAÇA, CHALAÇA
O SOFRIMENTO PRESO, EGOÍSTA
DE UMA ESTÚPIDA SINCERIDADE PUDICA
E INDISCRETA
OLHANDO O ABISMO
NA ESPERANÇA DE QUE O ABISMO OLHE PARA SI
A ALEGRIA VÃ, SÃ
GULA ESPÚRIA
SEM ÉTICA E SEM MÉTRICA
TIRANDO ELEMENTOS DE VIDA
DA PRÓPRIA SUBSTÂNCIA DA MORTE
MANGA COM LEITE, CACHAÇA COM PEPINO
SERENO , CATAPORA, FUTEBOL
VENTO ENCANADO, HIPOCRISIA, POLÍTICA
ÓPIO, MALEITA , RELIGIÃO
DOR - DE - DENTE, POEIRA E SOLIDÃO
VIVER FAZ MUITO MAL À SAÚDE

Urca, Rio de Janeiro, agosto de 1980

JESUÍTAS E ÍNDIOS

ME ATANDO AS MÃOS
COM TERNURA DE OURO
ME PRENDENDO OS PÉS
COM CARINHO DE INCENSO
ME TAPANDO A BOCA
COM BEIJINHOS DE MIRRA
TERÇOS, REZAS, LADAINHAS
ESPELHOS, GUIZOS, BUGIGANGAS
PERNAS, BRAÇOS, ESCAPULÁRIOS
SEIOS, BOCAS, CRUCIFIXOS
SE FAZENDO LOUCA
CATEQUISTA
ME CRAVANDO O FERRETE
DA CONQUISTA
DOMESTICAR, CONVERTER, DOMAR
O AMOR, TANTO AMOR, POR MINISTÉRIO
O SEXO, TONTO NEXO, POR MAGISTÉRIO
A DOR, SINISTRA MIÇANGA
EM 500 ANOS DE NOSSA HISTÓRIA
400 FORAM DE ESCRAVIDÃO
/ ALMA BRASILEIRA /

DESCULPE, AMOR
MAS O FUTURO QUE VOCÊ SONHOU PRA MIM
NÃO É O MEU
VOCÊ É JESUÍTA
E EU SOU ÍNDIO
PRESO EU DEFINHO
/ /

Urca, Rio de Janeiro, setembro de 1980

COMO UM PUNHAL

AVÓ, MÃE E FILHA : MAMÃE NATUREZA
ENCRUZILHADA DOS CAMINHOS
COMEÇO, MEIO E FIM
ATIVA - PASSIVA
CONSISTENTE
CONSEQUENTE
OS VELHOS SOTURNAMENTE A CONTEMPLAM
OS NOVOS VIVEM
SEU DOM MIRACULOSO
DE FASCINAR
DE DOMINAR
A NOITE FAZ SUAVEMENTE
FINDAR
NO CHÃO HUMILDE
OS MORTOS RITMOS PASSADOS
E O AR DA MANHÃ
FAZ SOPRAR
AGUDO COMO UM PUNHAL
VELHÍSSIMAS CANÇÕES

Urca, Rio de Janeiro, setembro de 1980

SEDE DE FOME

MEU AMOR
A TUA FOME
A TUA SEDE
SÃO CALMAS
FOME E INSTINTOS
TEUS DESEJOS INTESTINOS
SEDE E RAZÕES
TEUS ANSEIOS IMPENSADOS
DESEJOS DE VENTO
NUM PAÍS DE PEDRA
ANSEIOS DE VELAS
NUM PAÍS DE ÂNCORAS
TUA CALMA FOME
LATENTE, INTERMITENTE
TUA CALMA SEDE
CANDENTE, DEMENTE
INSTINTOS RACIONAIS
RAZÕES EÓLIAS
INTENÇÃO E COERÇÃO
MEU AMOR
ESSA SEDE DE FOME

ESSA GULA SEM NOME
A BOCA SECA, SEDENTA
DE REFINADOS DESEJOS
A BOCA RETÓRICA, FAMINTA
DE INFINDÁVEIS ANSEIOS
TUA FOME, TEUS MARTÍRIOS
TUA SEDE, TEUS DELÍRIOS
TUA CALMA, TUA PALMA
MEU AMOR
A TUA FOME
A TUA SEDE
SÃO CALMAS
NUM PAÍS
DE FOME E SEDE
TRÁGICAS

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1980

MEMÓRIAS DO CÁRCERE, MEMÓRIAS DO FOGO

EU SOU FILHO DO SANGUE
E DO TROVÃO
DAS BACTÉRIAS ANCESTRAIS
E DOS GNOMOS VADIOS
EU SOU FILHO DO SANGUE
DO RELÂMPAGO
DO TROVÃO
E DA LUZ
VIR À LUZ
FOI MEU MAIOR FEITO
SAIR DA ESCURIDÃO
ROMPER AURORAS
INDECISAS
ROMPER CICLOS
AUTORITÁRIOS
ROMPER LUAS
HERMÉTICAS
ROMPER MEMBRANAS
ATÁVICAS
EU SOU O FILHO, O BRILHO

DO INCESTO
E DO PARRICÍDIO
DE MIL ATAVIOS
DE MIL ASSOBIOS
DE MIL AMAVIOS
EU SOU FILHO DO INICIADO
QUE MATA O INICIADOR
EU SOU FILHO DO FOGO
DO SANGUE
E DO TROVÃO
CADINHO DE TODAS AS QUIMERAS
DE TODAS AS ESPERAS
DE TODAS AS LUTAS
DE TODAS AS VOLUTAS
DE TODOS OS GERMENS
DE TODOS OS REFÉNS
DE TODOS OS AROMAS
DE TODOS OS SINTOMAS
DE TODOS OS FERMENTOS
DE TODOS OS TORMENTOS
DE TODOS OS CABRESTOS
DE TODOS OS PRETEXTOS
DE TODOS OS PROTESTOS
EU SOU FILHO DO SANGUE

E DO TROVÃO
DO CÁRCERE E DO FOGO
CADINHO, CAMINHO
DE TODOS OS SONHOS
DE TODOS OS QUILOMBOS
CADINHO, CAMINHO
DO IR E DO VIR
DO TUGIR E DO MUGIR

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1980

NA BATALHA

QUEM GUARDA
SEMPRE TEM
E QUEM MUITO SE GUARDA
ACABA EMBOLORANDO
O TEMPO NÃO PODE ESPERAR
O TEMPO ESTÁ VINDO
DE LONGE
O TEMPO ESTÁ INDO
LONGE DEMAIS
INDIFERENTE, IMPASSÍVEL
COMO A GRAVIDADE DOS CORPOS
COMO A GRAVIDADE DOS FATOS
COMO A GRAVIDADE
A DÚVIDA
SOMENTE A DÚVIDA
É MINHA CERTEZA
GUERRA É GUERRA
MALANDRO É MALANDRO
E MANÉ É MANÉ
ASSIM PASSAREI MEUS DIAS
ASSUNTANDO

ASSOBIANDO NAS TREVAS
NO SILÊNCIO DA NOITE
NEM TÃO ALTO
QUE ACORDE O DRAGÃO
E NEM TÃO BAIXO
QUE EU NÃO ME ESCUTE
NA BOCA DO SAPO
DEVENDO PRO SANTO
TOMANDO CAFÉ
COADO NA CALÇA
ASSOBIANDO
BATUCANDO
RESISTINDO
ESPERANDO QUE A MALDIÇÃO
SE TRANFORME EM BENÇÃO

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1980

AR E COISA E TAL

O AR
LAR E CHÃO
É UM PRAZER
É UM DEVER
É UM PODER
PÓ E TENSÃO
RESPIRAR
ÀS VEZES TEM UM MOMENTO
COMPLETAMENTE LIVRE
ÀS VEZES NÃO
ÀS VEZES TEM UM MOMENTO
EM QUE ENFATIZA O PRÓPRIO ATO
ÀS VEZES NÃO
RESPIRAR
VÍCIO OBSCURO, PROFANO DESEJO
UMA COISA ELOQUENTE
QUE É DO PRÓPRIO CORPO
O PULMÃO, LÓGICO
O NARIZ, MÍSTICO
PIRAR, RESPIRAR
RESPIRAR

É UMA PARTE, UM PEDAÇO
DO HOMEM
COMO O SAPATO
OU A CAMISA
O SAPATO É UM PEDAÇO, UM INVÓLUCRO
DO PÉ
O SAPATO, A CAMISA
TUDO É UM PEDAÇO DO HOMEM
RESPIRAR
É COMO O GESTO
DE TIRAR O SAPATO
TEM UMA IMPORTÂNCIA ENORME
E NÃO TEM IMPORTÂNCIA NENHUMA
COMO A ROUPA
A ROUPA FAZ PARTE DO HOMEM
ELE NUNCA ESTÁ
NU COMPLETAMENTE
COMPLETAMENTE LIVRE
DEPENDENTE DE AR
ELE TERMINA SEMPRE
DE FATO E CHAPÉU
ELE TERMINA SEMPRE
NU

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1980

A CIDADELA

EM SÃO PAULO
PRA ELA NÃO NOS GANHAR
ERA AQUELA DÚVIDA
ERA AQUELA SURPRESA
ERA AQUELA CERTEZA
PRESA, SOBRE A MESA
E SE MANDAR
SE AGACHAR, SE ILUMINAR
NO LARGO DO AROUCHE
OU NA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA
ONDE A CIDADE
NOS INVADE
A NOS QUERER GANHAR
A NOS FAZER SONHAR
A NOS QUERER TOMAR
DE ASSALTO

GANHAR OU PERDER
DAVA NO MESMO
SOBREVIVER
OU FIADO OU À VISTA

ENGANADO OU ENGANANDO
CADA QUAL PRA O SEU LADO
EU, O GAMBÁ E O OROZIMBO
A COMPRAR FLORES PAULISTAS
DO MAL, REALISTAS
PRA DAR PRAS PROSTITUTAS
TRANSFORMADOS PELO CHUVISCO
ARISCO
TRANSTORNADOS PELO AÇOITE
DA NOITE
NOTÍVAGOS DIURNOS
MAIS ESPERTOS QUE SÁBIOS
DIURNOS MALANDROS, OTÁRIOS
SENDO NÃO SENDO

A INTRANQUILIDADE EM TORNO
SONO E VIGÍLIA
E A NOSSA AUSÊNCIA
PRESENTE, SERENA
NO INTERIOR DO DILEMA
NO SERENO, NO VENENO
DA MADRUGADA
DESAVISADA, LAVADA
DE NOSSA PRESENÇA

MORENA

A VAGAR

A TOMAR A CIDADE

DEVAGAR

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1980

O SEU DESTINO É SAIR DA INFÂNCIA ATÉ NÃO PODER MAIS

PRIMITIVO NO MEDO

NA FOME

CLÁSSICO NA ESCRAVIDÃO

NO DOMÍNIO

MEDIEVAL NA PENÚRIA

NO ÓDIO

RENASCENTISTA NO CONHECIMENTO

E MODERNO NA LUTA

DE CLASSES

TODOS E NENHUM : CONTEMPORÂNEO

NA VIOLÊNCIA

LOBO DO HOMEM, CORDEIRO

ALCANÇA O COSMOS

E NÃO CONSEGUE RESOLVER

SEUS PROBLEMAS MAIS IMEDIATOS

DE ALIMENTO, SAÚDE E HABITAÇÃO

NO PRESENTE

MÉDIA ARITMÉTICA ENTRE O PASSADO E O FUTURO

NO VELHO
GERMINANDO O NOVO
NO NOVO
A SE ALIMENTAR DA DESTRUÇÃO DO VELHO
NA FOME E NA CIBERNÉTICA
HOJE
COMO NA ESCRAVIDÃO E NA DEMOCRACIA
ONTEM
 NA ANTIGA GRÉCIA
GÊMEO DE DEUS, O HOMEM DO COMPUTADOR
SÓ SABE FALAR
(E AINDA PENSA)
EM LATIM

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1980

SONETO DA DUALIDADE

ÀS VEZES EU A QUERIA

ÀS VEZES EU A REPUDIAVA

EU A AMAVA

ÀS VEZES EU A DETESTAVA

NAQUELE AMOR MARCADO

SEM ARGUMENTOS E SEM DOCUMENTOS

NAQUELE AMOR MARCADO

QUE ME INVADIA

ME INUNDAVA

SOLÍCITO E URGENTE

NAQUELE AMOR DANADO

MARCADO A ÁCIDO

LASSO DE SACRIFÍCIO E DOMINAÇÃO

AMOR DE CONTRAMÃO

DE QUE DO MUNDO NADA SE LEVA

NAQUELE AMOR COMO A TERRA

AO REDOR DO SOL
EM ELIPSE SUBMISSO
SEM CIÚME E SEM REMORSO, EM MOVIMENTO
ONDE A CONTRADIÇÃO SE DÁ
E SE RESOLVE AO MESMO TEMPO

DAQUELA CONTRADIÇÃO
TÃO VELHA QUANTO O FATO
DE SER UM CORPO
CONTINUAMENTE ATRAÍDO E REPELIDO POR OUTRO
DAQUELA CONTRADIÇÃO
DE UM DOS PASSOS DA APROXIMAÇÃO
SER O DISTANCIAMENTO

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1980

QUE NEM CHAPÉU VELHO

AIZINHO SE MANDOU
FEITO O BICHO ZÁS - E - TRÁS
FEITO AVE
FEITO VINHO
FEITO RAIIO
E ROJÃO
AGORINHA FOI - SE EMBORA
FEITO COBRA
FEITO LAÇO
EVADIU - SE NO ESPAÇO
QUAL AVE DE ARRIBAÇÃO
ENTÃOZINHO SE SUMIU
QUE NEM CHAPÉU VELHO
NINGUÉM SABE
NINGUÉM VIU

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1980

O TEMPO E O VENTO

TEMPO DO NASCER E TEMPO DO MORRER

TEMPO DO RISO E TEMPO DO SISO

TEMPO DO DESEJO E TEMPO DO TÉDIO

DATAS SIGNIFICAM POUCO

MAS PESAM MUITO

O TEMPO DA INFÂNCIA

NÃO É O MESMO DA VELHICE

O TEMPO DA CRENÇA

NÃO É O MESMO DO SABER

O TEMPO DO DESEJO

NÃO É O MESMO DA HISTÓRIA

PARA TUDO SEU MOMENTO

E TEMPO

TEMPO É DINHEIRO

TEMPO É UMA FORMA DE MEDIR, DE MENTIR

TEMPO É UMA FORMA DE APREENDER

DE COMPREENDER A VIDA

TEMPO É DINHEIRO

E DINHEIRO, COMO O AMOR

ACABA QUANDO MENOS SE ESPERA

O NEGÓCIO DO VIVER, É VIVER

É DAR TEMPO AO TEMPO
ENTENDER O QUE ESTÁ À NOSSA VOLTA
É IMPORTANTE
MAS SECUNDÁRIO

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1980

LÚCIA E LÍVIA

UMA LÚCIA LÚCIDA

UMA LÍVIA LÍVIDA

UMA LÚCIA LÚDICA

UMA LÍVIA ÁVIDA

UMA LÚCIA TÍMIDA

UMA LÍVIA ÚMIDA

LÚCIA E LÍVIA

NO CORPO A MOCIDADE, GARRAS E ARPÕES

NA ALMA A TEMPESTADE, AGULHAS E ESPINHOS

TÃO DIFERENTES E TÃO IGUAIS

ASPEREZA E LISURA

CLARIDÃO E ESCURIDADE

DIFERENÇA E INDIFERENÇA

LÚCIA E LÍVIA

UMA DURA LUTA

GLÚTEA

LÁCTEA

ENTRE DENTES

ENTREMENTES

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1980

DE REPENTE

DE REPENTE, O POVO
PARECE NÃO SE IMPORTAR MUITO
COM AS CHAMADAS REGRAS DEMOCRÁTICAS
E NO ENTANTO
É APENAS PELO FATO
DE QUE ELAS, QUASE SEMPRE
ACABAM NÃO FUNCIONANDO
EM SEU BENEFÍCIO

DE REPENTE, O POVO
PARECE NÃO SE IMPORTAR MUITO
COM A COISA PÚBLICA
E NO ENTANTO
É APENAS PELO FATO
DELA, QUASE SEMPRE
TER SIDO USADA PELA ELITE
COMO COISA SUA, PRIVADA
COMO DONATARIA

DE REPENTE, O POVO
PARECE NÃO SE IMPORTAR MUITO

COM O PASSADO
E NO ENTANTO
É APENAS PELO FATO
DELE, QUASE SEMPRE
TER SIDO UM PASSADO
DE OPRESSÃO E MISÉRIA
UM CADÁVER PUTREFATO
QUE SE DEVE ENTERRAR

DE REPENTE, O POVO
PARECE NÃO SE IMPORTAR MUITO
COM A SAUDADE
O QUE VALE
O QUE CONTA
É A CONDIÇÃO SUBALTERNA
A EXCLUSÃO
A SUJEIÇÃO
A LEI E A ORDEM
O QUE VALE
O QUE CONTA
É O CONFIAR DESCONFIANDO
A SOBREVIVÊNCIA A QUALQUER CUSTO
DEPENDENDO MAIS DA ESPERTEZA
QUE DA JUSTIÇA

O QUE VALE
O QUE CONTA
É O FUTURO
E A ARMA AFIADA DA MEMÓRIA

DE REPENTE, O POVO

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1980

O SÓLIDO, O LÍQUIDO E O GOZOSO

EU SÓ TENHO
ESTE CORPO
(BARRIGUDO
BANIDO)
PARA OFERTAR - TE
PARA COMPENSAR - TE
DE TODAS AS DANAÇÕES
DOS ARDORES
DOS INCHAÇOS
DOS AMORES
INFAUSTOS
EU SÓ TENHO
ESTE CORPO
PARA RESTRINGIR - ME
AO TEU CONTATO
NO ANTEGOZO
GOZOSO
DE TEUS OLHOS
COMPASSIVOS
NUM REFLEXO
DE RECEIO

EU SÓ TENHO
ESTE CORPO
(POSTO
TORTO)
O ARGUMENTO
URGENTE
E O SENTIMENTO
PINGENTE

Santos, SP, novembro de 1980

VIDA, CUSTO E BENEFÍCIO

A GRANA

A ERVA

O TUTU

E A BUFUNFA

MONEY IS THE QUESTION

A RIQUEZA É SEMPRE BELA

INTELIGENTE E MORA PERTO

A POBREZA É SEMPRE FEIA

IGNORANTE E MORA LONGE

A RIQUEZA ESTÁ POR DENTRO

MORA NA JOGADA

A POBREZA ESTÁ POR FORA

MORA NA FILOSOFIA

A CLASSE MÉDIA, COMO A VIRTUDE, ESTÁ NO MEIO

ELA NUNCA SABE QUAL É O SEU LUGAR

O DINHEIRO COMANDA

O DINHEIRO DEBANDA

O DINHEIRO INFUNDE

O DINHEIRO CONFUNDE

OS RICOS SÓ GOSTAM

DA INVEJA DOS OUTROS RICOS

E NÃO DA DOS POBRES
DOS OPRIMIDOS
OS POBRES SÓ GOSTAM
DA SUBSERVIÊNCIA
OU DE METER BRONCA
E FORÇAR A BARRA
O DITADOR E O INTELLECTUAL
SÃO FILHOS DA DONA RIQUEZA
O BANDIDO E A POLÍCIA
SÃO FILHOS DA DONA POBREZA
UNS EM LUTA PELO PODER
OUTROS EM LUTA PELO COMER
UNS E OUTROS : BRIGAS DE FAMÍLIA E LUTA DE CLASSES
UNS E OUTROS : INSUBORDINAÇÃO, REVOLTA E
REVOLUÇÃO

REVOLUÇÃO
NÃO É ASSUNTO
PRA SER DECIDIDO ENTRE BANDIDOS
(OU POLICIAIS)
LIBERDADE
NÃO É ASSUNTO
PRA SER DECIDIDO ENTRE INTELLECTUAIS
(OU DITADORES)
LIBERDADE CUSTA DINHEIRO

REVOLUÇÃO CUSTA DINHEIRO
VIVER CUSTA DINHEIRO
E DINHEIRO, AO CONTRÁRIO DA TERRA, NÃO TEM SENHOR
POR DINHEIRO
A FORTALEZA RUI EM PRANTOS
E NÃO ERA AMOR
AQUILO QUE SE AMAVA

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1980

O DEMÔNIO FAMILIAR

QUANDO A NOITE
EMBARAÇAR NOSSOS DESEJOS
E ERIÇAR NOSSOS CABELOS
DE TEMOR
ARROXEAR NOSSAS PÁLPEBRAS
E ENCHARCAR NOSSOS MEMBROS
DE TORPOR
FINGIR NOSSAS FACES DE VERMELHO
COLOCAR NOSSOS ANTOLHOS
E TINGIR NOSSOS OLHOS
DE VOLÚPIA E TÉDIO
SOBRE NÓS DESCERÁ
COMO SUOR
AQUELE GRANDE FOGO FRIO
ALVAR
CREPUSCULAR
DE NOSSO DOMÉSTICO
DOMESTICADO
AMOR

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1980

OS SOBRINHOS DO CAPITÃO

OS MENINOS VENDEM BALA NO SINAL

LIMÃO NA FEIRA E SE OFERECEM

PRA TOMAR CONTA DOS CARROS

TRAVESSURA / TRAVESSIA

OCEÂNICOS COMETEM PEQUENOS FURTOS

AGINDO EM BANDOS QUAL PARDAIS

ATLÂNTICA TRAVESSURA / TRAVESSIA

AS MENINAS ENTRAM CEDO NA PROSTITUIÇÃO

TORNANDO - SE PROSTITUTAS

ANTES MESMO DE SE TORNAR MULHER

TRAVESSIA / SINECURA

LADINAS NÃO QUEREM SER MANICURE

COSTUREIRA OU COZINHEIRA

ELAS QUEREM SER MODELO OU MANEQUIM

LATINA SINECURA / TRAVESSURA

PIVETES NO LEBLON

ALHEIOS ÀS LIVRARIAS E GALERIAS

DE ARTE

GURIAS NA CINELÂNDIA

ALHEIAS AOS COMÍCIOS E MANIFESTAÇÕES

PUTINHAS NA DUTRA

ALHEIAS AO MOVIMENTO
DOS BARCOS
AS MENINAS E OS MENINOS
ALHEIOS / ALHEADOS
A INFÂNCIA COMO PRISÃO
RESSABIADOS FUGITIVOS
ENGROLADOS ENROLADOS
SOBRADOS SOBRINHOS
DO PATO DONALD

DO TIO SAM

DO TIO JANJÃO

LEVADOS SOBRINHOS
DO CAPITÃO
LEVADOS DA BRECA
(TANTOS MORTOS !)
ATRAVESSADOS

TRAVESSOS

TRESPASSADOS

PUNIDOS SOBRINHOS
DO CAPITÃO
DO MATO
FIM - DE - COMÉDIA / TRAGÉDIA
HISTÓRIAS DO TIO JANJÃO
PÃO, PÃO

& CIRCO

QUEIJO, QUEIJO

& FACA

AS MENINAS E OS MENINOS

ARREDIOS / FUGIDIOS

FAZENDO HISTÓRIA

OUVINDO HISTÓRIAS

DE UMA VELHA ELITE CAPITÃ

QUE NÃO FAZ MAIS HISTÓRIA

QUE SÓ CONTA HISTÓRIAS

COMO UM VELHO TIO

JANJÃO

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1980

O QUE NÃO MATA, ENGORDA

O QUE NÃO MATA
ENGORDA
O QUE NÃO ME MATA
ME DEIXA MAIS FORTE
COMO UMA BARATA
O SOFRIMENTO ME TEMPERA
ME RETEMPERA
DE DOR E DE RAIVA
INSETICIDA ME IMPELE
PARA LUTAR CONTRA ELE
CONTRA TODOS OS SOFRIMENTOS
A DOR E A RAIVA
ME ANIMAM A MUDAR
ME JOGANDO PRA FRENTE
COMO UMA TOPADA
MUDAR, TRANSFORMAR
A DOR E A RAIVA
O SOFRIMENTO
A ' ALEGRIA
A NATUREZA DOS HOMENS
A NATUREZA DAS COISAS
O NATURAL DO HOMEM

É O ARTIFICIAL
ENGENHO E ARTE
HABILIDADE E DESTREZA
EDUCAÇÃO E TREINO
CRAVO E FERRADURA
A VIDA, A ARTE
PRODUTOS DA ALEGRIA
PRODUTOS DO SOFRIMENTO
SÁDICA TRISTEZA
MASOQUISTA ALEGRIA
O QUE NÃO MATA
ENGORDA
VIDA : ENGENHO E ARTE
ARTE : ENGENHO E VIDA
ÂNSIA INTERIOR
ANGUSTIA CAPITAL
GRITO DE LIBERDADE
O QUE NÃO MATA
ENGORDA
O QUE NÃO ME MATA
ME DEIXA MAIS FORTE
LÓGICO COMO UM EXU
INSTINTIVO COMO UMA BARATA
HUMANO COMO UM DEUS

Urca, Rio, novembro de 1980

DA IMPARCIALIDADE

OBJETIVA CIÊNCIA, PURA ARTE, JUSTA JUSTIÇA
AFASTAMENTO, NEUTRALIDADE, ISENÇÃO
VIOLÊNCIAS, EXCESSOS, ABUSOS E INIQUIDADES
MULTA , CADEIA, CALCETA E PORRADA
A IMPARCIALIDADE É UMA ARMA BRANCA
CEGA
É UM JOGO, UM RITO
QUE INTERESSA A UM DOS LADOS EM CONFLITO
HÁ SEMPRE LADOS EM CONFLITO
COMO VIDA E MORTE, SAÚDE E DOENÇA, OPRESSORES
E OPRIMIDOS
E SE ESTÁ SEMPRE DE UM LADO
POR AÇÃO, OMISSÃO OU CONCILIAÇÃO
NADA É IMPARCIAL DE VERDADE
NEM A VERDADE
ESSA CUMPRIDORA DE ORDENS
UNS CHEIRAM
OUTROS FEDEM
OUTROS NÃO CHEIRAM NEM FEDEM
NA PITUITÁRIA COMO NA VIDA
A IMPARCIALIDADE NÃO EXISTE

A VIDA É PARCIAL
DIFERENTE PARA CADA PESSOA
PARA CADA POVO
PARA CADA CLASSE
PARA CADA CASTA
FEIOS E BONITOS
RICOS E POBRES
FORTES E FRACOS
DOENTES E SADIOS
A IMPARCIALIDADE É O ABSOLUTO
E TUDO É RELATIVO
TUDO É PARCIAL
EMPRESÁRIOS FALSAMENTE PROGRESSISTAS
INTELECTUAIS FALSAMENTE REVOLUCIONÁRIOS
MERCÂNCIAS E GRANJEARIAS
A PARCIALIDADE É UMA ARMA NEGRA
AFIADA
É UMA ATITUDE, UMA POSIÇÃO
QUE INTERESSA A UM DOS LADOS EM CONFLITO
ALMA NEGRA, NEGRA LUMINOSIDADE
SÓ O PARCIAL É IMPARCIAL
O AMOR É PARCIAL
A BELEZA É PARCIAL
O DESEJO É PARCIAL

A RAZÃO É PARCIAL

SÓ O PARCIAL É IMPARCIAL

O TEMPO É PARCIAL

O ESPAÇO É PARCIAL

A ENERGIA É PARCIAL

A MATÉRIA É PARCIAL

TEMPO, ESPAÇO, ENERGIA E MATÉRIA : VIDA

A VIDA É PARCIAL

PAISAGEM NA PAISAGEM

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1980

A COMÉDIA DA ARTE

FAZER ARTE

COMO QUEM RESPIRA

COMO QUEM SUSPIRA

COMO QUEM ENGASGA

VEIAS ABERTAS

SANGRANDO

SINGRANDO

MARES BRAVIOS

TARDIOS

FAZER ARTE POR IMPOTÊNCIA

POR NÃO PODER

AINDA

FAZER OUTRAS COISAS

MAIS IMPORTANTES

MAIS OPORTUNAS

MAIS SALUTARES

MAIS SAUDÁVEIS

TALVEZ

FAZER ARTE

POR NÃO PODER MAIS SE CONTER

FAZER ARTE

COMO QUEM ESTANCA
UMA HEMORRAGIA
OU COMO QUEM PARTE
NUMA NAVE ESPACIAL
OU NUM NAVIO NEGREIRO
LETRADOS NUM PAÍS DE ILETRADOS
BACHARÉIS EM CANANÉIA
A ESTÉTICA É SEMPRE IMORAL
A ARTE COMO UMA QUEIMADA
COMO UM FOGARÉU
COMO UM ESCARCÉU
BRANCO ENTRE NEGROS
NEGRO ENTRE BRANCOS
A ARTE COMO UM UIVO
COMO UMA RISADA
DESTERRADA
UMA ARTE ÚMIDA
MOLHADINHA COMO UMA MULHER
NÃO UMA ARTE PURA, SECA
UMA ARTE VIVA
DE VIGOR CONTIDO
ENSOPADA DE SANGUE
ÀS VEZES DE ANILINA

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1980

AFOXÉ DO ESTRANGEIRO
OU
QUEM TEM ASA, UM DIA VOA

FALAR DO QUE NÃO SE ENTENDE

DO DESCONHECIDO QUE SE DESCONHECE

LANÇAR PONTES SOBRE O QUE SE INTUI

SOBRE O QUE SE ADIVINHA

BUSCAR O SENTIDO DO HOMEM

MATAR A CHARADA DO INFINITO

LINGUAGEM DO CÉREBRO

LINGUAGEM DAS ENTRANHAS

CIÊNCIA E ARTE

O NATURAL E O ARTIFICIAL

NUM MESMO PROCESSO INDIVISÍVEL

TODOS TEMOS UM POUCO

FILHOS DAS ERVAS

NETOS DAS ÁGUAS CORRENTES

ESTRANGEIROS NO UNIVERSO

TODOS TEMOS UM POUCO

A CERTEZA E A DÚVIDA

A CURIOSIDADE E O PASMO

A VERDADE E A BELEZA

TODOS TEMOS UM POUCO

DE POETA, MÉDICO E LOUCO

OS QUE PROCURAM

E OS QUE ACHAM

A DESCOBERTA, O OVO

O MESMO FATO SOB UM ÂNGULO NOVO

O IMPULSO EXPLORATÓRIO

COMO OS IMPULSOS DA FOME E DO SEXO

TEORIAS ABANDONADAS

COMO VELHAS TRILHAS ESQUECIDAS

COBERTAS DE ESQUELETOS

A CIÊNCIA E A ARTE

UMA VISÃO TENDENCIOSA

E EFÊMERA

SALTO NO ESCURO, MERGULHO

ANALOGIA DE ANALOGIAS

A DESCOBERTA, UMA ANALOGIA

QUE NINGUÉM VIRA ANTES

A ORIENTAÇÃO PELA VERDADE

TÃO INCERTA E SUBJETIVA

QUANTO A ORIENTAÇÃO PELA BELEZA

A REALIDADE E SEU MODELO
PARTE DELA E DELA EXCLUIDO

PARTE DELE E DELE EXCLUIDA

MONTE PASCOAL, TERRA À VISTA
VERDADE ? BELEZA ?

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1980

LONGE DE TODOS OS LUGARES

ELA FICOU FEIA

POR ELE

NÃO A LEVAR JUNTO

AO PORTO

AO HORTO

ELA FICOU FEIA

POR ELE

NÃO INVADIR

O SEU HORTO

NÃO ATRACAR

EM SEU PORTO

ELA FICOU FEIA

POR ELE

NÃO LHE FALAR JUNTO

AO PAVIO

AO NAVIO

ELA FICOU FEIA

POR ELE

NÃO EMBARCAR

EM SEU NAVIO

NÃO ACENDER

O SEU PAVIO

ELA FICOU FEIA
POR ELE
NÃO LHE ESTAR JUNTO
AO PAÇO
AO REGAÇO
ELA FICOU FEIA
POR ELE
NÃO DESCANSAR
EM SEU REGAÇO
NÃO FAZER PROCLAMAÇÕES
EM SEU PAÇO
ELA FICOU FEIA
POR ELE
SEU LEVAR
SEU FALAR
SEU ESTAR
SEU PORTO MORTO
SEU HORTO TORTO
SEU NAVIO VAZIO
SEU PAVIO VADIO
SEU PAÇO LASSO
SEU REGAÇO BAÇO
ELA FICOU FEIA
POR ELE

ELE TAMBÉM

FICOU FEIO

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1980

ROMANCES POLICIAIS

RECITATIVO

1. O CÍRCULO, A GORDURA, A FOME
FRAGILIDADE, NECESSIDADES E PAIXÕES
A PRIMEIRA NOITE, A PRIMEIRA MISSA
CONFORMISMO E REBELDIA
A FALA MACIA, A FACA MACIA
(A PAISAGEM DESTA CAPITAL APODRECE)

ALPENDRE

2. DIVERSÃO INOCENTE
COM ROUBOS E ASSASSINATOS
SUPRESSÃO DA VIDA
E SUPRESSÃO DA PROPRIEDADE
MEDO E LEGÍTIMA DEFESA
(PERSONAGEM ATRAVÉS DE UMA VIDRAÇA)

PAÍS INFANTIL

3. JUGO E JUGULAR
VIOLÊNCIA E CORDIALIDADE
SOCIEDADE QUE SE ORIGINA NO CRIME
QUE GERA O CRIME
QUE LEVA AO CRIME
(DE CAPA DE BORRACHA E GALOCHAS)

PROPICIAÇÃO

4. O SER TRANSBORDA
E ESCAPA POR TODOS OS LADOS
NO CRIME, MANHÃ E MANHÃ
NO CRIME DE SER

NO CRIME DE TER
(FORAM ALGUNS MILITARES E ALGUNS PADRES
QUE TRANSFORMARAM A MINHA VIDA)

VACINA OBRIGATÓRIA

5. A LENTIDÃO DISFARÇADA EM PRESSA
A INÉRCIA DISFARÇADA EM MUDANÇA
O CRIME E SEU PRÊMIO
O CRIME E SEU CASTIGO
A JUSTIÇA ACABA SEMPRE EM TRAGÉDIA
(GLÓRIA DOS BATIZADOS !)

NOTICIÁRIO

6. OPORTUNISMO E AMBIGUIDADE
O MORDE E O ASSOPRA
AS CLASSES PERIGOSAS
AS ETNIAS SUSPEITAS
AS RAÇAS CRIMINOSAS
(LÁ FORA QUANDO SECAR A CHUVA, HAVERÁ O SOL)

INTERMEZZO

7. O CÍRCULO, A CORDURA, A FOME
REJEIÇÃO E ACEITAÇÃO
RACIONALIDADE PARCIAL
E IRRACIONALIDADE TOTAL
A MÁ FÉ REMOVE MONTANHAS
(O MEU SILÊNCIO RESPONDE AOS VIZINHOS)

FIM

8. O PIO DA JIRIPOCA

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1980

NÃO ASSIM EU

AMO VOCÊ

IGUAL

FATAL

ANJO CARRANCUDO

FEITA À MINHA IMAGEM E SEMELHANÇA

AMO VOCÊ

SEM GRANA

SEM GRAÇA

COM O CORAÇÃO NAS MÃOS

E FRIEIRAS NOS PÉS

AMO VOCÊ

TEU CORTE

TEU PORTE

ALEGRIA DE CAMA

E ALEGRIA DE MESA

AMO VOCÊ

VIÇO

VÍCIO

MARCAS E CICATRIZES

INFINITAMENTE MINHA

E DESESPERADAMENTE TUA

AMO VOCÊ

COMO UM ESPELHO
SOLITÁRIO
ARBITRÁRIO
REFLETINDO VOCÊ
SÓ REFLETINDO VOCÊ
AMO VOCÊ
AFOITO, MOUCO
SEM SABER
SEM ME ATER
QUEIMANDO CARTAS
E ETAPAS
AMO VOCÊ
E A VIDA NÃO TEM CURA
VORAGEM
CORAGEM
LÁGRIMAS COMO VÍRGULAS
ANTES DE TUDO
QUALQUER NADA
AMO VOCÊ
TEU CORPO FUGIDIO
TERRITÓRIO DE CAÇA
DESCONHECIDO
UM GESTO MAIS
UM OLHAR QUEM SABE

CAMPO MINADO, INFINITO FINITO

AMO VOCÊ

LÚCIFER

LUCIFERINA

FERINA

SÍNTESE

TESE

SIM

AMO VOCÊ

E O AMOR É UM ANZOL

O AMOR NÃO É UNIÃO

É A MEDIDA DA SEPARAÇÃO

O AMOR É UM SONHO

QUE SE PODE FAZER COM OUTROS

MEU AMOR, EU TE AMO

MAS NÃO BASTA O AMOR

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1980

CAUSO

ESTAVA SENTADO NUM BANCO
QUANDO CHEGOU UMA MOÇA
E ME DISSE:
MEU FILHO, DEIXA EU TE DAR UM BEIJO
DESSES DE LAVAR A ALMA
DEIXEI
ME DEU
E ELE LAVOU A MIÚDA
E DEIXOU A GRAÚDA

Santos, SP, 02 de dezembro de 1980

OS BENS DA TERRA

GAIOLA DE OURO

LOUCA E BARROCA

PRISÃO MARAVILHA

AGOURO, ÁGORA

NECESSIDADES PROGRAMADAS

O BARATO PERMITIDO

DENTRO DOS LIMITES

INSUBORDINAÇÃO SUBORDINADA

A TELEVISÃO, O RÁDIO, AS VITRINES

O GRANDE OLHO

PATERNAL E REPRESSIVO

ACRE - DOCE E AUTORITÁRIO

O RITO ROTO

O GRANDE ANTOLHO

OLHARES AMOROSOS

QUE NOS JOGAM AS MERCADORIAS

OS BENS DA TERRA
OS MALES DO CÉU
QUANTIDADES E VARIEDADES
INUTILIDADES E FOME

UM PÉ DE VENTO
SEM PÉ NEM CABEÇA
AO PÉ DO OUVIDO
À MÃO DOS OLHOS

DINHEIRO, TUDO É DINHEIRO
A FALA, A CALA
CORAÇÕES E MENTES
A VERDADE E A BELEZA

O MODO URBANO DE VIVER
NA CIDADE COMO NO CAMPO
NADA É MÉRITO
TUDO HERANÇA, MERCÊ E PRESENTE

O OURO E O COURO
O RABO E A PALHA
A FUMAÇA E O FOGO
A PECÚNIA E A VIDA

INTRANQUILIDADE
EM TORNO DELES E EM SI PRÓPRIOS
DO FOGO PROVÉM TUDO
E DE TUDO, O FOGO

Urca, Rio de Janeiro, dezembro de 1980

A ROTA D'ÁGUA

SÁBADO

DESCE A NOITE

SEM ESCRÚPULOS

OS TRANSEUNTES TRANSAM

APRESSADOS

APRESADOS

ACOSTUMADOS À PRESSA, PRESOS

REMESSA, PORTE PAGO

NOITE TARJA

NEGRA

SALPICADA DE LUZ

COMO UMA RISADA

NOITE SARJA

CALMA

NOS QUARTÉIS

E NOS BORDÉIS

NOITE CUNHA, CICATRIZ

MUTIRÃO DE PRAZER

DE DESCANSO

DE DESCASO

VAZIO
ENTRE DUAS SEMANAS
ENTRE DIAS ÚTEIS
INÚTEIS

SOLIDÃO SABATINA
SEM AS DÚVIDAS
DA MANHÃ
OU AS INCERTEZAS
DO MEIO DIA
APENAS O CORTE DA NOITE
CORTESIA
ILUSÃO VIPERINA
AFIADO ABRIGO
DEUS SEPARADO DE NÓS
POR UM TRAMBIQUE
A NOITE DESCE
SEM ESCRÚPULOS
E A SEMANA
EMANA

Urca, Rio de Janeiro, dezembro de 1980

COMPROMISSOS

AMANTES

FELICIDADE DE ARRANHA - CÉU

NADA ALÉM DA CAMA

ABISMO HERDADO, NENHUM VÍNCULO

O INFINITO DA MATÉRIA ALÉM DO CORPO

O CUSTO DA COMIDA

DO COMBUSTÍVEL

E DO ALUGUEL

QUASE TUDO

NADA EM COMUM

APENAS A SOBREVIVÊNCIA

JAMAIS COMPLETAMENTE RECONHECIDA

TUDO É LAÇO

TALVEZ

E O EROTISMO É UMA CURIOSIDADE

AMANTES

NADA ALÉM DA CAMA

NENHUM VÍNCULO ALÉM DO CORPO

DO CUSTO DA COMIDA

DO COMBUSTÍVEL
E DO ALUGUEL
NADA EM COMUM
APENAS A SOBREVIVÊNCIA
TUDO É LAÇO
E O EROTISMO É UMA CURIOSIDADE
BUSCA
DO AINDA NÃO CRIADO
PRESENTIMENTO
DE UM MUNDO NOVO
JAMAIS COMPLETAMENTE CONHECIDO

AMANTES
FELICIDADE DE ARRANHA - CÉU
NADA ALÉM DA CAMA
QUASE TUDO A APRENDER
ALUMBRAMENTOS
MASTIGADOS COM ALHO E CEBOLA
NENHUM VÍNCULO, FLORES E ESPINHOS
ANZÓIS E ALFINETES COM CREME
O CUSTO DA COMIDA
DO COMBUSTÍVEL
DO ALUGUEL
E DAS MEIAS DE SEDA

O INFINITO DA MATÉRIA
ABISMO HERDADO ALÉM DO CORPO
ALÉM DO CORPO, O CUSTO

Urca, Rio de Janeiro, dezembro de 1980

APRENDER A VOAR

O HOMEM É VÁRIO
FEITO DE VÁRIAS PARTES
DE VÁRIAS POTENCIALIDADES

E DEVE USÁ-LAS TODAS
CORAÇÃO E CÉREBRO
SENTIMENTO E RAZÃO

NÃO É POR APRENDER A NADAR
QUE DEVE ESQUECER DE ANDAR

AS CONQUISTAS HUMANAS
COMO A RADIOATIVIDADE
DEVEM SER CUMULATIVAS

E NÃO EXCLUSIVAS
DEVEM SER ABRANGENTES
E NÃO EXCLUDENTES

VÁRIO É O HOMEM
MALANDRO, OTÁRIO

Urca, Rio, dezembro de 1980

CÊ É BESTA, SÔ !

POIS É
E NÓS SOBREVIVEMOS
APESAR DO CÂNCER
APESAR DO INFARTO
APESAR DO PETRÓLEO
APESAR DO AUTOMÓVEL
NACIONAL
QUEM DIRIA
FAZER DA PRÓPRIA VIDA
UMA AVENTURA
CÊ É BESTA, SÔ !
E A CARA DELES
(DE TACHO)
COMO FICOU ? COMO FICARÁ ?
COM A NOSSA SOBREVIVÊNCIA
COM A NOSSA INSISTÊNCIA
COM A NOSSA RESISTÊNCIA
A INSISTÊNCIA DOS JECAS
DA PLEBE
DA PATULÉIA

DAS MASSAS IGNARAS
DA RALÉ
DA MIUÇALHA
DO REBOTALHO
DA ESCORRALHA DE MESTIÇOS
A RESISTÊNCIA DOS GERMENS
E DOS INSETOS
SARAVÁ!
CÁ ESTAMOS
COM O DEDO NO BOTÃO
À ESPERA
DO PRÓXIMO PROGRAMA
COM O DEDO NO GATILHO
À ESPERA
DO PRÓXIMO
...

Urca, Rio de Janeiro, dezembro de 1980

O BEIJO DO PEIXE

VIDA : SUA PRESENÇA
NOS INQUIETA, NOS DESORIENTA
SUAS ESQUIVANÇAS E FUGAS
NOS FASCINAM
VIVER O QUE NÃO TEM REMÉDIO
SOBREVIVER AO REMEDIADO
TEIA - VIVER
QUANTO MAIS SE EXPLICA
MAIS OBSCURO PARECE
O QUE NÃO TEM REMÉDIO
REMEDIADO ESTÁ
A ARTE É LONGA
E A VIDA CURTA
VIVER TENTAÇÕES
SOBREVIVER INTENÇÕES
BOAS INTENÇÕES COMO AS MÁS
INTENÇÕES, APENAS
A VIDA SÃO ATITUDES
SONHAR É QUASE SEMPRE

PROTESTAR SECRETAMENTE
O SOBREVIVER ESMAGA O VIVER
NEM SÓ DE PÃO
VIVE O HOMEM
MAS TAMBÉM DE HESITAÇÃO, AMBIGUIDADE
E ANGUSTIAS SURDAS
VIVER É O QUE SOBRA
O QUE RESTA
O BAGAÇO, O SUMO, O SUCO, A ESSÊNCIA
VIVER É O QUE SOBRA
DO SOBREVIVER
O MEDO DA VIDA
MAIOR, ÀS VEZES
QUE O MEDO DA MORTE
VIVER É SOBREVIVER

Urca, Rio de Janeiro, dezembro de 1980

COMO ÁGUA, COMO FOGO

NEM TUDO QUE SE FAZ POR AMOR

- MEU AMOR -

É JUSTO, É CORRETO

CAVAR O CHÃO EM BUSCA DE PÃES DE MEL

FERVER PONTES EM VINHO

O AMOR NEM SEMPRE TEM RAZÃO

O AMOR TAMBÉM PROIBE

O AMOR TAMBÉM CERCEIA

BEM OU MAL

AS DIVERSAS MANEIRAS DE AMAR

O AMOR TAMBÉM MATA

O AMOR TAMBÉM DESATA

A MORAL, A ARTE, A CIÊNCIA

AS DIVERSAS MANEIRAS DE AMAR

O AMOR TAMBÉM ODEIA

AMOR NEM SEMPRE AMOR, POSSE

PRESO ENTRE OS DEDOS

COMO ÁGUA

ENTE SUPERIOR QUE DISPENSA AS PALAVRAS

ALMA REPLETA DE CORPO
NÃO SE CONTENDO APENAS
EM TER OU SER
O INSTINTO, TINTO
SOLTO ENTRE OS DEDOS
COMO FOGO
SABER, EXPERIMENTAR, NADA EXCLUIR
VISITAR MUSEUS
MAS TAMBÉM FREQUENTAR LABORATÓRIOS
ÓDIO QUE AMA
COMO MEL, COMO VINHO
AMOR QUE ODEIA
COMO ÁGUA, COMO FOGO

Urca, Rio de Janeiro, dezembro de 1980

RUGAS / RUSGAS

ANIMAIS

INSEPARÁVEIS E SOLITÁRIOS

OBSTINADOS À VIOLÊNCIA E AO ASSASSINATO
DE SEUS SEMELHANTES

COM CAPACIDADE DE PLANEJAR SEU FUTURO

CRIAR ARTE, CIÊNCIA, FILOSOFIA

E SUPERAR AS LIMITAÇÕES BIOLÓGICAS

IMPOSTAS ÀS OUTRAS ESPÉCIES

GALOS E ABELHAS

PORCOS E SERPENTES

MACACOS E PORCELANAS

ANIMAIS

INSEPARÁVEIS E SOLITÁRIOS

DESTRUIDORES E CRIADORES

(E TODO CRIADOR É TAMBÉM UM DESTRUIDOR)

OS HOMENS SÓ INTERESSAM A SI MESMOS

CULTURA = EGOLATRIA E AUTO-REFERÊNCIA

SER É UM ESTAR PERMANENTE

RUGAS E RUSGAS
ESPINHOS E GUIZOS
PÁS E ESPELHOS
LANÇAS E ENXADAS
GAVETAS, GRUTAS E COFRES

ANIMAIS
TEMPO E INDIFERENÇA
VENTOS, CHUMBO E VASSOURAS
MUDANÇAS E INCERTEZAS
RUGAS, RUSGAS E ESTE SENTIMENTO
ARTESANAL E HUMANO
QUE É A FELICIDADE

Santos, SP, 1º de janeiro de 1981

O CANTO ENCOMIÁSTICO DE DIOGO PEREIRA RIBEIRO DE VASCONCELLOS (*)

NUM PAÍS NASCIDO SOB O SIGNO DA CENSURA
ONDE JÁ FOI PROIBIDO IMPRIMIR-SE LIVROS
E PINTAR SUAS PRÓPRIAS PAISAGENS
A SUA SOCIEDADE ACABOU POR INCORPORAR
HIPOCRITAMENTE, ESTA MESMA CENSURA

AS LUTAS PELA LIBERDADE DE EXPRESSÃO
RESTRITAS QUASE SEMPRE A UMA ELITE
QUE AS TEM MONOPOLIZADO
ABAFANDO OU DESPREZANDO AS DE ORIGEM POPULAR
DONA E SENHORA DA ARTE OFICIAL

E DA OFICIOSA DOS MODISMOS

NUM PAÍS EM QUE JÁ FOI PROIBIDO
FANTASIA DE ÍNDIO NO CARNAVAL
E PRETO JOGAR FUTEBOL
AS ARTES VOLTARAM-SE SEMPRE

PARA A PARTE BRANCA DA SOCIEDADE

A LÍNGUA VIVA TENDO QUE TRAVAR
CONSTANTES LUTAS COM A GRAMÁTICA
ESTABILIZADORA DO PODER LINGUÍSTICO
E POR CONSEQUÊNCIA POLÍTICO

A MANUTENÇÃO E ESTABILIZAÇÃO DA LÍNGUA
SIGNIFICANDO A MANUTENÇÃO E ESTABILIZAÇÃO DO PODER

NUM PAÍS EM QUE TABAQUES, PANDEIROS
CANZÁS, BOTIJAS E CASTANHETAS
FORAM QUEIMADOS COMO SE FOSSEM

COISAS DO DEMÔNIO
E UM ESCRITOR DO SÉCULO XVIII CHEGOU A PROPOR
QUE FOSSEM CHICOTEADOS PELAS RUAS
OS SERESTEIROS QUE SAÍAM CANTANDO À NOITE
A MÚSICA POPULAR – A ÚNICA DAS ARTES

A MANTER UMA RELAÇÃO COM O POVO –
SEMPRE FOI TRATADA COMO COISA MENOR
E HOJE ENCONTRA-SE ENQUADRADA
E SUBMETIDA PELO MERCADO
QUE NADA MAIS É QUE UMA ESPÉCIE DE CENSURA

NUM PAÍS EM QUE O PRINCIPAL MOVIMENTO
PELA SUA AUTONOMIA
FOI CONSTITUÍDO POR GRANDE NÚMERO DE LETRADOS
QUE O CONCEBIAM LIMITADO
ÀS SUAS CAPITANIAS

E NÃO VIAM COM BONS OLHOS AS POPULAÇÕES LOCAIS
QUE NÃO CORRESPONDIAM AOS MODELOS
DE SOCIEDADE QUE OS INSPIRAVAM
A CULTURA POPULAR RARAMENTE FOI BEM COMPREENDIDA
PELA SUA INTELECTUALIDADE

QUE NO FUNDO TEM UM CERTO HORROR
AO POVO VISTO DE PERTO
APENAS O ACEITANDO DE LONGE: COMO FOLCLORE
RESPEITÁVEL DO PONTO DE VISTA ACADÊMICO
MAS ACULTURADA COMO SE FOSSE DE OUTRO PAÍS

INCAPAZ DE TRABALHAR COM A DIVERSIDADE
PRESA DESDE SEMPRE À UNIFORMIDADE
QUE É TAMBÉM UMA FORMA DE CENSURA

NUM PAÍS EM QUE O PRIMEIRO LIVRO
SÓ FOI IMPRESSO NO SÉCULO XIX

E ERA UM CANTO DE LOUVOR A UM GOVERNANTE
O PASSADO É FEITO APENAS DE DOCUMENTOS OFICIAIS
E O PRESENTE SERVIDO DE MANEIRA CAÓTICA
E FRAGMENTADA PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO
ONDE DETALHES E MINÚCIAS SERVEM

MUITO MAIS PARA CONFUNDIR QUE ESCLARECER
A PERDA DA MEMÓRIA
E A MANIPULAÇÃO JORNALÍSTICA DA NOTÍCIA
ATUAM IGUALMENTE COMO MECANISMO DE CENSURA

NUM PAÍS EM QUE O SEU LADO NEGRO É BRANCO

E A CIVILIZAÇÃO, ALÉM DE UM PRECONCEITO
TORNOU-SE UM PRIVILÉGIO
SE VOCÊ O OLHA COM UM OLHAR INJUSTO
É PORQUE O OLHO CENSURADO
ASSIM COMO O HOMEM ENCARCERADO

NÃO TEM O PODER DE SER JUSTO
TALVEZ ELE NEM TENHA O DEVER
DE SER JUSTO
UMA VEZ QUE O ÚNICO DEVER DE UM PRISIONEIRO
SEJA CONSEGUIR A LIBERDADE

(*). Primeiro livro impresso no Brasil, em Vila Rica, no ano de 1806 e era um canto de louvor ao novo governador da Capitania de Minas Gerais, Pedro Maria Xavier de Ataíde e Mello.

Santos, SP, janeiro de 1981

NOCHE DE RONDA

I. 00:00 hs

VENTO

LUA

SOLIDÃO

O RUÍDO DOS METAIS

O AÇOITE DAS TURBINAS

O PENSAMENTO LÓGICO

O CONHECIMENTO

A EXPERIÊNCIA

A NECESSIDADE E O ACASO

II. 01:00 hs

NOITE

LUA

ALAZÃO

CAVALO ALADO

CORCEL, PROFISSÃO

O RUÍDO DOS BEMÓIS

O SOLUÇO DOS CASAIS

A REALIDADE E SEU MODELO

A TEORIA E AS COISAS

SUA REPRESENTAÇÃO E PROBABILIDADE

III. 02:00 hs

FRUTAS

VAGENS

E RAÍZES

CICATRIZES DO TEMPO

OS DADOS, AS QUANTIDADES

PESOS, FÔRMAS E MEDIDAS

INDIFERENÇA E OBJETIVIDADE

O JOVEM LOUCO E A VELHA BUSCA

A IGNORÂNCIA E A SABENÇA

A NECESSIDADE E O OCASO

IV. 03:00 hs

VAGENS

LUAS

E VAGINAS

O MUNDO E SEU APRENDIZADO

O SEXO COMO FONTE DE PRAZER

E DE DOENÇAS

CONTRABANDISTA DE PAIXÕES

O SABER COMO REMÉDIO

E VENENO

ÀS VEZES COMO FORMA DE EVASÃO

ÀS VEZES COMO FORMA DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

V. 04:00 hs

NOITE

FOICE

SOLIDÃO

A DESAVENÇA, A DIAMBA

O AÇOITE DA RAZÃO

ALAZÃO

A SOLIDÃO É UM FUNGO

A SOLIDÃO É UM MUNDO

BEIJOS SÃO SEIXOS

SEIXOS ROLADOS, ROGADOS

DEUS NÃO JOGA DADOS

SÁBIO OU DIABÓLICO

JOGA DARDOS

VI. 05:00 hs

E A TRAGÉDIA REAL

CONSISTINDO

NA IMPOSSIBILIDADE DA TRAGÉDIA

Urca, Rio de Janeiro, janeiro de 1981

DE BEBEDOURO A ILHÉUS

SOLANGE EM BEBEDOURO

SOLANGINHA EM ILHÉUS

SOLANGE EM ACARI

SOLANGINHA EM ANCHIETA

SOLANGE

LANGE

LANGE

SOLANGE

LAMBE

LAMBE

SOLANGE

SOLANGINHA

SOLANGETA

QUANDO VIRÁS PARA MIM ?

DOCE - MEIGUINHA

MOLHADINHA ENXUTINHA

AMIZADINHA ZANGADA

MEU CARINHO

MEU CAMINHO

DEIXA TEUS GRILOS

LIBERTA TEUS SAPOS

TEUS BESOUROS

TEUS TESOUROS

SOLTA TEUS SALTOS

TEUS PALPOS

TUA ARANHA

DÁ LINHA À TUA PIPA

ENTREGA TEU OURO

AO BANDIDO

PRA QUE CORTAR - SE TODA ?

EM FRENTE AO ESPELHO

NUM REFLEXO

SEM NEXO

PRA QUE ESBOFETEAR - SE ?

EM EXTASE DE DOR E JÚBILO

APÓS A SIRIRICA

CONTRITA

DEIXA EU ENGOLIR TEUS SAPOS

LAMBER TEUS PENSAMENTOS

TEUS CABELOS

TEUS PELOS

ESTAR NOS PALPOS DA TUA ARANHA

SENTIR TUA SANHA

CASTANHA

EM BEBEDOURO ME FIZESTE UM CARINHO
EM ILHÉUS ME MOSTRASTE UM CAMINHO
NO RIO ME DEIXASTE SOZINHO
POR TERNURA OU ESCÁRNIO
FAZ O QUE QUISER COMIGO
FAZ FITA, FAZ CENA
FAZ MANHA, MALCRIAÇÃO OU BEICINHO
SÓ NÃO FAZ CU - DOCE
QUE EU SOU DIABÉTICO

GRILOS AOS QUILOS
SAPOS A GRANEL
BESOUROS PELOS CÉUS
DE BEBEDOURO A ILHÉUS

Urca, Rio de Janeiro, janeiro de 1981

PAULELA

EU TE VIA NO TELHADO
SILENCIOSA
CABELOS CONGELADOS
SORRINDO
A ME OLHAR
EU TE VIA
DEBAIXO DA JABUTICABEIRA
A CARA COBERTA DE BARRO AZUL
SEM RECLAMAR
DA NOITE OU DA AURORA
DO SOL OU DA CHUVA
DO CALOR OU DO FRIO
EU TE VIA NUA
TOMANDO BANHO
NO TANQUE DE LAVAR ROUPA
ME ACENANDO
SEM NADA PEDIR
SEM NADA SENTIR
SEM NADA, NADA, NADA
ME ASSALTANDO OS OLHOS
COMO UM BANDIDO

EU TE VIA
NA ESTAÇÃO DO TREM
NO CARRO DAS HORAS
TE AMANDO ENCOLHIDO
TE NAMORANDO À TRAIÇÃO
TE ESPIANDO
ME ESPICHANDO
ATÉ VOCÊ PARTIR
SEM NADA DEIXAR
SEM NADA DIZER
VIRGEM COMO VEIO
COMO QUE SABENDO
QUE É MAIOR VENTURA RECEBER
DO QUE DAR
E MAIOR AINDA ROUBAR
COMO QUE PREVENDO
QUE A VIDA NÃO SE SUSTENTA
APENAS EM PALAVRAS

Urca, Rio de Janeiro, janeiro de 1981

MORTOS

OS MORTOS DE CADA DIA
INCONSCIENTES, INCONSISTENTES
EM CADA VIA, EM CADA BECO
QUE MORREM DE QUALQUER MANEIRA
RESIGNADOS OU INDIGNADOS
EM CADA ATO, EM CADA FATO
MORTOS VÃOS, SÃOS
RIMA E ÍMÃ, MAGMA E LAMA
QUE MORREM POR QUALQUER BESTEIRA
EM TRANSE, EM TRÂNSITO
DE VELHICE OU DE SANDICE
QUE MORREM SEM TER NASCIDO
COM NATURALIDADE OU MAL - COMPREENDIDOS
VELHOS CACHORROS, VELHAS CÃS
MUITO MORTOS E MUITO VIVOS
XANGÔ, LAMARCA, LAMPIÃO
CARNE ENTRE OS DENTES
LETRA MORTA, PÓLIS, PÓ
QUEIMADOS COMO ARQUIVOS
CONSTRANGIDOS, TRANSLÚCIDOS
E A LUCIDÊZ É UMA LARVA

PARVA

DISPLICENTE

INCONSEQUENTE

Urca, Rio de Janeiro, janeiro de 1981

U.S.A.

U.S.A., MINHA MUSA
PÁTRIA DA DEMOCRACIA
PARAÍSO DA LIVRE - INICIATIVA
POLÍCIA DO MUNDO
A QUEM TODOS DEVEM PAGAR
PARA RECEBER PROTEÇÃO

U.S.A. SÃO EUROPA
ALÉM DE SEU PRÓPRIO PAÍS
BEIJOS DE MADEIRA, LÍNGUA DE METAL
MUSA RECLUSA
PARA QUEM NADA EXISTE
ALÉM DE SEU PRÓPRIO PAÍS

U.S.A. NA MINHA BLUSA
DE LAVRADOR, DE LAVADOR DE CARROS
FOME DE LUCROS, FOME E LUCROS, LUZ E PENUMBRA
PENSAR NOS U.S.A.
ME FAZ PENSAR NO BRASIL
FALAR DOS U.S.A.
ME FAZ FALAR DO BRASIL

BRASIL É EUROPA
PARA QUEM TUDO EXISTE
ALÉM DE SEU PRÓPRIO PAÍS
BRASIL NÃO É EUROPA
AO CONTRÁRIO DOS U.S.A., GORDURA E CORDURA
BRASIL É ÁFRICA
A DESORDEM CORRENDO ATRÁS DO PREJUÍZO

U.S.A. MEDUSA
TEU OLHAR PETRIFICADO ENCARO, ESCANCARO
TEU CINEMA, TUA MÚSICA, TEUS SABORES
TUAS MARCAS E PATENTES, TEUS RANCORES
BRASIL NÃO É ÁFRICA
BRASIL É AMÉRICA
VIRTUDE DESORIENTADA, DEMOCRACIA DA PÁTRIA
A VIDA COMO CICERONE

BRASIL ECLUSA
COMPORTA, REPRESA, DIQUE, EJACULAÇÃO CONTIDA
PARAÍSO DO FUNCIONALISMO PÚBLICO
ONDE SE ENCHARCA DE SOL
E SE PASSA O CEROL
NEGÁ-LO TRÊS VEZES, RENEGÁ-LO
PARA A ELE SUCUMBIR

E COM OUTROS OLHOS O VER
COM OUTRO AMOR O AMAR

U.S.A., MIMOSA MUSA
TE CONHEÇO SEM NUNCA TER IDO AÍ
TEU AÍ É AQUI: IMAGEM E SEMELHANÇA
MUSA INTRUSA
IMAGEM , MARCA, LOGOTIPO
TE CONHEÇO SEM NUNCA TER IDO AÍ
COMO OS CIENTISTAS
QUE COLOCARAM O HOMEM NA LUA
SEM NUNCA TEREM IDO LÁ

FALAR DOS U.S.A.
ME FAZ FALAR DO BRASIL
PENSAR NOS U.S.A.
ME FAZ PENSAR NO BRASIL
ONDE EM CASO DE DOMINAÇÃO CULTURAL
QUANDO O ESTUPRO É INEVITÁVEL
O POBRE RELAXA E APROVEITA
O RICO LUCRA COM ELE
E A CLASSE MÉDIA SE APAIXONA PELO ESTUPRADOR

Urca, Rio de Janeiro, janeiro de 1981

DA VORACIDADE DAS FÊMEAS

É UM BELO ESPETÁCULO
ESPINHO PARA OS OLHOS, VORAGEM
VOCÊ NA PRAIA
PASSANDO ÓLEO

SUA PELE
SEUS MEMBROS
SEU SUOR

VOCÊ NÃO TEM IDADE, QUASE
INDEFINIDA / INDEFINÍVEL
NO TEMPO E NO ESPAÇO

FLUTUA NO AR
(QUASE) NUA
BRILHO INCONSÚTIL, VORAZ DE SOL : BIUNÍVOCA

O MESMO AR
QUE CONTINUOU A EXISTIR TAL COMO ERA ANTES
APÓS A CIÊNCIA TÊ - LO DECOMPOSTO
EM SEUS ELEMENTOS

O MESMO AR, LAICO
QUE CONTINUARÁ A EXISTIR
APÓS VOCÊ
PASSAR O SEU ÓLEO

Urca, Rio de Janeiro, janeiro de 1981

AR - CONDICIONADO

AR - CONDICIONADO

ACIONADO

NADO, NADA

NADA FEITO

NENHUM JEITO, NENHUM FEITO

AR - CONDICIONADO CONTRAFEITO

RAREFEITO, DE AR FEITO

AR - CIMENTO, LAMENTO, MEMENTO

NAU - CONDICIONAL, VENDAVAL

VERDADE QUE NÃO SE OPÕE AO ERRO

MAS AO ESQUECIMENTO

CIMENTO

PÁ DE CAL, VERDADE CONDICIONADA

AR - CONDICIONAUTA

ARGONAUTA CONFINADO, JUDEU NEGRO

MORRER COMO UM SORRISO

MORRER COM UM SORRISO

RIR DE TANTO CHORAR

MORRER DE RIR

Urca, Rio de Janeiro, janeiro de 1981

CURRICULUM VITAE

I. IDENTIFICAÇÃO :

NASCI

PARA RIR DA SORTE

E ZOMBAR DO AZAR

E AINDA

ESTOU VIVENDO

COMO UMA NAVALHA

NAS MÃOS DE UMA CRIANÇA

CONTINUO VIVO

APESAR DA INSISTÊNCIA DOGMÁTICA

DA SOCIEDADE

PARA QUE TODOS ENCAREM O MUNDO

DA MESMA MANEIRA

APESAR DAS BOMBAS

E EXPLOSÕES

(VISTAS, QUASE

COMO MAIS UM INCONVENIENTE

DA VIDA URBANA

IGUAL AO TRÂNSITO)

II. FORMAÇÃO :

NASCI

PARA EXPERIMENTAR

E DESEJAR

E AINDA

ESTOU VIVENDO

ACREDITANDO PRIMEIRO NAS VÍSCERAS

DEPOIS NO CORAÇÃO

E DEPOIS NO CÉREBRO

A MORAL

NÃO ME SUSCITANDO PROBLEMAS COM OS DEUSES

MAS COM OS HOMENS

CONTINUO VIVO

APESAR DAS NOITES EM CLARO DO ESPÍRITO

E DOS DIAS EM ESCURO DAS VÍSCERAS

DOS PAPÉIS PREESTABELECIDOS

E DA VIDA DISSOCIADA

DO QUE SE PENSA E DO QUE SE SENTE

III. EXPERIÊNCIA :

NASCI

E AINDA

ESTOU VIVENDO
CONTINUO VIVO
APESAR DO TRABALHO
ARTIFICIAL E SEM SENTIDO
DA LUTA PELA ASCENSÃO SOCIAL
E DO PROGRESSO ENTRE OS HOMENS
DEFASADO DO PROGRESSO SOBRE AS COISAS
NASCI
E AINDA
ESTOU VIVENDO
CONTINUO VIVO
APESAR DA MINHA SIMPLICIDADE
ANTE A COMPLEXIDADE DAS COISAS
NASCI
E AINDA
ESTOU VIVENDO
CAMINHANDO COM SOLAS GASTAS
COM SOLAS CASTAS

IV. DADOS COMPLEMENTARES :

NASCI

PARA SOBREVIVER

À EXCITAÇÃO DO NASCIMENTO

Urca, Rio,janeiro de 1981

O MUNDO PERFEITO

Uns tomam éter, outros cocaína.

Eu (já tomei tristeza, hoje) tomo alegria.

Manuel Bandeira

O MUNDO PERFEITO É UM PARAÍSO

DE PERGUNTAS ADEQUADAS

E RESPOSTAS RELEVANTES

O MUNDO PERFEITO É UM SONHO

ANTIGO COMO A IMAGINAÇÃO

O MUNDO PERFEITO É UMA DROGA

DE EQUILÍBRIO E LUCIDEZ

O BARATO, ÀS VEZES, SAI CARO

PAGAR O PREÇO DO PARAÍSO

ONDE TUDO É PAGO

ONDE TUDO É PERFEITO

A PERFEIÇÃO É O ESTÉTICO, O ESTÁTICO

FELICIDADE CONGELADA, TELA DE TV

O RICO PARAÍSO DOS RICOS

O POBRE PARAÍSO DOS POBRES

O MEDÍOCRE MUNDO PERFEITO DA CLASSE MÉDIA

A PERFEIÇÃO É UMA DROGA

A PERFEIÇÃO É OBSCENA

COMO O SONHO

RICOS E POBRES SEMPRE TRANSARAM AS DROGAS

AS NATURAIS, OS POBRES

AS ARTIFICIAIS, OS RICOS

AS DROGAS SÓ SE CONVERTERAM EM PROBLEMA

QUANDO FORAM ADOTADAS PELA CLASSE MÉDIA

MAS O PROBLEMA NÃO É A DROGA

É O DINHEIRO

TRÁFICO OU CONSTRUÇÃO CIVIL

ACABA SENDO A MESMA COISA

A DROGA É UM NEGÓCIO

COMO OUTRO QUALQUER

COMO O SEXO E A SAÚDE

O MUNDO PERFEITO É O PARAÍSO

NO PRÓPRIO CORPO

QUALQUER SONHO, QUALQUER UTOPIA

QUALQUER DROGA, QUALQUER PORCARIA

NATURAL, ARTIFICIAL OU MORAL

O PROBLEMA NÃO É O PARAÍSO

SÃO OS DEUSES

DEUSES CARETAS OU DEUSES DROGADOS
O PROBLEMA NÃO É A SUBSTÂNCIA
SÃO OS HOMENS
CAPITÃES DE INDÚSTRIA OU CAPITÃES - DO - MATO

NO PARAÍSO PERDIDO
O SONHO COMO UM ATO CRIMINOSO
NO PARAÍSO ARTIFICIAL
O SONHO COMO UM ATO EM SI MESMO
EM AMBOS OS PARAÍÇOS
OS LIMITES JUNCADOS DE CADÁVERES
O HOMEM SEMPRE CONVIVEU COM DROGAS LETAIS
PARAÍÇOS SEM TOLERÂNCIA
REVOLUÇÕES SEM GENEROSIDADE
O HOMEM SEMPRE CONVIVEU COM DROGAS LETAIS
O PODER É UMA DROGA
A FÉ É UMA DROGA
O AMOR É UMA DROGA
O HOMEM SEMPRE CONVIVEU COM DROGAS LETAIS
VIVER É FAZER PROPOSIÇÕES SOBRE A VIDA

Urca, Rio de Janeiro, janeiro de 1981

NATURISMO

QUE ME IMPORTAM O VENTO, O SOL, O MAR

O CÉU, A LUA, AS ESTRELAS

SE TENHO VOCÊ

TEUS OLHOS (DE VENTO)

TUAS MÃOS (DE MAR)

TUA BOCA (DE SOL)

TEU SEXO (DE ESTRELAS)

TEU NEXO (DE LUA)

TEU CÉU

TUDO

INTEIRO

INTEGRAL

QUE ME IMPORTA A NATUREZA

LÁ FORA

SE TENHO A TUA NATUREZA

AQUI DENTRO

O QUE ME IMPORTA

É EU ESTAR DENTRO

DA TUA NATUREZA

NATUREZA DA ÁGUA

NATUREZA DO FOGO

E ÁGUA NA DESCIDA
FOGO NA SUBIDA
E MULHER QUANDO QUER DAR
NINGUÉM SEGURA

O QUE ME IMPORTA
É O AGORA
MAIS TARDE
TALVEZ EU MUDE DE IDÉIA
TALVEZ EU DÊ O PINOTE
AMANTE TRANSPARENTE
O HOMEM É FEITO
DO CORPO DE MULHERES
- DE VÁRIAS MULHERES -
NO SEU INTERIOR É UMA OUTRA MULHER
QUE ESTÁ INSTALADA
: UM LÉSBICO

NÃO IMPORTA
O QUE IMPORTA É O MEU, O TEU
AMOR ECOLÓGICO
LÓGICO, ILÓGICO
UM AMOR QUE NÃO VIVE PREOCUPADO
SUSPIRANDO

UM AMOR QUE DESPREZA A SABEDORIA
QUE VEM DA DOR

UM AMOR QUE DESPREZA A SABEDORIA
E A ESQUIVA DESCONFIANÇA

UM AMOR QUE PREFERE
OLHARES E MÃOS

AO INVÉS DE JURAMENTOS

UM AMOR QUE PREFERE
PÊNIS, VULVAS, BOCAS, SEIOS E ÂNUS

UM AMOR QUE NÃO TEM
SOMENTE UMA ESCOLHA

O QUE IMPORTA

É O MEU DESEJO SELVAGEM

E O TEU DESEJO DOMÉSTICO

DOMESTICADO

CLOROFILÁTICO

PROFILÁTICO

O MEU DESEJO DE VERDE E LUZ

E O TEU DESEJO FOTOSSÍNTESE

FIANÇA, AVAL

OFEGANTE, AFAGANTE

O MEU DESEJO CARNAL, NÃO VEGETARIANO

UM POUCO MAIS GORDO

UM POUCO MAIS MAGRO
E O TEU DESEJO
NÃO SUFICIENTEMENTE ENIGMA
E NÃO SUFICIENTEMENTE SOLUÇÃO
UM DESEJO NEM BRANCO, NEM PÁLIDO
NEM BANAL, NEM IGUAL
O MEU DESEJO EUFÓRICO, SEMAFÓRICO
VERDE, AMARELO E VERMELHO
FEITO DE FLUXO E SANGUE
E O TEU DESEJO ATEU
QUE NÃO PRECISA CRER
PORQUE SABE
FANAL
FATAL
FINAL

Urca, Rio de Janeiro, janeiro de 1981

POEMA CONTÁBIL COM TORRESMO À MILANESA

DEVE HAVER

UM MEIO, UM JEITO, UM DEFEITO

NA CONTABILIDADE DO POEMA

NA CONTA, NA IDADE

NO FAZ - DE - CONTA DO POEMA

A CONTABILIDADE DO POEMA

(NO FUNDO) É UMA CONTA DE CHEGAR

A LIBERDADE (QUASE SEMPRE) É UMA CONTA
DE CHEGAR

UM MEIO, UM JEITO, UM DEFEITO

UM DEVE E UM HAVER

A LIBERDADE DO POEMA

É UM FIO, UM PIO CONDUTOR

TRIBUTÁRIO DO TRABALHO

DOS VIVOS E DOS MORTOS

CICATRIZ QUE NÃO SE APAGA

O POEMA É SEMPRE UMA CICATRIZ

FEITA A GIZ, ESTRANGULANDO A EMOÇÃO
LETRA, PEDRA, PÓ
IMPRESTÁVEIS PARA O BEM E PARA O MAL
O PRODUTO DOMINANDO O PRODUTOR

O PRODUTO DO POEMA, USURA DA RAZÃO
NÃO DEVE SER TOMADO AO PÉ DA LETRA
O POEMA TEM SEMPRE CARRADAS DE RAZÃO
A RAZÃO, A EMOÇÃO, VEM EM CARROS, AUTOMÓVEIS,
CAMINHÕES
COMO NO TRÂNSITO, COMO NO TRANSE

A LETRA DO POEMA
É UMA LETRA DE CÂMBIO
NO ANARCOTRÁFEGO DA VIDA DIÁRIA
NO CONTEÚDO, NA CONTINGÊNCIA
NO MUNDO DE ILUSÃO DA VIDA DIÁRIA

A PEDRA DO POEMA
É UMA PEDRA DE TOQUE
DO DEVER E DO HAVER
TROPEÇAR NA PRIMEIRA PEDRA
(ÀS VEZES) É COMO ATIRAR A PRIMEIRA PEDRA

A PRIMEIRA PEDRA É COMO A PRIMEIRA LETRA
NA CONSTRUÇÃO, NA OBSTRUÇÃO DO POEMA
A PRIMEIRA LETRA É UMA QUESTÃO

DE SOBREVIVÊNCIA

É ELA QUE DISSEMINA, É ELA QUE CONTAGIA
A MONOGAMIA, A MONOTONIA DO POEMA

A POLIGAMIA DO POEMA

É O SEU DOM, O SEU SOM, A SUA VOZ SEM TEMOR

E SÓ QUEM NÃO DEVE NÃO TEME

SÓ QUEM NÃO DEVE PODE ATIRAR A PRIMEIRA PEDRA

SÓ QUEM NÃO DEVE PODE TIRAR A PRIMEIRA LETRA

O POEMA É UMA MERCADORIA

E A VENDA DOS FILHOS PELOS PAIS

É O PRIMEIRO FRUTO DO DIREITO PATERNO

E DA MONOGAMIA

O POEMA É A CONTRAVENÇÃO DA BELEZA

E A FAMÍLIA É A PRIMEIRA MONOTONIA

DE COISAS QUE SE PENSA E NÃO SE DIZ

É FEITO O POEMA, É FEITA A FAMÍLIA

FAMÍLIA QUE NOS ENSINA A CONTABILIDADE

QUE NOS ENSINA A DESEJAR

A RISONHA MALDADE DO DEVE E DO HAVER

O PÓ DO POEMA

É UM PÓ LÁCTEO, DE ESTRELAS

NÃO PRÓPRIO PARA TODOS OS OUVIDOS

UM PÓ FAMILIAR, PARA QUEM O BEM SÃO OS BENS

E QUE AINDA CONFUNDE O DEVE COM O HAVER

O POEMA AINDA SE CONFUNDE

COM O COMEREIS, PORÉM NÃO VOS FARTAREIS

COM O PROCESSO ACUMULATIVO E COM O TORRESMO

À MILANESA

QUE ACRESCENTA GORDURA À GORDURA

AO POEMA AINDA RESTA QUASE TUDO A APRENDER

Urca, Rio de Janeiro, janeiro de 1981

A FACE OCULTA DA LUA

A LUA NOVA

NOVAMENTE

MENTE

APAIXONADA POR UM ASTRONAUTA

A LUA CRESCENTE

CRESCER

E SENTIR

A SOLIDÃO QUE ACRESCE À NOITE

A LUA CHEIA

SERIEI

MANCHEIA O AR

DE VAMPIROS NOVOS E POETAS ANTIGOS

A LUA MINGUANTE

MINGUA

ANTE

A NUVEM DO TALVEZ

NO MUNDO DA LUA

NO FUNDO DA TUA

(PRESENÇA)

PERDI - ME DE MIM

NO MAPA / NO MATO DA MINA

(SEM CACHORRO)

Urca, Rio de Janeiro, janeiro de 1981

O SOL E O MEDO

NESTE JANEIRO

O SOL CONTINUA QUENTE E CLARO

LIBERTINO, COM MOSTO

DE LUZ AFIADA

O ÓBVIO SOL

NESTE JANEIRO

O MAR CONTINUA FINGIDO DE VERDE

HUMILDADE TINGIDA

DE ARROGÂNCIA

DE ELEGÂNCIA

O ÓBVIO MAR

NESTE JANEIRO

O CÉU CONTINUA POLIDO, LISO

ENIGMÁTICO PARA OS OLHOS

E PARA O NARIZ, BOCA, ESTÔMAGO

E OUVIDOS

O ÓBVIO CÉU

NESTE JANEIRO

OS DIAS CONTINUAM INCAUTOS

SEM ANGÚSTIA PELO QUE PASSOU

SEM TORMENTO

PELO QUE VAI CHEGAR

OS ÓBVIOS DIAS

NESTE JANEIRO

A MISÉRIA CONTINUA UBÍQUA, AMBÍGUA

SEM GUME, SEM FIO

CEGA COMO OS SANTOS

A ÓBVIA MISÉRIA

NESTE JANEIRO

O SEXO CONTINUA UMA CATEDRAL DE OLHOS

O CORPO COMO MERCADORIA

O CORPO COMO ALEGORIA

O ÓBVIO SEXO

NESTE JANEIRO

A FOME CONTINUA LAUTA, LASSA

FRÁGIL ESPANTO SEM PAI

FASCÍNIO DE TUDO IGUAL A TUDO

A ÓBVIA FOME

NESTE JANEIRO

O MEDO CONTINUA UMA VINGANÇA EM SILÊNCIO

AGUILHÃO NAS ILHARGAS

LIMPO E TRANSITÓRIO

COMO O VERÃO

O ÓBVIO MEDO

Urca, Rio de Janeiro, janeiro de 1981

OS PROFISSIONAIS

Um sábio era antigamente filósofo, poeta, músico. Estes talentos, ao se separarem, degeneraram, porque faltaram as idéias ao poeta, o sentir ao filósofo, a força e a energia ao canto. Juntos, um grande músico e um poeta lírico poderiam reparar todos os males.

Denis Diderot

OS PROFISSIONAIS SÃO EFICIENTES
COMPETENTES E LÓGICOS
E TÊM BOM SENSO
ESTE PRECONCEITO QUE SE TEM
ATÉ AOS DEZOITO ANOS DE IDADE

QUALIDADES DE SERVIR
À ROTINA, À DOMINAÇÃO, À ALUCINAÇÃO DO PODER
TODA PROFISSÃO É UMA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA
TODA PROFISSÃO É UMA CONSPIRAÇÃO
CONTRA O LEIGO

TODA PROFISSÃO É UMA CONSPIRAÇÃO
OS MILITARES NA PAZ SÃO INÚTEIS
O FIM DAS GUERRAS É O FIM DOS MILITARES

COMO O FIM DAS DOENÇAS É O FIM DOS MÉDICOS
E O FIM DO CRIME, O FIM DA POLÍCIA

AO CONTRÁRIO DOS CRIADORES
FAZEDORES DE COISAS E DE SONHOS
JORNALISTAS DO ENGENHO E DA ARTE
O ENGENHO, QUASE UM ACIDENTE DO TRABALHO
A ARTE, COMEÇANDO ONDE A EFICIÊNCIA TERMINA

PENSAR NUM MUNDO SEM DOENÇAS
SEM GUERRAS, SEM CRIME
(PENSAR, QUE É UM DOS MAIORES PRAZERES
DA RAÇA HUMANA)

UM MUNDO SEM PROFISSIONAIS
SEM SOLDADOS, SEM SACERDOTES, SEM JUÍZES

UM MUNDO DE AMADORES
SEM A DEFORMAÇÃO PROFISSIONAL
QUE FAZ MILITARES PRECISAREM SEMPRE DE INIMIGOS
MÉDICOS, DE DOENTES
E SACERDOTES, DO MAL

UM MUNDO DE AMADORES
ONDE O MAIS IMPORTANTE NÃO SEJA TRABALHAR

MAS APROPRIAR-SE DOS FRUTOS
DO PRÓPRIO TRABALHO
SEM OS EQUÍVOCOS DA QUALIDADE
E O UNIVERSO DOS QUE NÃO FORAM PREVISTOS

UM MUNDO QUE SEJA UM ÂMBITO DE PERGUNTAS
E NÃO DE RESPOSTAS AUTOMÁTICAS
EM QUE O TRABALHO SEJA UMA ATIVIDADE CRIADORA
E NÃO UMA DAS FORMAS PRA SE CONSEGUIR DINHEIRO
ONDE NEM TODO VALOR SE TRANFORME
EM VALOR MERCANTIL

E TUDO SEJA MELHOR NO PRESENTE
E NÃO NO PASSADO OU NO FUTURO

ECONOMISTAS, TRAFICANTES, PUBLICITÁRIOS, SOLDADOS
BARBEIROS, ADVOGADOS, PROSTITUTAS, MÉDICOS
POLÍTICOS, TRAVESTIS, EMPRESÁRIOS, SACERDOTES
CAMELÔS, FAXINEIROS, ASSALTANTES, JUÍZES
: PROFISSIONAIS

Urca, Rio de Janeiro, janeiro de 1981

FELICIDADE

A META DA EXISTÊNCIA

É ENCONTRAR FELICIDADE

O QUE SIGNIFICA

ENCONTRAR INTERESSE

POR ISSO A FELICIDADE ASSUSTA

O VERDADEIRO INTERESSE

O INTERESSE INDIVIDUAL NÃO DIRIGIDO

AMEDRONTA

TUDO É FEITO CONTRA A FELICIDADE

A ECONOMIA, A POLÍTICA, A ESCOLA, A MORAL

A NOSSA SOCIEDADE NÃO IMPEDE

PORÉM CORROMPE E EMPOBRECE A FELICIDADE

SER FELIZ EM MEIO A INFELICIDADE

AMESQUINHA A FELICIDADE

SER FELIZ NUMA SOCIEDADE INFELIZ

DE GANÂNCIAS ILIMITADAS E ESPERANÇAS TRAÍDAS

FAZ DA FELICIDADE UMA FELICIDADE PASSIVA
SUPERFICIAL, EFICIENTE

E A VERDADEIRA FELICIDADE É ATIVA

IRRESPONSÁVEL, SEM ESCRÚPULOS

A FELICIDADE É UM SENTIMENTO DE INEFICIÊNCIA
NUM MUNDO DE EFICIÊNCIA E NECESSIDADES

SALADA DE VIRGINDADES, COQUETEL DE AÇOITES

A FELICIDADE É A DESNECESSIDADE

O GOZO DE CADA UM TAL QUAL É

OS VÁRIOS MODOS HUMANOS DE SER

HIPÓTESE DE EROS

A FELICIDADE É ANTI - MESSIÂNICA

PRODUTO SOCIAL COMO O AMOR E A GLÓRIA

SUBMETIDO ÀS LEIS DE MERCADO DESSA SOCIEDADE

FELICIDADE DE CONSUMO NUMA SOCIEDADE

DE CONSUMO

SUBTERFÚGIOS E EMBUSTES

NA FELICIDADE ENGRAVATADA

INGREMIDADES E ALCANTIS

NA FELICIDADE DESCAMISADA

O HOMEM FELIZ E SUAS CAMISAS

UMA CAMISA LISTRADA E UMA CAMISA - DE - FORÇA

A FELICIDADE ASSUSTA

UM HOMEM FELIZ DÁ MEDO

O VELHO MEDO COLONIAL

DE UMA SOCIEDADE DE FELICIDADES VIRTUAIS

MAS ONDE HÁ O VIRTUAL MEDRA TAMBÉM O REAL

Urca, Rio de Janeiro, fevereiro de 1981

NEGRINHA

Para Domingas

NEGRO CIÚME

NEGRINHA TININDO

A ESCURIDÃO, A ESCRAVIDÃO

AINDA AGORA

PERPASSANDO COMO UMA SOMBRA

DE CABELINHO DURO

- PACTO

DO SOVAQUINHO FALADO

SEU CORPO IRIDESCENTE

ILUMINA A CENA

OFUSCANDO OS REFLETORES

EM VOLTA DA TELEVISÃO

COMO À VOLTA DA FOGUEIRA

- CRISE

NA ENTRADA E NA SAÍDA

OS MAIORES PERIGOS

AO LADO DAS MELHORES CHANCES

EXU GOBINEAU
SE TUDO É FIXO
TUDO SE MOVE
- CONSENSO

COISA DE PRETO
MÚSICA PARA OS OLHOS
COMO UNHAS DE CAVALOS SOCANDO O CHÃO
MEDO E ESPERANÇA
O NÃO CONFORME CARNAVAL
APENAS SENTIMENTOS HUMANOS
- CONVENIÊNCIA

O NÃO SE CONTER
OS MENORES PORMENORES
TODA COISA EXIGINDO A EXISTÊNCIA DE OUTRA
O IDÊNTICO E A DIFERENÇA
A PAZ DOS QUARENTA
E A GUERRA DOS VINTE
- REVELIA

Urca, Rio de Janeiro, fevereiro de 1981

A FORMA E O VAZIO

A POESIA PARA A VIDA
É TÃO IMPORTANTE
QUANTO O AR
SEM AR NÃO SE VIVE
MAS SÓ DE AR
TAMBÉM NÃO SE VIVE
A POESIA É ESSENCIAL
MAS NÃO É SUFICIENTE
A VIDA É ÁVIDA

MEL E ESPINHOS

E O POVO
POVOADO DE POESIA
NÃO DESSA POESIA
INODORA, INSÍPIDA E INDOLOR
MAS DE UMA POESIA
DE OLHAR ESTRANHADO
ENTRANHADO DE CANIBALISMO

E POLIGAMIA
CANIBALISMO DE ESTÉTICAS

CLIMA E LÍNGUA

E POLIGAMIA DE MUSAS
QUEM FREQUENTA BOTEQUIM
ESTE UNIVERSO CRUZADO
DE TRISTES VITÓRIAS
E ALEGRES DERROTAS
SABE O QUANTO O POVO É POÉTICO
E COMO A POESIA JORRA
(AOS BORBOTÕES)
EM MEIO AOS PALAVRÕES

PAU, PÃO E PANO

Urca, Rio de Janeiro, fevereiro de 1981

É TUDO TROÇA, OUTROSSIM

...na época em que os ladrões eram executados na Inglaterra, outros ladrões exerciam seus talentos entre as pessoas que cercavam o cadafalso...

Albert Camus

(in 'Reflexões sobre a guilhotina')

1. É TUDO TROÇA

A VIDA E A MORTE, RAÍZES E ASAS

A INSIDIOSA VIDA

E A SUTIL MORTE

LÓGICA E EXATA

A VIDA É O TEMPO

A MORTE, O TEMPO DAS COISAS VÃS

A VIDA É A IMPREVISIBILIDADE

A MORTE, O FECUNDO CAOS

A VIDA NOS DÁ A MORTE

A MORTE NOS TIRA AS DÚVIDAS

AS DÍVIDAS

AS DÁDIVAS

IRMÃS SIAMESAS

A MORTE NASCE COM A VIDA

A MORTE, APENAS UMA PARTE DA VIDA

MACHADO E CABO

2. OUTROSSIM

QUEM ACEITA A VIDA

(É INEVITÁVEL)

TEM QUE ACEITAR A MORTE

TUDO O QUE SE NOS EXIGE

É REALIZAR NOSSA PRÓPRIA NATUREZA

O QUE NOS FAZ

O QUE NOS DESFAZ

OS MESMOS INDESTRUTÍVEIS ELEMENTOS

A VIDA, A MORTE

COMO A VAIDADE

SÃO UMA FATALIDADE

À QUAL NÃO PODEMOS ESCAPAR

Urca, Rio de Janeiro, fevereiro de 1981

VOCÊ ME DÁ PRESENTES

VOCÊ ME DÁ PRESENTES
COM A MESMA FACILIDADE
COM QUE ME PÕE CHIFRES
VOCÊ ME DÁ PRESENTES
COM A MESMA FELICIDADE
COM QUE ME MENTE
VOCÊ ME DÁ PRESENTES
COM A MESMA FACILIDADE
COM QUE SE PINTA
E ÍNDIO E MULHER
QUANDO SE PINTAM
QUEREM GUERRA

VOCÊ ME DÁ PRESENTES
COM A MESMA FACILIDADE
COM QUE ME PÕE VIVO
VOCÊ ME DÁ PRESENTES
COM A MESMA FELICIDADE
COM QUE SE FAZ OPORTUNA
VOCÊ ME DÁ PRESENTES
COM A MESMA FACILIDADE

COM QUE SE ESCONDE NA OBJETIVIDADE
E NÓS NOS TORNAMOS OPORTUNISTAS
(OU DECEPCIONADOS, OU MENTIROsos, OU DEMENTES)
POR CAUSA DA OBJETIVIDADE

VOCÊ ME DÁ PRESENTES
COM A MESMA FACILIDADE
COM QUE DA MULTIDÃO FAZ SUA SOLIDÃO
VOCÊ ME DÁ PRESENTES
COM A MESMA FELICIDADE
COM QUE VÊ NA CEGUEIRA UMA POSITIVIDADE PRÓPRIA
VOCÊ ME DÁ PRESENTES
COM A MESMA FACILIDADE
COM QUE TRANSFORMA DESEJO EM SINCERIDADE
E A SINCERIDADE
NÃO É UM PARTIDO
MAS UMA SOLIDÃO

Urca, Rio de Janeiro, fevereiro de 1981

MECÂNICA QUÂNTICA

SOMBRAS QUE DEIXARAM MARCAS

ESPAÇO, TEMPO

ARQUITETURA DE REFLEXOS

SEM RETORNO E SEM CHEGADA

TRÂNSITO

ANTES DE MIM

A VIDA JÁ PASSAVA

COMIGO

A VIDA CONTINUA A PASSAR

DEPOIS DE MIM

A VIDA CONTINUARÁ A PASSAR

UM POUCO DIFERENTE, TALVEZ

Urca, Rio de Janeiro, fevereiro de 1981

CERTAS PESSOAS

CERTAS PESSOAS

SÃO IGUAIS

POR DEMAIS IGUAIS

ÀS OUTRAS

DISFARÇAM - SE

NAS OUTRAS

HUMANOS A SIMULAR O HUMANO

FASCINADAS PELA APARÊNCIA DAS COISAS

MAIS DO QUE PELAS COISAS

CERTAS PESSOAS

SÃO IGUAIS

ÀQUELAS CASINHAS DE SUBÚRBIO

COM AS COLUNAS DO PALÁCIO DA ALVORADA

NA FACHADA

ESCONDENDO O PREVISÍVEL INTERIOR

PARA ELAS, SER MODERNO

É APENAS TER

ALGUNS ELEMENTOS VISUAIS, EXTERIORES

DA MODERNIDADE

CACOS, TRAÇOS, ESTILHAÇOS

NÃO SE INTERESSAM
PELO LADO OCULTO DE SATURNO
NEM QUE O PENSAR PRECISA DA MATÉRIA
PARA ELAS
A RAZÃO É UM PÁSSARO
DE ASAS CORTADAS

CERTAS PESSOAS
NÃO PENSAM SENÃO
EM ARMAZENAR ALIMENTOS
E SÃO ELAS
QUE ORIENTAM A VIDA
E A TORNAM VIL E MESQUINHA
SÃO ELAS QUE GOVERNAM
E SÃO GOVERNADAS
POR DEMAIS CATIVAS DA AÇÃO DA GRAVIDADE
VIVEM MORTES, IMPOSTURAM FALSIDADES
DÃO BEIJOS AZUIS
E SORRISOS AMARELOS

Urca, Rio de Janeiro, fevereiro de 1981

CENAS DE UM CASAMENTO

ENTRE QUATRO PAREDES

BREVES

APENAS REDES, TEIAS

APENAS SEDES, CENAS

SINAS, APENAS

APENAS MARIDO

APENAS ESPOSA

ENTRE QUATRO JANELAS

SENTINELAS

APENAS LABIRINTOS, SEGREDOS

APENAS QUARTOS, CELAS

CARINHOS, APENAS

APENAS ESPINHOS, SICÁRIOS

E MÓVEIS OTÁRIOS

ENTRE QUATRO PORTAS

TORTAS

APENAS LEVEZAS, PERSPICÁCIAS

APENAS PELES, PÊLOS

CHAVES, APENAS
APENAS EMBATES, PERNAS
E CHINELAS SUBALTERNAS

ENTRE QUATRO TETOS
RETOS

APENAS CANSAÇOS, LASSOS
APENAS QUEIXAS, ROLIÇAS
CONIVÊNCIAS, APENAS
APENAS CONVENIÊNCIAS, HÁBITOS
E SEDENTÁRIAS DEMÊNCIAS

ENTRE QUATRO PISOS
LISOS

APENAS SANHAS, SENHAS
APENAS PENAS, PENHAS
PENHASCOS, APENAS
APENAS HÁLITOS, SABORES
E CAVERNAS ETÉREAS

ENTRE QUATRO PAREDES
BREVES

APENAS CENAS, OBSCENAS
APENAS TATOS, VISÕES

SENTIDOS ENGANOSOS, APENAS
APENAS UM CASAMENTO
TALVEZ SIM, PROVAVELMENTE NÃO

Santos, SP, março de 1981

LICENCIOSA, LIBERTINA, DISSOLUTA

CONSTRANGIDA LIBERDADE

BIOLOGIA, ECONOMIA, HISTÓRIA

PRESSÕES E CONDICIONAMENTOS

INTERESSES ESTABELECIDOS E CONVICÇÕES ARRAIGADAS

ÉS UM CONCEITO

RESPIRAR, COMER, AMAR

ÉS UM CONCEITO E NÃO TENS PUDOR

LIBERTINO ANSEIO

AS FALTAS COMETIDAS EM TEU NOME

SERÃO SEMPRE MENOS FUNESTAS

E MAIS REPARÁVEIS

QUE AS COMETIDAS PELO DESPOTISMO

ÉS O PLENO DESENVOLVIMENTO

DE TODAS AS FACULDADES QUE O HOMEM POSSUI

E TUA MAIOR DEPRAVAÇÃO É A MISÉRIA

COMPULSIVA LIBERDADE

TAMBÉM NÃO ÉS LIVRE

DEPENDES DO HOMEM

DO MESMO MODO QUE O HOMEM DEPENDE DE TI

AO BUSCAR - TE POR TI MESMA
O HOMEM ACABA POR DESCOBRIR
QUE ELE NÃO É LIVRE SOZINHO
QUE A LIBERDADE DE UM
DEPENDE DA LIBERDADE DOS OUTROS
E QUE A LIBERDADE DE TODOS
DEPENDE DA LIBERDADE DE CADA UM
CORROSIVO ENLEIO
A CRIATIVIDADE É A TUA ESSÊNCIA
E O CARBONO E O OXIGÊNIO
A TUA MAIOR CASTIDADE

COMPUNGIDA LIBERDADE
DISSOLUÇÃO E LICENCIOSIDADE
SÓ O HOMEM PODE PENSAR - TE
SÓ O HOMEM PODE SER LIVRE
SÓ O HOMEM PODE, CONTINUAMENTE
CONSTRUIR SUA PRÓPRIA NATUREZA
MUTÁVEL E DINÂMICA
COMO A MATÉRIA DE QUE É FEITO
ELÁSTICO RECEIO
FOI O AUTORITÁRIO DEUS
E NÃO O INSUBMISSO HOMEM
QUEM CRIOU O PECADO

CONSPURCADA LIBERDADE
COMPLEMENTARIDADE INDISPENSÁVEL
À CONDIÇÃO HUMANA
MESMO QUANDO ÉS SUPRIMIDA
É SOBREVIVÊNCIA O SENTIMENTO DE TI
MESMO QUANDO ÉS OPRESSÃO
E PERMEIAS AS RELAÇÕES ENTRE O FORTE E O FRACO
MESMO QUANDO ÉS SUBSERVIÊNCIA
E TE DEIXAS INVOCAR NA MANUTENÇÃO DE PRIVILÉGIOS
MESMO QUANDO ÉS FATUIDADE
E TE EMASCULAS INOCULADA PELO PRIVADO
ÉS SAL E CAL
ÉS LAÇO E BARAÇO
ÉS NECESSIDADE E URGÊNCIA
GRACIOSO MENEIO
CEGOS PARA AS COISAS ESSENCIAIS
COMO RECONHECER - TE
SE ESTAMOS TODOS CONDENADOS A TI ?

Santos, SP, março de 1981

O ROCHEDO FELIZ

1. CÁ ESTOU
MAIS NO MEIO QUE QUARTA - FEIRA
NO MEIO DA TEMPESTADE

NO CIMO

NO TOPO
À BEIRA DO PRECÍPIO
ONDE TUDO COMEÇA E NADA PÁRA DE TERMINAR
2. PRETÉRITO IMPERFEITO
NO MEIO DA CHUVA
DOS VENTOS

DE INSETOS, CIPÓS E OLHARES DESALENTADOS

NO MEIO DO POVO
NO MEIO DA VIDA
PRESA E DESPOJO
3. MAIS NO MEIO QUE QUARTA - FEIRA
NO ESTANHO, NA JUTA, NA BORRACHA, NO COBRE
NO MEIO DA HORDA

NO MEIO DA TRIBO

SADIO A ARROSTAR A DOENÇA
SÁBIO NA MINHA PREGUIÇA
ANZOL PARA OS NARIZES

4. NO MEIO DA PILHAGEM E DA DESTRUIÇÃO
NO MEIO DA ORDEM E DO ACASO
NO REDEMOINHO DAS UTOPIAS

NÃO ME AMARGURANDO COM OS QUE PARTEM

NÃO ME ENTUSIASMANDO COM OS QUE CHEGAM
VIVENDO O SEXO SEM PREOCUPAÇÃO E CONFORTO
SOBREVIVENDO EM DETRIMENTO DOS OUTROS

5. ENTRE O RÍGIDO E O OBSOLETO
NO MEIO DA SOMBRA
DO CLANDESTINO

NA CONFUSÃO QUE PARECE CLARA

E NA CLAREZA TÃO CONFUSA
CÁ ESTOU
TININDO OUVIDOS NO IDÍLIO FAMILIAR

6. NA LINHA DE TORDESILHAS
NO MEIO DO PARADIGMA CARTESIANO
ENTRE INDECIFRÁVEIS RAÍZES E INSONDÁVEIS
FRUTOS

EU, EQUAÇÃO SUPURADA

MENSAGEIRO DESINTERESSADO DO DESCONHECIDO
ARAUTO QUE NÃO SABE O QUE ANUNCIAR
EM MEIO A ANTIQUÍSSIMA ARTE DE MORRER

Urca, Rio de Janeiro, março de 1981

TANGO DA FOSSA

TANGO DA FOSSA
TANGOLOMANGO
TANGO DA NOSSA
PAIXÃO
DE SUGAR AGULHAS
DE LAMBER ESPINHOS
AÇUCARADA

TANGO DA FOSSA
DE ESQUIVA BOSSA
TANGO DA NOSSA
ILUSÃO
MASTURBADORA SEREIA
FEITICEIRA SOMÁTICA
DONA - DE - CASA, PESCADORA

TANGO DA FOSSA
NÃO ENGROSSA
O FEIJÃO
TANGO DA NOSSA
FEIÇÃO
NACARADA DE GUIZOS
SORTILÉGIOS, VASSOURAS E JUNCOS

TANGO DA FOSSA
DO SIM E DO NÃO
TANGO DO MEU
CORAÇÃO
QUE INSISTE EM ERRAR COM CLAREZA
E ACERTAR
OBSCURA E CONFUSAMENTE

TANGO DA FOSSA
DE ASTÚCIA E GRIS

TANGO DE PARIS
ÚLTIMO
PRIMEIRO
POUCO IMPORTA
INÊS É MORTA

Urca, Rio de Janeiro, março de 1981

POVO, POVO

Para Donga, Pixinguinha e João da Bahiana

POVO, POVO

VERDE, NOVO

AO LONGO DAS GRANDES ESTRADAS

VIELAS, TRILHAS E DESCAMINHOS

SEMENTE NOS SUBURBIOS, CIRCUNVIZINHANÇAS

E AVENIDAS CENTRAIS

EXTENSÃO E CRESCIMENTO EM TODOS OS SENTIDOS

SABER SÓ DE EXPERIÊNCIAS FEITO

SOLIDÃO TRANSBORDANDO AS MARGENS

DESTE NÃO - RIO DE JANEIRO

PROPRIEDADE E DINHEIRO NA MÃO DE POUÇOS

NADA POSSUIR VERDADEIRAMENTE

NO MÁXIMO ROUPAS, MÓVEIS, ELETRÔNICOS

UM CARRO, POSSIVELMENTE UMA CASA, UM BURACO

NADA ESPERAR DE COISA NENHUMA

ÂNIMO TÃO FÁCIL EM PERPETRAR DELITOS

COMO EM CEDER AO AMEAÇO DE GOLPES

IDÉIAS E HÁBITOS DA CLASSE MÉDIA

CADA VEZ MAIS
AS MESMAS ROUPAS
OS MESMOS FILMES, OS MESMOS DISCOS
OS MESMOS PROGRAMAS DE TELEVISÃO
CADA VEZ MAIS
PESSOAS DE CLASSE SOCIAL INDETERMINADA

ENTRE A LIBERDADE, A SEGURANÇA
E A COERÇÃO AO MODERNO
O POVO DEIXA DE SER ALGO ÓBVIO
VERTEBRADO E INVERTEBRADO
ARMÁRIO, VITRINE, SALA, EDIFÍCIO, MUSEU
ENTENDER SEU IDIOMA
É ENTENDER SEU SILÊNCIO

Urca, Rio de Janeiro, março de 1981

O PESO DOS ANOS

O PESO DOS ANOS
NOS AMASSA CONTRA O CHÃO
AO MESMO TEMPO QUE
NUM EMPUXO
NOS FAZ FLUTUAR
A ALMA SOB O COURO, TRITURADA
SEM A CULPA DO VICIADO SONHO
OU A INOCÊNCIA DA PRIMEIRA VERDADE
FREQUENTANDO O FUTURO
PROCURANDO UMA COISA
E ENCONTRANDO OUTRA

Urca, Rio de Janeiro, março de 1981

VIVER TRANQUILO

VIVER TRANQUILO
É RECEBER O MUNDO
SEM RECEIO
É PENSAR EXCESSOS
E ENREDAR-SE NAS MALHAS
DO POSSÍVEL

VIVER TRANQUILO
É NÃO VIVER NUM LAGO
OU NUM PÂNTANO
MAS NUMA CACHOEIRA
POIS SÓ O ACASO
É SERENO
A ROTINA É TENSA E INQUIETANTE

VIVER TRANQUILO
É COMPREENDER
O PARADOXO DA TRANQUILIDADE
QUE ESTÁ
NÃO NA HESITAÇÃO, MAS NA AÇÃO
NÃO NO SANTUÁRIO, MAS NO SACRILÉGIO

NÃO NO QUE SE REMEMORA
MAS NO QUE SE VAI FAZER

VIVER TRANQUILO
É, NUM UNIVERSO PÓS - DEUS
ONDE AS CÓPIAS
DEVORAM OS ORIGINAIS
E A MATÉRIA
É DESPOJADA DE SUA ESTABILIDADE E SOLIDEZ
VIOLENTAR - SE
NA CARIDADE A SI MESMO
A ÚNICA VERDADEIRA CARIDADE

VIVER TRANQUILO
É SABER
QUE MESMO SENDO POUCO
E PRECISANDO DE POUCO
NÃO NOS BASTA O POUCO
É DISTINGUIR A SIMPLICIDADE
DA IMITAÇÃO DA SIMPLICIDADE

VIVER TRANQUILO
É, EM MEIO À INCERTEZA E À INDIFERENÇA
ONDE TUDO É TRAÍDO E LÍCITO

E QUEM SE LEMBRA QUER TAMBÉM ESQUECER
MANTER A CALMA EM EBULIÇÃO
SEM ANSIEDADE OU AMARGURA
POIS A PAZ FERVE

VIVER TRANQUILO
É, ENTRE A INCOMPREENSÍVEL LÓGICA
E A AVIDEZ BIOLÓGICA
SER UMA MEMBRANA
TÍMPANO OU HÍMEN
E ENTRE MOISÉS E HOMERO
CURTIR SAMBA E CURIMBA

Urca, Rio de Janeiro, março de 1981

ZÉ - PREQUETÉ

SUPER - HOMEM, HUMÍLIMA CRIATURA
QUE SE MOSTRA E SE ESCONDE
QUE MORDE E ASSOPRA
NO EXERCÍCIO EXPERIMENTAL DA LIBERDADE

AMÁLGAMA, MISTURA, ENTRELAÇAMENTO
URUPEMA, TRELIÇA, MUXARABI
EUROPEU, ASIÁTICO, AFRICANO, ÁRABE E JUDEU
DESCENDENTE E EXTERMINADOR DE ÍNDIOS

POESIA E IMUNDÍCIE, FASCINAÇÃO E TÉDIO
CACHORRO VIRA - LATA, ÍNTEGRO, SEM CARÁTER
CRUZAMENTO DAS QUALIDADES E DEFEITOS

DE TODAS AS RAÇAS, DEPURAÇÃO
NÃO SERVINDO PARA NADA E SERVINDO PARA TUDO

FUNCIONÁRIO DA SOLIDÃO, PREMISSA DA ALEGRIA
VERDADE ENCOBERTA, ARMA
POSSUI EM SI TODA A HUMANIDADE
A SUA RAÇA É A RAÇA HUMANA

SEMEADOR DE CONTRADIÇÕES
ENTRE O CHICOTE DO FEITOR E A NOVA ORDEM
PERMANÊNCIA E MOBILIDADE, EQUILÍBRIO NA DESORDEM
SEM A DEFINIÇÃO PRECISA DE SEU LUGAR

CIDADE DENTRO DA CIDADE
SERTÃO PERMEANDO O SERTÃO
INCENSO NOS BRASEIROS E ODOR DE SEXUALIDADE
VIVER COMO UM AMADOR, COM RESIGNAÇÃO E URGÊNCIA

PARDO E BARROCO, MEQUETREFE, BELDROEGAS
OLHAR METABÓLICO, SINCRÉTICO
CORDIALIDADE E ASTÚCIA, AMPLIDÃO E AR ASFIXIANTE
PACIÊNCIA NOS CÉUS E IMPACIÊNCIA NA TERRA

TANTA COISA JÁ DITA E TUDO DIZER OUTRA VEZ
LUZ E SOMBRA, SEMEAR PALAVRAS
CIVILIZAÇÃO, CIÊNCIA DE BRANCOS, DROGA LETAL
LATIFÚNDIO, SESMARIA

Urca, Rio de Janeiro, março de 1981

**FAZER A HISTÓRIA DO FUTURO É FÁCIL,
DIFÍCIL É FAZER A HISTÓRIA DO PRESENTE**

TENHO QUE PARTIR

DEIXAR O FUTURO PARA TRÁS
É INEVITÁVEL

NÃO QUERO QUE VOCÊ CHORE
FUI MUITO FELIZ
(VOCÊ ME FEZ MUITO FELIZ)

MAS NÃO VOU TE PROMETER NADA
NEM VOLTAR
NEM A ETERNIDADE DESTE AMOR
NEM NÃO ME ESQUECER DE VOCÊ

(PODE SER ATÉ QUE EU ME ESQUEÇA DE VOCÊ)

PRA QUE FINGIR
PRA QUE MENTIR

OS AMORES LEMBRADOS
OS AMORES FAMOSOS
SÃO OS AMORES TRISTES

OS AMORES FRUSTRADOS
OS AMORES INFELIZES
O NOSSO NÃO
O NOSSO FOI UM AMOR PLENO

QUE SE ESGOTOU

EM SI MESMO
FELIZ, REALIZADO

UM AMOR FARMACÊUTICO
SEM LEMBRANÇAS, TALVEZ
NÃO CHORE

(EU SEI QUE VOCÊ NÃO VAI CHORAR)
FOMOS FELIZES DEMAIS
PARA TER LÁGRIMAS
A ÚNICA COISA QUE EU QUIS DE VOCÊ

FOI VOCÊ

A ÚNICA COISA QUE EU TE DEI
FUI EU

MAS TAMBÉM NÃO SORRIA
SERIA DURO PARA MIM
QUE TE DEI TUDO QUE PODIA DAR

NA DESPEDIDA
APENAS ME OLHE
(ABERTA A ALMA, QUEM VÊ ?)
COM ESTE TEU OLHAR

LINDO, CALMO, SATISFEITO

SACIADO
EM SUA ENIGMÁTICA NUDEZ

Urca, Rio de Janeiro, março de 1981

A ISCA E O ANZOL

I

A PROPRIEDADE E A NECESSIDADE

A CONCRETA NECESSIDADE

E A INSUBSTANCIAL PROPRIEDADE

PROPRIEDADE, DISSOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

NECESSIDADE, CHANCE E FATALIDADE

O DIREITO DA PROPRIEDADE

E O TORTO DA NECESSIDADE

O DIREITO DO ANZOL

É SER TORTO

PROPRIEDADE - ISCA

E NECESSIDADE - ANZOL

A LEGALIDADE DA ISCA

E A LEGITIMIDADE DO ANZOL

II

A NECESSIDADE, FRUTO DA NATUREZA

MUTÁVEL DAS COISAS

QUER DESATAR O CURSO DO VIVER

A PROPRIEDADE QUER PARAR O MOVIMENTO

O MOVIMENTO DO OLHO
QUE NÃO SACIA DE VER
O MOVIMENTO DO OUVIDO
QUE NÃO SACIA DE OUVIR
O MOVIMENTO PERISTÁLTICO
DO INTESTINO

III

A NECESSIDADE DANÇA COM PÉS DESCALÇOS
A PROPRIEDADE TEM PÉS DE CHUMBO
A NECESSIDADE TEM DIFICULDADE
EM ACERTAR O PASSO COM A PROPRIEDADE
A PROPRIEDADE TEM SEMPRE AS MESMAS RESPOSTAS
A NECESSIDADE A CADA MOMENTO MUDA AS PERGUNTAS
A VIDA NADA NOS PROMETE
EVANESCENTE LIBERDADE
COMPACTA E QUEBRADIÇA OPRESSÃO
AS COISAS PERTENCEM A QUEM SABE DESFRUTAR DELAS
A NECESSIDADE É UM FATO, CHÃO
A PROPRIEDADE É UM TÍTULO
O AR É SEU CHÃO

Urca, Rio de Janeiro, março de 1981

O TEOREMA DAS TRÊS PERPENDICULARES

HABITUEI - ME A CONVIVER
COM PESSOAS QUE DIZEM GOSTAR DE MIM
MAS NÃO ME SACAM
NÃO ME ENTENDEM
NÃO ME COMPREENDEM
CADA PESSOA QUE ME CONHECE
EM UMA DETERMINADA SITUAÇÃO
E CONVIVE COMIGO NELA
FAZ UMA OPINIÃO A MEU RESPEITO
E ESSAS OPINIÕES SÃO SEMPRE PARCIAIS
TODAS ESTÃO (UM POUCO) ERRADAS
E TODAS ESTÃO (UM POUCO) CERTAS
PORQUE EU SOU UM POUCO
DAQUILO QUE PAREÇO SER NAQUELE INSTANTE
MAS MUITO MAIS
O MOVIMENTO DA RUA
E O MOVIMENTO DA LUA
ME FAZEM TREZENTOS
ME FAZEM TREZENTOS E CINCOENTA
ME DÃO A FOME DO DESEJO
A AUDÁCIA DE DESAPRENDER O APRENDIDO
E A ASTÚCIA DO SILÊNCIO

(CUJA CONSTRUÇÃO EXIGE TANTAS PALAVRAS)

HABITUEI - ME A CONVIVER
COM PESSOAS QUE DIZEM GOSTAR DE MIM
A QUEM QUERO DIZER UMA COISA
E DIGO OUTRA
A QUEM DIGO UMA COISA
E ENTENDEM OUTRA
A QUEM DIGO O QUE PENSO QUE SEI
E OUVEM O QUE PENSAM QUE FOI DITO
O MOVIMENTO DA RUA
E O MOVIMENTO DA LUA
FAZEM COM QUE A PALAVRA PRONUNCIADA
NÃO MAIS ME PERTENÇA
QUE O SENTIDO SEJA CONSTRUÍDO
A MUITAS VOZES E OUVIDOS
E QUE A VERDADE NÃO ESTEJA COM
MAS ESTEJA ENTRE, NOS INTERSTÍCIOS

HABITUEI - ME A CONVIVER
COM O MOVIMENTO DA RUA
COM O MOVIMENTO DA LUA
E COM PESSOAS QUE DIZEM GOSTAR DE MIM

Urca, Rio de Janeiro, abril de 1981

COMO OS CABELOS QUE CAEM

DEITAR NAS PEDRAS, AFRONTAR A DESATENÇÃO
DOS VENTOS

BEBER AS CACHAÇAS MAIS BARATAS
FICAR À TOA PENSANDO BESTEIRA
OUTROS FILMES, OUTRO CINEMA
O REAL É APENAS O MUNDO COMPREENDIDO
COMO OS CABELOS QUE CAEM

VIVER A ALEGRIA DISSOLUTA
DEIXAR O ÓCIO DAR SENTIDO AO TRABALHO
E A PREGUIÇA SER O ALVO DOS POEMAS
O ÓCIO SUBVERSIVO DOS POETAS
E NÃO O ÓCIO BEATÍFICO DOS SANTOS
A PREGUIÇA BIOLÓGICA DOS FELINOS
E NÃO A PREGUIÇA MATEMÁTICA DOS SERVENTUÁRIOS

O TRABALHO NÃO DIGNIFICA O HOMEM
O HOMEM É QUE DIGNIFICA O TRABALHO
MALANDRO NÃO É VAGABUNDO
SOBREVIVENTE DE SI MESMO, MALANDRO
É O EX - ESCRAVO

GOZANDO AS IMPROVÁVEIS E INCONSIDERADAS COISAS
NO EFÊMERO DAS NOVAS E DAS COMUNS

COLHER CADÁVERES COTIDIANAMENTE
AFAGAR AS GARRAS DA EFICIÊNCIA
SEDUZIR AS GRAÇAS, AS PROMESSAS
DESEFRUTAR DE TUDO QUE NÃO EXISTE NO CÉU
NOS ALVOS OFÍCIOS DO ALVO MUNDO
FAZER DO SUBALTERNO UMA INSOLÊNCIA

IR ALÉM DO QUE SE TORNOU EVIDENTE
TUDO PARECE SER O QUE NÃO É
A SANTIDADE NEGA O HUMANO
E CONTRA A NECESSIDADE NÃO HÁ PROPÓSITO
AMOR, COMIDA, BRINQUEDO, FUTURO
O ACASO, INCISIVO COMO OS CABELOS QUE CAEM

Urca, Rio de Janeiro, maio de 1981

QUANDO TUDO É CONCOMITANTE

Lá fora, nas ruas, não havereis de se surpreender ao saber que as mulheres em geral são as mais enfurecidas, sobretudo quando as condenadas são belas. (...) Elas as insultam aos berros, a ponto de os homens frequentemente se mostrarem incomodados.

Marquês de Sade (em carta ao cardeal de Bernis referindo-se ao terror na Revolução Francesa datada de 07/12/1793).

A VIOLÊNCIA É UMA LINGUAGEM
QUE NÃO PERMITE MAL - ENTENDIDOS
QUANDO A VIOLÊNCIA IRROMPE
TUDO É CONCOMITANTE

A VIOLÊNCIA NÃO SE SUBMETE
AO CURSO DO TEMPO
NÔMADE E REPENTINA OU PULVERIZADA NO COTIDIANO
A CÉU ABERTO OU NA PENUMBRA DOS PORÕES

A LIBERDADE É VIOLENTA (COMO A PROPRIEDADE)
A PAIXÃO É VIOLENTA (COMO A RAZÃO)
O TERROR É SEMPRE A VIOLÊNCIA DOS OUTROS
O TERROR NÃO É UMA PRERROGATIVA DOS TERRORISTAS

A VIOLÊNCIA NÃO É O POLO OPOSTO DA CULTURA
MAS UMA DE SUAS PARTES INTEGRANTES
A VIOLÊNCIA DISSIMULADA DOS HOSPITAIS
E DAS ESCOLAS
A VIOLÊNCIA CONSCIENTE DAS IGREJAS E DOS BANCOS

A VIOLÊNCIA FAZ PARTE DO CONTRATO SOCIAL
PARA POBRES E PRETOS, O CÓDIGO PENAL
PARA BRANCOS E RICOS, O CÓDIGO CIVIL
A VIOLÊNCIA FAZ PARTE DA CONSTRUÇÃO
DA MASCULINIDADE

À VIOLÊNCIA SALINA E NORMATIVA DOS DOMINADORES
EMERGE A VIOLÊNCIA ÁCIDA E PRENHE DOS DOMINADOS
À VIOLÊNCIA SUTIL DO PRECONCEITO E DA INDIFERENÇA
EMERGE A VIOLÊNCIA EXPLÍCITA DOS DESPOJOS
E DAS SOBRAS

É POSSÍVEL DISCUTIR A RESPEITO DE PALAVRAS
MAS NÃO A RESPEITO DA DOR
É POSSÍVEL UM CAMELO PASSAR
PELO FUNDO DE UMA AGULHA
MAS NÃO UM OTÁRIO ENTRAR NO REINO DOS CÉUS

Urca, Rio de Janeiro, maio de 1981

A LIÇÃO DOS DISCÍPULOS E A LOUCURA E O IMPERFEITO DOS MESTRES

LUZES MENTIROsas QUE OFUSCAM
COMO ESPERANÇAS GLÚTEAS
IGUALMENTE MENTIROsas
O EGOÍSMO COMO UMA RESPONSABILIDADE
ASSUMIDA CONSIGO MESMO
A GULODICE SITIADA
ENTRE A FOME E A MODERNIDADE
O MODERNO COM SUAS PALAVRAS NOVAS
E MENTIRAS ANTIGAS
QUE SE QUER BRANCO
EM MEIO A UM CONTEMPORÂNEO MESTIÇO
DE BRILHO SULFÚREO
E VERDADES HIPÓCRITAS
AS NOVAS PISTAS
DAS RAÍZES, DAS ESSÊNCIAS, DAS ORIGENS
PISTAS DE AGULHAS E ESPINHOS A SE SEGUIR
EM MEIO AOS VELHOS VESTÍGIOS DOS FIOS
DOS LIAMES, DOS CORDÕES UMBILICAIS A SE CORTAR
DAS RAÍZES A SE ARRANCAR

A TRAIÇÃO SUSSURRADA, O SUICÍDIO RITUAL
A LIÇÃO INDISPENSÁVEL, A ALEGAÇÃO RIGOROSA
OS GRANDES DESEJOS
E O PONTO DE VISTA DA POLÍCIA
MUNDO REDONDO E CIRCULAR
DE UMA DESENVOLTURA GEOMÉTRICA
ONDE NINGUÉM ESCAPA
MUNDO DE SECAS IMPIEDOSAS
E FLORAÇÕES SENSUAIS
DE JOGOS À BEIRA DO ABISMO
E DO MERCADO COMO UTOPIA
MUNDO DE UMA PROXIMIDADE DISTANTE
E UMA ESTRANHA FAMILIARIDADE
ONDE SE TEM QUE ESCONDER
PARA FICAR NU
(O QUE NÃO É ESTAR REALMENTE NU)
E O QUE NASCE TRAZ EM SI
A CONTRADIÇÃO DO QUE MORRE

Urca, Rio de Janeiro, maio de 1981

**O HOMEM É UM ANIMAL
QUE NÃO SUPORTA O PRÓPRIO CHEIRO**

SÓ POSSUO O QUE NÃO FIZ
ESTE CORPO
ESTE OLHAR

A DOR
O ODOR
A ILUSÃO

E A PRIMEIRA ILUSÃO DO HOMEM FOI A CHUPETA

SÓ POSSUO O QUE NÃO FIZ
O SENTIMENTO DO MAR
ABRANGENTE
O SENTIMENTO DO AR
VOLÁTIL

Urca, Rio de Janeiro, maio de 1981

O NASCIMENTO DOS PÊLOS

AS COISAS BOAS E AS RUINS
O QUE ACODE E O QUE SACODE
A VIDA ME TROUXE ATRAVÉS DAS MULHERES
TELMAS, SONIAS E SÍLVIAS

DURANTE O DIA O IMPERFEITO SE PERFAZ
À NOITE O INDIZÍVEL TOMA DE ASSALTO
TUDO É IGUAL NO JEITO QUE PASSA
E COMO TRAÇA DESTRÓI O PRECIOSO

O ETERNO - FEMININO ATRAI - NOS
PARA O ALTO E PARA BAIXO
EM SUA PRESENÇA SINTO - ME FORASTEIRO
O QUE ENTRA TAMBÉM PRECISA SAIR

AS MULHERES E SEU PUDOR EM POLEGADAS
A MAIS OU A MENOS
PERANTE ELAS ARDE SEMPRE
UM ABISMO DEVORADOR

A VIDA, ESCURIDÃO ACESA
COMO DÁDIVA DE MULHER
ABISMO QUE CHAMA OUTRO ABISMO, POSSIBILIDADE
DA MALEÁVEL CARNE : EM SUA LUZ VEMOS A LUZ

TUDO HOMEM, POR MAIS FIRME QUE ESTEJA
É PURA VAIDADE
E AS MULHERES – ISABÉIS, CRISTINAS OU NEIDES
SERES SIMÉTRICOS, EQUIVALENTES E IGUAIS

AS SANTAS, AS VIRTUOSAS E AS PURAS
COM SEU DOLO, IMPIEDADE E ASTÚCIA
ME FIZERAM COMER BUTA, BEBER CICUTA
AS OUTRAS, DESPERTARAM O DEUS QUE DORMIA EM MIM

COLOCARAM EM MEUS LÁBIOS UM NOVO CANTO
ACRESCERAM AOS MEUS DIAS
O COMPRIMENTO DE ALGUNS PALMOS
ESTENDERAM A MÃO (COMO SETA) AO MEU CALCANHAR

Urca, Rio de Janeiro, maio de 1981

CANÇÃO DO EXÍLIO

O ESTAR NÃO ESTANDO
ONDE IR EMBORA É SUSPEITO
E FICAR É NUNCA TORNAR - SE UM

NÃO O VIAJANTE
MAS AS ESTRADAS
SE DESLOCAM SUBITAMENTE

O SANGUE E A INSTABILIDADE DOS NÚMEROS
ALGO QUE SE CALA
E SE TRANSFORMA EM SEU OPOSTO

TUDO É CONTRADITÓRIO
E AO MESMO TEMPO
NA ANTROPÓIDE CONTINGÊNCIA DE EXISTIR

AS GRADES, OS MUROS
A REALIDADE QUE NOS OPRIME
E LIBERTA

ABRIR MÃO DOS DESEJOS
E DOS DEJETOS
DE TODAS AS POSSIBILIDADES

FORASTEIRO NA PRÓPRIA CIDADE
ROSNAR À NOITE
ATIRAR SANDÁLIAS PELA MANHÃ

CRUZ E SOUSA, LIMA BARRETO
O DESTINO COMO LESMA
QUE PASSA DILUINDO - SE

TORCER PALAVRAS E ENXAGUÁ - LAS
LIBERTÁ - LAS DE SEU DESGASTE
DE SEU ENGASTE

DESEMBARAÇÁ - LAS DO BELO
MENTIR PARA REVIGORAR A VERDADE
CADA PALAVRA E SEU MAIS OBSCURO

Urca, Rio de Janeiro, maio de 1981

DOCE DE ALHO

CHAMAS DOMÉSTICAS
E PERGUNTAS COTIDIANAS
CONTRADITÓRIAS COMO A REALIDADE
LANÇÁ - LAS AO VENTO
E DEIXÁ - LAS ARDER
(RISO)

VERDADES ILÍCITAS
E ILUSÕES CHAPADAS
INCERTAS COMO A ESTRATÉGIA
PERDÊ - LAS É UM OUTRO
MODO DE ADQUIRÍ - LAS
(MASTIGAÇÃO)

PROMESSAS INTERDITAS
E CERTEZAS HIPÓCRITAS
INCÔMODAS COMO A INGENUIDADE
DESPÍ - LAS É NUNCA
TÊ - LAS REALMENTE NUAS
(VOLÚPIA)

PERDAS FRÍVOLAS
E ANGÚSTIAS ERMAS
LASCIVAS COMO A VELHICE
FERÍ - LAS, VULNERÁ - LAS
E DEPOIS ABRIR AS GRADES
(CONHECIMENTO)

Urca, Rio de Janeiro, maio de 1981

O INVISÍVEL NO ESCURO
OU
A DISPONIBILIDADE EM DEIXAR-SE SEDUZIR

ESTAR ASSIM

ESTARZINHO

FICAR ASSIM

ASSIMZINHO

DESTE JEITO

SEM JEITO

DESTA FORMA

DISFORME

SEM NORMA

SEM FÔRMA

LENTO, MORNO, SEMIQUENTE

A VIDA TARDA

COMO QUE PARADA

O CÉU PARDO

COMO QUE DESCIDO

O CORAÇÃO VAGO

COMO QUE SUMIDO

O SABOR FENDIDO
COMO UM DELITO
NASCENDO DO VENENO
O VENENO UNGIDO
COMO UM DELEITE
NASCENDO DO SABOR

Urca, Rio de Janeiro, junho de 1981

O RACONTO DE TIA ÉRICA

DEIXAR PARA TRÁS
OS QUE NÃO SEGUEM A MODA
TEM FILHOS DEMAIS
E FALAM DE BOCA CHEIA
FUGIR DAS PAREDES
QUE NÃO EXISTEM NA PROMISCUIDADE
MAS QUE CADA UM ERGUE DENTRO DE SI
VIVER O SONHO DAS MIL E UMA NOITES
COLUNISTAS, EDITORES
SUBORNO, COMISSÕES, FLEXÕES INOMINÁVEIS
E SÃ E SALVA APRENDER
COM RECEPTIVIDADE FEMININA
QUEM É QUE MANDA

Urca, Rio de Janeiro, junho de 1981

COSTELAS DE AREIA
OU
SÓ APAGA A MEMÓRIA
QUEM PROMETE PARAÍSO

VOCÊ GOSTAVA DE BEIJO
COM GOSTO DE SARRO
E EU NÃO FUMAVA
VOCÊ GOSTAVA DE CAMISA ABERTA
E EU SÓ USAVA CAMISA DE GOLA
(OU DE VÊNUS)
CHUPAR BALA
SEM TIRAR O PAPEL
EM IRAJÁ, OLARIA OU BONSUCESSO
(UMA MÃOZINHA DE CUPIDO
E UMA LIGEIRA CUSPIDINHA)
ARMAR UM CHURRASCO - FIASCO NA ILHA
COM VOCÊ BOTANDO PILHA
FAZENDO ALARDE DO NOSSO AMOR
LIGANDO O ALARME
DE NOSSA CARNE
(ASSADA)

VOCÊ ME QUERIA ENGENHEIRO
E EU ERA ARQUITETO
MAS MESMO ASSIM
QUERIA QUE EU A DESVENDASSE
QUE DESAMARRASSE SEU LAÇO
COMETESSE DESATINOS
E FOSSE O ARQUITETO DO SEU DESTINO
VOCÊ DIZIA
QUE NOSSOS SIGNOS NÃO COMBINAVAM
E QUE A MINHA BOTINA DE LONA VERDE
NÃO ERA TÊNIS
NEM QUÉDIS
NÃO PASSAVA O BARALHO
SEGURAVA A BOLA
E SÓ QUERIA JOGAR SOZINHA
MANSINHA
NAQUELA ESQUININHA ESCURA
(QUE SECURA)
A SUA PRIMA DE OLARIA
(SURURU, PANCADARIA)
A SUA TIA DE IRAJÁ
(ARREGO E SARAVÁ !)
E AQUELA CUTIA
DA PRAÇA DA REPÚBLICA

(PACA, TATU, CUTIA NÃO)
A NOS OLHAR
NOS DIFAMAR
NOS ENTREGAR
(NÓS NÃO FIZEMOS NADA, SEU GUARDA)
NOSSO CANTINHO EM BONSUCESSO
POSSESSO DE EXCESSOS
NOSSO BIJU
A DESCOBERTO
E VOCÊ SE AMARRANDO
PRA ME DAR O DÉJÀ VU

Urca, Rio de Janeiro, junho de 1981

ALGUMA COISA

FOGO - FÁTUO, TEMOR NOVO
RECONHECER É MAIS FUGAZ
QUE CONHECER

CONHECER ARRANHA

AMOR É JOGO
PEDRA QUE TINE, RISCO
FERMENTO E ERUPÇÃO

O AMOR CHOCALHA
COMO A BOICININGA
JOGA LENHA NA FOGUEIRA
E PÕE ÁGUA NA FERVURA

AMOR É SANGUE
APESAR DE TODAS AS ARTES DE AMAR

PEDRA DE TOQUE, LENDA
EPIDERME DE ABJEÇÃO
O AMOR NOS DÁ
- POR INSTANTES -
A INOCÊNCIA DOS LOUCOS
E NOS FAZ SOLTAR PEIDOS
COMO DEFUNTOS
NO AMOR DESCREVEMOS
OS MUNDOS MAIS ANTIGOS
COM OS INSTRUMENTOS MAIS MODERNOS
NO AMOR
(FALSA TRANSPARÊNCIA)
ALGUMA COISA SEMPRE SE ESQUIVA

Urca, Rio de Janeiro, junho de 1981

O REMORSO DA LIBERDADE

Para Antonio Candido

e Cornélio Pires

CAIPIRINHA INGLESINHA

ÁSPERA MONA LISA

ÁSPERA COMO SEU ÓTIMO

E LISA COMO SEU PÉSSIMO

SUSSURRANTE SUÇUARANA

AMAMENTANDO O PRAZER

CAPENGANDO E GAGUEJANDO

FUROR SOB A PELE

E TOCAIA NOS PÂNTANOS

MACACO LÁ, SAGÜI AQUI

O RISO ESPARRAMADO

COMO CAFÉ NO TERREIRO

O DADO E O ARREBATADO

FRAGMENTO, ENIGMA, ACASO

DESEJO É DIFERENTE DE VONTADE

A VONTADE É COMO ATRAVESSAR

UMA PINGUELA ESTREITA

O DESEJO PENETRA

QUANDO O DESEJO ESCORRE
COM SEU CHAPEUZINHO VERMELHO
ARRENDATÁRIO, MEEIRO, INVASOR
NÃO HÁ TATU QUE AGUENTE
DE CÓCORAS PELAS FRESTAS
INGLESINHA CAIPIRINHA
TOMA CHÁ DE PAU BARBADO
E EM CASA DE SACI
UMA CALÇA DÁ PRA DOIS

Urca, Rio de Janeiro, julho de 1981

O VULNERÁVEL E O IMPORTUNO

SÓ A LOUCA JUVENTUDE
PODE PRODUZIR UMA VELHICE SERENA
A MORTE NÃO COMO AMEAÇA
MAS COMO LEMBRANÇA
A VIDA : BOMBAS E BANANAS

A PAIXÃO SOLICITA
CEGA
A RAZÃO ALICIA
SURDA
DEVOLVER A BÍBLIA À EUROPA
E DE ALGUMA MANEIRA
AINDA CONTINUAR CRIANÇA
ESPINHOS E LAÇOS, CHAVES E CADEIAS

PAIXÃO É BÚSSOLA
RAZÃO É LEME
A PAIXÃO DÁ A DIREÇÃO
A RAZÃO OS MEIOS

AS RAZÕES DA PAIXÃO
E AS PAIXÕES DA RAZÃO
PANO E PÃO, PEDRA E LUZ

A MORTE NÃO DÓI
O QUE DÓI É A VIDA
AS EXIGÊNCIAS DO CORPO
TORRESMOS E MOELAS
CHOCOLATES, MENSTRUOS E COLHEITAS
AS EXIGÊNCIAS DO ESPÍRITO
MARÉS E RASTROS
VENTOS, NOSTALGIAS E SEUS MESTIÇOS
O CORPO SE DESPE
IMPORTUNO
O ESPÍRITO SE VESTE
VULNERÁVEL
CONCHAS E CACHOS

Urca, Rio de Janeiro, julho de 1981

DEPOIS DAQUELE BEIJO

AQUELE BEIJO COM SORVETE
DE NATA E JURUBEBA
PRESUNÇOSO E CHEIO DE SI
COM AQUELA ESPÉCIE DE DESPREZO AMÁVEL
PELAS EXPLICAÇÕES
CONCENTRADO DEMAIS
NA SIMPLES TAREFA DE RESPIRAR
E ASPIRAR A DIVIDIDA SALIVA

AQUELE BEIJO COM SORVETE
DE NATA E CATUABA
SINCERO EM SUA MÁ FÉ
COM O TORTO SAINDO PELO DIREITO
ONDE TUDO SE CONECTA
COMO NOS PROCEDIMENTOS POLICIAIS
E TUDO SE COMUNICA COM TUDO
COMO FORMIGAS EM UM FORMIGUEIRO

AQUELE BEIJO COM SORVETE
DE NATA E QUEBRA - PEDRA
COM UNHAS DE ONÇA - PINTADA
ESCORRENDO PELA BOCA
COMO DESTROÇOS DO INFECTO SONHO
COMO RESQUÍCIOS DO VÍCIO SOLITÁRIO
DAS IGREJAS E DOS BANCOS
COMO INTERPRETAÇÕES SOBRE AS INTERPRETAÇÕES

Urca, Rio de Janeiro, julho de 1981

O LUAR DO SERTÃO

A LUZ DA LUA
NOS TIROU QUASE O MEDO
A TIMIDEZ
NOS TIROU A LUZ
DA RAZÃO
A LUZ DA LUA
UMA LUZ COM MÃOS
GARRAS E TENTÁCULOS
NOS TIROU O TENTO
NOS TIROU O SENTIDO
DAS COISAS
A LUZ DA LUA
ALTEROU NOSSAS MARÉS
DISSOLVEU NOSSOS MARCOS
ARRANCOU O TEU VESTIDO
ME TIROU LATIDOS
COLOCOU NOSSA HUMANIDADE
EM ESTADO LÍQUIDO
À LUZ DA LUA
BABAMOS, GANIMOS
PERDEMOS ESCRÚPULOS

INSINUAMOS CREPÚSCULOS

ESDRÚXULOS

O PULSAR DO LUAR

NOS FEZ SENTIR

NOS FEZ PENSAR

NOS FEZ PARAR

NO AR

Urca, Rio de Janeiro, julho de 1981

MARA

MARA ABRE

MARA FECHA

SE TODOS OS DESEJOS SE REALIZAM

NADA SE REALIZA

SEU AMOR SALTA MURALHAS

E NEGOCIA SONHOS

QUEIMADA, ACEIRO, COIVARA

ABRE PRECÍPIOS A CADA GESTO

E CRIA PROBLEMAS MAIS QUE OS RESOLVE

MARA FORA DE LUGAR NENHUM

MAIS INSINUANTE QUE CONCLUSIVA

MAIS INTERMINÁVEL BREVIDADE QUE BREVE INFINITUDE

A OLHAR COM DESPREZO

PARA TUDO O QUE É ALTO

MARAFO, ABSINTO, CICUTA

FAZ DO PRESENTE UMA DÁDIVA

E DO SAL MAIS SINCERO QUE O AÇÚCAR

ARTELHOS, PESTANAS, CANGOTE

COM ELA SOMOS TODOS

AQUELES QUE NÃO SOMOS

MARA DESESTABILIZA IRONIAS

COM ELA A OBJETIVIDADE
EXCEDE O OBJETIVO

Urca, Rio de Janeiro, julho de 1981

**COMAMOS E BEBAMOS
QUE AMANHÃ MORREREMOS**

GUARACIABA
DE VESTIDO DE SEDA
COM GRANDES DÁLIAS
VERMELHAS
ANDANDO DE CHARRETE
COM SEU CHAPELÃO
DE PALHINHA

OLHAR OBLÍQUO
DE OPORTUNIDADES FINDAS
QUE À TEMPESTADE DIZ SIM
E À CALMARIA DIZ NÃO
O FAMILIAR POR FORA
E O ESTRANHO POR DENTRO

EU NA VENDINHA
TOMANDO UM FOGO

DE CONHAQUE PALHINHA
E FOGO PAULISTA
FELICIDADE LERDA
DUM SONHOZINHO DE AMOR

IMPOSSÍVEL REUNIR
SEM DIVIDIR
CADA FIEL A ALGUÉM
É INFIEL A OUTREM
IMPOSSÍVEL TER APENAS UMA ESCOLHA
O AMOR SEMPRE QUER
MAIS QUE O AMOR

Urca, Rio de Janeiro, agosto de 1981

PARA LER ENQUANTO SE DANÇA

COPÉRNICO NOS DISSE
QUE A TERRA
NÃO É O CENTRO DO UNIVERSO
GALILEU NOS DISSE
QUE A TERRA É APENAS
UM SATÉLITE DO SOL
FREUD NOS DISSE
QUE NÃO TEMOS SEQUER
O CONTROLE DA NOSSA CABEÇA
E DARWIN NOS DISSE
QUE O SER HUMANO
NÃO PASSA DE UMA MUTAÇÃO ACIDENTAL
ALÉM DE DESCREVER
NO SEU DIÁRIO DO “BEAGLE”
A MANEIRA BRUTAL
COMO OS BRASILEIROS
TRATÁVAMOS OS ESCRAVOS

Urca, Rio de Janeiro, agosto de 1981

UM ANJO DE GUARDA - CHUVA

MEU ANJO DA GUARDA
NÃO MASCA CHICLETE, MASCA FUMO
NÃO GUARDA, AGUARDA
POIS O DIABO CHEGA SEMPRE TARDE
CAÇA SAPO COM BODOQUE
NOS LAMAÇAIS EM FLOR
COME ASINHAS DE PORCO
E TOMA BANHO
NAS ÁGUAS DO RENO
QUE COMO É SABIDO
ESTÃO REPLETAS DE CROCODILOS
TEMERÁRIO
SALTA DE PÁRA - QUEDAS
PRECAVIDO
ANDA DE GUARDA - CHUVA
ESTÁ CONTENTE EM QUALQUER COMPANHIA
SÓ NÃO GOSTA DE LAVAR AS LESMAS
DAS FOLHAS DE ALFACE
POR CONSIDERAR UM DESRESPEITO
AOS PRÓPRIOS ANTEPASSADOS

Urca, Rio de Janeiro, agosto de 1981

O CARMIM DAS BOQUINHAS

MEXER COM NÚMEROS
PARA FINGIR A VIAGEM
FAZER CONTAS COM O POSSÍVEL
FAZER PLANOS
COM CONTINHAS DE CHEGAR
O DESEJO SUBJUGADO AO ECONÔMICO

MEXER COM NÚMEROS
COMO EXPRESSÕES FISIONÔMICAS
FAZER CONTAS
PARA ENGANAR A VAIDADE
FAZER PLANOS PARA OS PÉS
A BOCA E OS OUVIDOS
(NO CORPO TUDO É TRANSITÓRIO)
SORRIR COM OS OLHOS E AS VÍSCERAS
MESTRE NA ARTE DE RECOMEÇAR

Santos, SP, setembro de 1981

TARDES ASSIM

TARDES ASSIM
DESBOTADAS
COM SOL, MAS FRIAS

DE LUZ E COR
MAS ESFUMADAS

QUANDO POR TERMOS APRENDIDO
A USAR AS PALAVRAS
JÁ NÃO TEMOS MAIS NADA A DIZER

TARDES ASSIM
DE TERNURA E MALDADE
CATEDRAIS E OLHOS PINTADOS

ENTRE OS TUMULTOS
DE UM MUNDO A MORRER

AS CONTRADIÇÕES
DE UM MUNDO A NASCER
E O AZÁFAMA DAS FORMIGAS

TARDES ASSIM
DE NADA SE OCUPAR
DE PEQUENAS VIRTUDES

PEQUENAS ESPERTEZAS
E VONTADE INCONSTANTE

EM QUE SE RI COM URGÊNCIA
E A ÚNICA ESCOLHA
É A FELICIDADE

Santos, SP, setembro de 1981

MÚSICA AO LONGE

AO LONGE

AINDA SE OUVE

O ZUNIDO DA INOCÊNCIA

E O CACAREJAR DA DOR

O GOSTO SUICIDA DO SAL

E A TIRANIA

QUE MAIS QUE A RAZÃO

NOS DISTINGUE

DOS OUTROS ANIMAIS

AO LONGE

AINDA SE OUVE

JOGO E CHACOTA

A TRANSITORIEDADE DO PERMANENTE

E A SUBSTITUIÇÃO DAS FERIDAS

A SOLITÁRIA LUCIDEZ

E A LOUCURA COLETIVA

O FESTEJO DOS ENIGMAS

GALINHAS E POETAS

AO LONGE

AINDA SE OUVI

O NOSSO PRINCIPAL ATRIBUTO

POEIRA, CICATRIZES

E O ALARIDO DOS RESÍDUOS

A PARCIALIDADE DO ACASO

E O CHORO DAS RECÉM - PARIDAS ALEGRIAS

O CRESCIMENTO DAS PALAVRINHAS

E O GUIZO LETAL DA REALIDADE

Santos, SP, setembro de 1981

LÂNGUIDO E FRIO COMO O OURO

A MILÍCIA DOS DESEJOS
OS MOVIMENTOS DA FOME
E OS ESTATUTOS DAS VIRTUDES PÓSTUMAS
APENAS UMA RELAÇÃO ENTRE
NÃO VALORES, MAS INTERESSES
CÓDIGOS DE CONDUTA
O BEM E O MAL : DIVISÕES TÃO PEQUENAS
NUNCA ESTAMOS ONDE ESTAMOS
POIS QUANDO FOLHAS NOVAS SE ABREM
TUDO SE TORNA POSSÍVEL
EXPLICAÇÕES SEM MÃOS
RESPOSTAS AMORDAÇADAS
O SENTIDO DAS SENTENÇAS
O POEMA QUE NOS IMPEDE

Santos, SP, setembro de 1981

QUEM CHEGA TARDE E POR ISSO TEM PRESSA

FLERTAR COM A VIDA
E FECUNDAR A MORTE
ENTRE O JEJUM E A GULA
COMO ÓLEO NO OCEANO

ENGOLIR POSSIBILIDADES
E REGURGITAR LIMITES
ENTRE CARDOS E URTIGAS
COMO O QUE É CLARO AQUI
E OBSCURO ALI

CERVEJA BRANCA NA MATA
E PRETA NA PEDREIRA
ENTRE A EFICIÊNCIA E A DEFICIÊNCIA
A ABSTINÊNCIA E A VIOLAÇÃO
COMO A OBSCENIDADE DO DOCE
E A LUXÚRIA DA GORDURA

SOBREVIVER
MESMO QUANDO A VIDA
FINGE SER A MESMA
ENTRE A LUCIDEZ DAS MOLÉCULAS
E OS RITUAIS IMOLADORES
COMO O SACIAR DOS DESEJOS
E O PUDOR DOS RESQUÍCIOS

Santos, SP, setembro de 1981

ENCONTRAR O LEITO
OU
A TRANSPOSIÇÃO DAS ÁGUAS

NASCEMOS PARA SER
A COMPROVAÇÃO DA PRÓPRIA EXISTÊNCIA
O OLHAR DA CÂMERA
NOS ILUMINA E ENLEVA
O MEDO DE NÃO SER VISTO
É MAIOR QUE O MEDO
DE SER VISTO
EM CADA ESQUINA
O PODER É SURDO
E SE REINVENTA
EM CADA BECO
A VARREDURA DO TEMPO
AREIA E MÁRMORE
MALÍCIA E ESPERTEZA
EM CADA PRAÇA
A MORTE É IRREPETÍVEL
COCA - COLA E TÊNIS NIKE
BICHO - DE - PÉ, PIOLHO E PRECONCEITO

EM CADA CORPO
MUDANÇAS CONTÍNUAS
ANGÚSTIAS E BENEFÍCIOS
RISO LARGO, SIMPATIA
E A MESMA FLOR
SEM DENTES

Santos, SP, setembro de 1981

ALGUMAS VIAS

A GRUTA GONGÓRICA
E A ESCORREGADIA CLARIDADE

VERSOS DE PÓ

UTILITÁRIOS E DETERMINISTAS
A PRÁTICA DEVORA AS UTOPIAS

COMO A ROTINA DEVORA AS PAIXÕES

A OESTE DO OESTE
SANTIDADE E DEGRADAÇÃO

AO SUL DO SUL

BESTIALIDADE E BELEZA
AO NORTE DO NORTE

OS SINAIS DA PESTE

A LESTE DO LESTE
LÁGRIMAS E SALIVA

AQUI, O JOGO, A ALEGRIA E O FOGO

UIVAR, SORRIR
SÃO PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

INSTINTOS TAMBÉM PODEM SER

RESULTADO DO TREINAMENTO
EMOÇÕES SÃO

EM GRANDE PARTE

REAÇÕES APRENDIDAS
DO PRINCÍPIO AO FIM

A VIDA É ESTRANGEIRA

Santos, SP, setembro de 1981

QUANDO A VIDA SE TORNA MAIS ESPESSA

A VOCÊ MULHER GRANDONA
EU DIRIJO O MEU DESEJO
MINHA INOCÊNCIA MOVEDIÇA
VEGETAL E DIURNA

TUA GEOGRAFIA SEDICIOSA
ME RESTITUI O QUE NÃO FURTEI :
TEU ENGENHO E TUA MINA
TUA FOME COTIDIANA
E TUAS FANTASIAS EXATAS

O SONHO, CÃO SEM DONO
(DE ORELHAS CHAMUSCADAS)
ESTÁ PASSANDO À NOSSA FRENTE
E A TERRA ME SOBE ATÉ A ALMA
SOMOS SÓ NÓS DOIS E O MUNDO
UM CASAL COMO TANTOS OUTROS

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1981

**LEVE COMO LUZ DERRETIDA ,
PESADO COMO A LIBERDADE**

ESTA MULHER

HABITÁ - LA POR ANTECIPAÇÃO

SALTAR POÇAS, ATIRAR PEDRAS

OBSERVAR PÁSSAROS E MENDIGOS

POSAR PRA FOTOGRAFIA

SALVAR ALMAS E ENRIQUECER

ESTA MULHER

HABITÁ - LA COM ÓLEO

FARDOS E AMAVIOS

SABER VIVER A VIDA

É TAMBÉM SABER

PÔ - LA EM RISCO

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1981

ENTENDER O ESTENDER - SE

DEUS CRIOU O HOMEM
PARA QUE O HOMEM
O CRIASSE
POR ISSO
A VIDA É BREVE
POUSO E REFEIÇÃO
FANDANGO E CATERETÊ
ÂNSIAS, ODORES, MUCOSAS E COISAS BANAIS
E EFICÁCIA NO MANEJO DA BERETTA
POR ISSO
É PREFERÍVEL ERRAR
QUE REPETIR
POIS A VIDA
É SEMPRE MAIOR
QUE QUALQUER INTERPRETAÇÃO
POR ISSO
UM BOM CONSELHO
VEM SEMPRE ACOMPANHADO
DE UM MAU CONSELHO
E SEM O MEDO TUDO FICA RARO
E SUPERFICIAL

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1981

UMA DELICADEZA NÃO ÓBVIA

UMA PAIXÃO ASSIM
COMO O CAPIM
QUE É MAIS FORTE QUE O TOURO
ONDE A CLARIDADE DIZ A VERDADE
E A ESCURIDÃO NÃO MENTE
PAIXÃO DE VÍSCERAS
E CARTILAGENS
ONDE O IMPONDERÁVEL SE AGITA
E A IMPERFEIÇÃO É O PARAÍSO
UMA PAIXÃO TEMPORÃ
COMO UM LEGADO IMPOSTO
COMO O SOM
QUE FICA APÓS O TÉRMINO DA MÚSICA
UMA PAIXÃO
COM O ENGENHO DAS LARVAS
INTRUSA E ELEMENTAR
A DERRAMAR - SE COMO UM LOGRO

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1981

NEGRA

Para Regina Maria dos Santos

NO MEIO DA PAISAGEM

PEDRA REBELDE

EU SÓ VEJO A TI

A TUA BELEZA

UM TEMPLO GREGO

BRINCA E RI

MODERNA

EXATA

SEM ACESSÓRIOS

A TUA BELEZA

SÓLIDA

SUBVERTE A CONCEPÇÃO

ORDEIRA E UNILATERAL

NA BRANCURA DA TARDE

O TEU PERFIL

NEGRO

SE IMPÕE

COMO UMA COLUNATA

NA BRANCURA DA TARDE

PLACENTA DE LUZ

DENTRO DA PEDRA

É SEMPRE NOITE

Urca, Rio de Janeiro, outubro de 1981

A PENETRAÇÃO TRANSPARENTE

SÚDITOS DO TEMPO

O FATO E O SONHO

TRAZEM A SI MESMOS COMO SEMENTE

ONDE TUDO É FLUXO

HÁ SEMPRE UMA COTA DE POSSIBILIDADES

E UMA COTA DE LIMITAÇÕES

ONDE TUDO É FLUXO

HÁ UM DESEJO DE PERMANÊNCIA

COMO SUJEIRA OCULTA SOB AS UNHAS

NO FATO COMO NO SONHO

OS POLIEDROS INCERTOS

E OS SÓLIDOS INDECISOS

NO FATO COMO NO SONHO

TUDO ESTÁ COMO SEMPRE ESTEVE

E NADA ESTÁ COMO SEMPRE ESTEVE

Santos, SP, novembro de 1981

DIAS ASFALTADOS DE LAÇOS

ELA ME OLHA DE LADO
E A TARDE COMEÇA A SANGRAR
ME FITA DO ALTO
COM PÉROLAS E SOBERBA
E PASSA AO LARGO
COM SUAS NOÇÕES
LAMBENDO O SILÊNCIO
EU, QUE SÓ DE OLHAR
PAREÇO MANCHÁ - LA
DESEJO QUE O MAL
LHE SEJA DOCE

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1981

UMA ÚNICA NOITE

SOLTAR O AR

E SE SENTIR UM REI

RESPIRAR, PIRAR

SOLTAR O ESPÍRITO

E DAR UM ESPIRRO

SOLTAR O PENSAMENTO

E BOCEJAR

TOSSIR, EXPELIR DA GARGANTA

LANÇAR FORA DE SI

ARROTAR ESTE GOZO

SEM REMORSOS

SOLTAR AS CORDAS, AS AMARRAS

OS MARCOS DA TERRA

OS TOSCOS INSTRUMENTOS

DO SENSO COMUM

DESAMARRAR OS SAPATOS

E LAVAR OS PÉS EM LEITE

ACORDAR A SORTE

A CADA INSTANTE

UM SEM NÚMERO DE POSSIBILIDADES

UMA ÚNICA NOITE
DESCREVER A SUA NEVE, TRADUZIR A SUA SEDE
QUEIMAR PALAVRAS
E ASPIRAR SEU MOVIMENTO
EM COMBUSTÃO
FLUTUAR NA MORNA CLARIDADE
SOLTAR A LÍNGUA
COMO VIEIRA E MACHADO

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1981

UMA ALEGRIA TISNADA

SOLIDÃO

O SILÊNCIO DA NATUREZA

MORMAÇO

OS MÉTODOS E AS CILADAS

O ALARME DAS PÁLPEBRAS

PREFERÊNCIAS E AVERSÕES

SOMOS PROVISÓRIOS E AVESSOS

DESDE O INÍCIO

DESCASCAR AS FERIDAS

APRENDER A RESPIRAR

EM OUTRAS ATMOSFERAS

SE TUDO ESTÁ PERDIDO

TUDO É NECESSÁRIO

O INSÓLITO, O INESPERADO E O INTOLERÁVEL

POIS TODO ESPONTÂNEO

CUSTA MUITO ENSAIO

CONSULTAR AS VÍSCERAS

E MORRER NUMA BATUCADA

MORRER COMO SEMPRE SE MORREU
DESCONFIADO, PREGUIÇOSO E SOZINHO
DILATAR A VIDA NA ALEGRIA
NA EGOÍSTA GENEROSIDADE E NA LUCIDEZ OBESA
E AO FIM RESTAR APENAS
A OBSCENIDADE DO VENTO

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1981

**A EDUCAÇÃO PELA FANTASIA
OU
O PRAGMATISMO UTÓPICO**

PRIMEIRO, VOCÊ É MUITO JOVEM
PRA FAZER AS COISAS
TEM QUE ESPERAR, ETC.
DEPOIS, TEM QUE CONSTRUIR
ALGUMA COISA – O RESTO
PODE ESPERAR
POIS VOCÊ AINDA TEM
A VIDA INTEIRA PELA FRENTE
QUANDO ESTÁ MADURO
TE DIZEM QUE NÃO PODE
FAZER CERTAS COISAS (O RESTO
QUE DEIXOU PRA DEPOIS)
POIS JÁ ESTÁ MUITO VELHO PRA ISSO
E VOCÊ SE INTIMIDA
NO FINAL, QUANDO EFETIVAMENTE
VOCÊ QUER FAZER ALGUMA COISA
A VONTADE SE ENRUGOU
E VOCÊ ESTÁ VERDADEIRAMENTE VELHO

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1981

ÀS VEZES

ÀS VEZES

EU PREFIRO

OS TEUS PROVÉRBIOS CUNHADOS

AOS TEUS BALUARTES LÍQUIDOS

OS TEUS MÚSCULOS, CARTILAGENS E NUVENS

AO TEU CORAÇÃO - ESTÔMAGO

EU PREFIRO

UM OLHAR QUALQUER

DE TRELIÇA

AO TEU OLHAR CASTIÇO

E INDIFERENTE

COMO UM CRAVO BEM PREGADO

ÀS VEZES

EU PREFIRO

MINHA CARNE EM TEUS DENTES

AO TEU CARINHO DE ÁGUA

QUE DESGASTA AS PEDRAS

OS TEUS ABISMOS CONIVENTES

AOS TEUS ESCABROSOS COSTUMES

DE COPA E COZINHA

EU, QUE COM O LIMITE
DA PLANTA DOS MEUS PÉS
SEMPRE DEI MUITO TRABALHO
À POEIRA DOS CAMINHOS
PREFIRO A CINZA
DO QUE NÃO IMPORTA
AO BARRO DO IMPORTANTE
QUE ESCONDE O ROSTO
E ESCURECE A VISTA
PREFIRO O TEU ÓDIO NU
AO TEU AMOR
VESTIDO DE APETRECHOS

Urca, Rio de Janeiro, novembro de 1981

UM OLHAR ESCONSO

*Rita, Rita,
o fogo apaga
e nós num pita.*

NÃO CONSEGUIMOS
DEIXAR DE SER COMO SOMOS
O TEMPO PASSOU
E O TEMPO, COMO A SAÚDE
É UMA EXPERIÊNCIA SUBJETIVA
OS PRAZERES E OS PADECIMENTOS
NOS FORTALECERAM
E ENFRAQUECERAM
A VIDA NADA NOS PROMETEU, RITA
COMO ENTÃO ENCARÁ - LA ?
O TREM APITA NA CURVA
NA TURVA ESTRADA
DE FERRO
TUDO É ARTIFICIAL E TRANSITÓRIO
CONTRADIÇÃO E LUZ CLARA
TUDO É JUNTO E SEPARADO
COMO OS DEDOS
E SÓ ASSIM É POSSÍVEL IR EM FRENTE

O TEMPO PASSOU, RITA
O TEMPO ESTÁ PASSANDO
DISSIMULADO
A NOS OLHAR DE SOSLAIO
A NOS TIRAR UMA LINHA
A NOS PISCAR UM OLHO

Santos, SP, dezembro de 1981

: VEREDAS

ESTE LADO FRANCO
MANCO, SINUOSO
DESPROVIDO DE QUALQUER
CARGA DRAMÁTICA
ESTE LADO OCULTO
SALSO, SONSO
SEM LUTO OU CULPA
QUE JÁ NÃO DISTINGUE
O ALVO
ESTA FEBRE LAICA
OPACA, PROFANA
QUE ESCAPA DAS GRADES
ESTE PASSO EM FALSO
QUE RESPIRA ESCONDIDO
E LACERA O SUPERFICIAL
ESTE CLIMA AMENO
COTIDIANO, CORDIAL
QUE TROCA DE PELE
E ABRE E FECHA
OS OLHOS

ESTA PERA
ESTA UVA
ESTA MAÇÃ
ESTE LODO VENOSO
ESTE VELHO MEDO
E A SALVAÇÃO DA DÚVIDA

Urca, Rio de Janeiro, dezembro de 1981

UM POEMA AGACHADO

A PRIMEIRA IMPRESSÃO
É DE UMIDADE
LEVE COMO TUDO
QUE FAZ BEM AO CORAÇÃO
RUBIS E MACACOS
VÍCIOS E ENIGMAS
OS DEMÔNIOS SÃO EXTERNOS
E OS DEMÔNIOS SÃO INTERNOS
DUNAS SEMOVENTES, CHUVA
QUE CAI EM PÉ
E CORRE DEITADA
A FORÇA DO FALSO
ESTENDE SEU VIGOR
DE UMA EXTREMIDADE À OUTRA
TUDO É REAL
O SECUNDÁRIO
O SUBORDINADO
E O INCIDENTAL
AMOR É PELE, UNIVERSO HERMÉTICO

APRENDER A MORRER
COM OS MECÂNICOS E OS LOJISTAS
O PÃO - PRAZER DE CADA DIA
ABANDONAR PAI E MÃE
IRMÃO, ESPOSA E FILHOS
SENTIR - SE EM CASA
EM QUALQUER LUGAR
LEVE

Urca, Rio de Janeiro, dezembro de 1981

NUNCA MAIS VOLTAREMOS PARA CASA

O CONHECIMENTO NÃO É
FIEL A NADA
É AQUILO QUE APARECE
ALÉM DO PESO E DA INÉRCIA
DOS CORPOS
O CONHECIMENTO NOS DEIXA
NUS
O QUE A MENTE FAZ
ELA O FAZ
NO HORIZONTE DO CORPO
NÃO VEMOS APENAS
COM OS OLHOS
MAS COM O CÉREBRO
DEFINIR É FIXAR
E A VIDA NÃO É FIXA
O ESTRANHO
ESCONDE MUITO
DO FAMILIAR
E O CONHECIDO CONTÉM
MUITOS ENIGMAS

AQUILO QUE APARECE NUM HOMEM
COMO DIVINO
É PRECISAMENTE AQUILO
QUE APARECE
EM TODOS OS DEMAIS HOMENS

Santos, SP, dezembro de 1981

ÉDEN

UM JARDIM ASSIM
COM O RUMOR DAS SEMENTES
E O ESTALIDO DOS SONHOS
UM JARDIM POR ENQUANTO
COM UM LAGO PÉTREO
DENTRO E FORA DA CIDADE
ONDE EU POSSA REFUGIAR - ME DA REALIDADE
NA REALIDADE
UM JARDIM CLARO
AINDA NÃO VISITADO
PELA IMPOSSIBILIDADE
ONDE EU POSSA
ABRIR MEUS ESPINHOS
E REVIGORAR - ME
A PARTIR DAS FRESTAS
UM JARDIM CONCISO
PARA LONGOS PASSEIOS COM SERPENTES
ESCARPADO
COMO OS OLHOS DOS JAGUNÇOS

E EXATO
COMO O SILÊNCIO DOS BEATOS
DEGOLADOS PELA REPÚBLICA
UM JARDIM MODERNO, CRISTALINO
QUASE OBSOLETO
ONDE OS VÍCIOS DA MODA
SE TRANSFORMAM EM VIRTUDES

Urca, Rio de Janeiro, junho de 1982

**CINEMA CALADO OU
ECONOMISTAS NUNCA ESTÃO DE
BOM HUMOR**

NO CINE GUARANI
ELA ERA UM OSSO
ATRAVESSADO NA BOCA

A LUZ DO FILME
ARTE E CIÊNCIA
REFLETIA EM SEU ROSTO
O FASCÍNIO DA CONDIÇÃO HUMANA
E OS MEUS SONHOS DE CAUBÓI

NO CINE GUARANI
A ESPERA ERA SEMPRE
UMA OPORTUNIDADE
A LIBERDADE
UM SUSPIRO FECHO ECLER
E OS DILEMAS DA EXISTÊNCIA
BOIAVAM EM SEU REGAÇO
SEM PREOCUPAÇÃO, SENTIDO OU FINALIDADE

VER O MUNDO
NO CINE GUARANI
SEM O FETICHE DA MODERNIDADE
OU A HERANÇA DA ESCRAVIDÃO

SOBREVIVER MERAMENTE
SEM CANSAÇO OU MÉTODO
EM SEU BEIJO ROSICLER
E NO EMBARAÇO DE SEUS CABELOS

NO CINE GUARANI
DEDOS DESTILAVAM MÚSICA
SAPATOS SE CRUZAVAM
ENTRE OS DEDOS
DESPERDIÇAVA - SE TEMPO
COMO DINHEIRO
(HORROR DOS ECONOMISTAS !)
OUTROS DEUSES FALAVAM A OUTROS CRENTES

Santos, SP, setembro de 1982

CARTOGRAFIA

PALAVRA É COISA

LUVA FOLGADA, LEGADO

EMPREGADINHA E PATROA

HABITUADA A SERVIR

E HABITUADA A SER SERVIDA

PALAVRA É PELE

SATISFEITA CONSIGO MESMA

QUE SALTA DE DENTRO DE SI

PARA O ABISMO DO REAL

PALAVRA NÃO TEM VIDA PRÓPRIA

A PALAVRA DE SEXTA - FEIRA À NOITE

NÃO É A MESMA

DE SEGUNDA - FEIRA DE MANHÃ

PALAVRA É COISA

E UMA COISA

SEMPRE ESTABELECE RELAÇÃO

COM OUTRA COISA

A PALAVRA NÃO TEM PROBLEMAS PESSOAIS

ELA DORME NA RUA

ELA PERDOA EM SI PRÓPRIA A JUVENTUDE

ELA VENDE O SEU PÃO
PARA COMPRAR FLORES
A VIRGINDADE DA PALAVRA
É UMA VIRGINDADE DE HÍMEN COMPLACENTE
NA PALAVRA
O FIM É REDONDO COMO O PRINCÍPIO

Urca, Rio de Janeiro, junho de 1983

ALGO DE OBSCENO

PERGUNTAS SÃO CÃEZINHOS
QUE PULAM DA BOCA
COM SUAS PATINHAS SUJAS
PARA O COLO DAS MADAMES
PERGUNTAS SÃO NOZES DE SOBREMESA
PARA QUEM NÃO TEM DENTES
PERGUNTAS SE IMPACIENTAM EM APARTAMENTO
ELAS GOSTAM MESMO É DE RUA
PERGUNTAS SÃO PERDULÁRIAS, VOLÚVEIS E INFIÉIS
PERGUNTAS ESTÃO SEMPRE GRÁVIDAS
O QUE SE TORNOU PERFEITO NÃO FAZ PERGUNTAS
O QUE SE TORNOU PERFEITO QUER MORRER
SÓ O IMPERFEITO FAZ PERGUNTAS
SÓ O IMPERFEITO QUER VIVER
PERGUNTAS ESTILHAÇAM CRISTAIS
E NÃO SE PREOCUPAM EM TER SEMPRE RAZÃO
A PERGUNTA NUNCA É SERVA COMO A RESPOSTA
ELA NÃO TEM O CARÁTER REPRESSIVO DO SEGREDO
NEM SE RECONCILIA COM AS ADIVINHAÇÕES
A PERGUNTA É UM FIO ESTICADO PRONTO A SE ROMPER

Laranjeiras, Rio de Janeiro, agosto de 1983

TODOS OS SÁBIOS

1. A SABEDORIA DE SOBREVIVER
SEM NADA TER OU SABER
2. A SABEDORIA DA BUSCA, DO AFASTAR - SE DA COSTA
3. A SABEDORIA DO FOGO, DA AGULHA E DO ACASO
4. A SABEDORIA DO NÃO - ESPECIALISTA
QUE NÃO PRECISA SER TRATADA COM MEDICAMENTOS
5. A SABEDORIA DO PÓLEN
QUE DANÇA EM CIMA DAS VELHAS SEPULTURAS
6. A SABEDORIA DO QUE HÁ DE MAIS MALVADO
NO QUE HÁ DE MAIS BONDOSO
7. A SABEDORIA DA IGNORÂNCIA
QUE CRESCE A PARTIR DE SUA AUTO - SUPERAÇÃO

8. A SABEDORIA DO TRANSITÓRIO
QUE NÃO INSISTE
NO QUE É SUPOSTAMENTE NATURAL

Laranjeiras, Rio de Janeiro, setembro de 1983

O SUICÍDIO DO POETA

EU JAMAIS ME SUICIDARIA
POR DOR - DE - DENTE OU MAU - OLHADO
MESMO SABENDO
QUE O DELITO É O EIXO DO UNIVERSO
QUE NO CORPO SE EXPRIME A AÇÃO
E QUE OS DESEJOS INSENSATOS
SÃO COISAS INDISPENSÁVEIS

EU JAMAIS ME SUICIDARIA
PARA LIVRAR - ME DO SILÊNCIO DAS PALAVRAS
OU DO JEJUM DOS EXCESSOS
MESMO SABENDO
QUE O AMOR SOBRELEVA AS VIRTUDES E OS VÍCIOS
ALÉM DE FUNDAMENTAR AS VIAGENS À DISNEYLÂNDIA
E AS BOLSAS DE ESTUDO NO EXTERIOR

EU JAMAIS ME SUICIDARIA
RASGANDO AS VÍSCERAS COM AS MÃOS
MESMO SABENDO

DAS ESTRANHEZAS DOS VIVOS
E DA BANALIDADE DOS MORTOS
DOS DELÍRIOS DA LUCIDEZ
E DO BOLOR DOS ENIGMAS

Laranjeiras, Rio de Janeiro, junho de 1984

